



Universidade Federal
de São João del-Rei

FERNANDA DE BARROS CAMPOS

**O SILÊNCIO DAS MULHERES E OS LUGARES DE DIZER: UM OLHAR
SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO**

São João del-Rei

2023

FERNANDA DE BARROS CAMPOS

Texto apresentado à banca de defesa como requisito para a obtenção do título de Mestra em Letras, por meio do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei.

Área de concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de pesquisa: Discurso e Representação Social

Orientadora: Profa. Dra. Luciani Dalmaschio

São João del-Rei

2023



Emitido em 25/08/2023

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO N° 9/2023 - PROMEL (13.20)

(N° do Protocolo: 23122.033426/2023-63)

(Assinado digitalmente em 25/08/2023 17:56)

LÚCIANI DALMASCHIO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DELAC (12.21)
Matricula: 000413W1

(Assinado digitalmente em 28/08/2023 14:05)

NADIA DOLORES FERNANDES BIAVATI
COORDENADOR DE CURSO
PROMEL (13.20)
Matricula: 000414#8

(Assinado digitalmente em 27/08/2023 16:05)

FERNANDA DE BARROS CAMPOS
DISCENTE
Matricula: 2020####9

Visualize o documento original em <https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/> informando seu número: 9, ano: 2023, tipo: ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO, data de emissão: 25/08/2023 e o código de verificação: a97415aded



Universidade Federal
de São João del-Rei

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI - UFSJ
Instituída pela Lei nº 10.425, de 19/04/2002 - D.O.U. DE 22/04/2002
Programa de Pós-graduação em Letras

Priscila Brasil Gonçalves Lacerda

Priscila Brasil G. Lacerda

Nádia Dolores Fernandes Biavati

Fernanda de Barros Campos

Obs.: O aluno deverá encaminhar à coordenação do curso, no prazo máximo de 90 dias, o exemplar impresso definitivo da dissertação e uma cópia em pendrive, versão PDF.

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C198s Campos, Fernanda.
O SILÊNCIO DAS MULHERES E OS LUGARES DE DIZER: UM
OLHAR SEMÂNTICO-ENUNCIATIVO / Fernanda Campos ;
orientadora Luciani Dalmaschio. -- São João del-Rei,
2023.
100 p.

Dissertação (Mestrado - Letras) -- Universidade
Federal de São João del-Rei, 2023.

1. Semântica da enunciação. 2. Silenciamento. 3.
Mulher. 4. Referencial histórico. 5. Lugar social de
dizer. I. Dalmaschio, Luciani, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

O mestrado foi uma longa jornada, cheia de altos e baixos, que atravessou o túnel escuro da pandemia e que muitas vezes só foi suportável pelas pessoas que se mantiveram ao meu lado na caminhada, sempre ouvindo minhas queixas, acalmando minhas preocupações, me fazendo rir quando o desespero de não saber o que fazer me alcançava, se revezando para segurar minha mão quando parecia impossível continuar. Por isso, deixo aqui meus agradecimentos especiais para aqueles que tenho orgulho de poder dizer que sempre estiveram ao meu lado.

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder saúde e paciência para seguir em frente.

À minha orientadora Luciani, pela brilhante orientação, acompanhando de perto todos os passos desta pesquisa, e por ter instigado um pouco de teimosia e rebeldia em mim durante todo o percurso. Obrigada pela confiança, paciência, por todos os ensinamentos partilhados durante esses anos e por ter se tornado uma referência para mim enquanto mulher e pesquisadora.

À Jesse, minha pessoa, que caminha comigo há dez anos sem nunca me permitir ficar para trás, a alma literária da minha veia linguística. A simples palavra “obrigada” não é o suficiente para transmitir todo meu amor, gratidão e felicidade por todas as vezes que você foi minha voz e meu silêncio, me ajudando a organizar as minhas próprias ideias e argumentos, nos momentos em que a escrita pareceu tão difícil para mim.

A Maré, cujo entendimento tácito sobre mim extrapola a necessidade de usar palavras, por sempre ser movimento ao meu lado, permitindo que eu navegasse nas ondas turbulentas da criatividade e pesquisa nos últimos anos. À Laris, que construiu histórias comigo, por ser sempre tão confiável quanto o uso do ponto ao fim de uma frase. À Barbara, que usou sua voz para me chamar para fazer outras coisas quando percebia que eu precisava me distrair.

Agradeço aos professores de Letras da graduação e mestrado da UFSJ, pelos debates e ensinamentos, e ao grupo de pesquisa também da UFSJ pelas discussões sempre ricas e sugestões que tanto contribuíram para esta dissertação, e em especial agradeço à Laura, por sempre estar disposta a ajudar, independente de qual fosse a dúvida.

Agradeço à minha mãe, que me ensinou o amor à pesquisa desde criança e sempre disse que estava mais interessada em criar uma cientista a uma futura dona de casa.

Por fim, agradeço ao meu pai, que me ensinou o amor às palavras e quem, mais do que qualquer pessoa, sonhou em me ver pós-graduada. Você partiu no meio do meu mestrado, mas sei que ainda olha por mim de onde quer que esteja. A gente conseguiu, pai. Eu consegui.

Pela maior parte da História, “anônimo” foi uma mulher.

Virgínia Woolf

RESUMO

O presente estudo encontra como ancoragem teórica os pressupostos desenvolvidos pela Semântica da Enunciação e tem por finalidade analisar como o silenciamento feminino se manifesta em discursos da e sobre a mulher. Busca, assim, traçar o percurso da construção moderna e ocidental da feminilidade, categorizar sob quais referenciais essa construção ocorre e analisar, linguisticamente, os efeitos de sentido desse silenciamento em diferentes lugares de dizer e momentos históricos-sociais. Face a isso, apresenta algumas categorias (*mansplaining*, *maninterrupting*, *bropropriating* e *gaslighting*) pelas quais esse silenciamento se materializa, observando como o domínio de mobilização, o espaço de enunciação e os referenciais históricos se articulam para sua sustentação dessas enunciações. A seleção do *corpus* da pesquisa foi realizada por meio de buscas de enunciados nas redes sociais *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*, bem como no site de pesquisas *Google*, utilizando dois processos metodológicos, a saber: sondagem (GUIMARÃES, 2018; 2023) e redes enunciativas (DIAS, 2018). Utilizamos, ainda, a reescrituração, por recurso parafrástico, a fim de investigar o tensionamento entre o dito e o não-dito, visto que os nomes ‘silêncio’ e ‘silenciamento’ nem sempre apareceram de formas explícita em nosso *corpus*. Desse modo, nossa análise permitiu descrever em que medida o silenciamento participa do processo de significação dos papéis que a mulher desempenha no cotidiano social e como os referenciais históricos mobilizam ou desmobilizam esse silenciamento.

Palavras-chave: Semântica da enunciação. Silenciamento. Mulher. Referencial histórico.

ABSTRACT

This study is based on the assumptions of the Semantics of Enunciations and analyze how female silencing is manifested in discourses made by women and about women. Therefore, it seeks to trace the course of the modern and Western construction of femininity, to categorize under which references this construction occurs and analyze, linguistically, the effects of meaning of this silencing in diferente places of saying and histotical-social moments. In view of this, it presents some categories (mansplanning, maninterrupting, bropropriating and gaslighting) through which this silencing materializes, observing how the mobilization domain, the enunciation space and the historical references are articulated to support these enunciations. The selection of the research corpus was carried out through searches on the social medias Twitter, Instagram and Facebook, as well as on the Google searsh site, using two methodological processes: survey (GUIMARÃES, 2018; 2023) and enunciative networks (DIAS, 2018). We also used rewriting, by paraphrastic resoucer, in order to investigate the tension between what was said and what was not said, since the names ‘silence’ and ‘silencing’ did not always appear explicitly in our corpus. Therefore, our analysis allowed us to describe the extent to which silencing participates in the process of meaning of the roles women play in social life and how historical references mobilize or desmobilize this silencing.

Keywords: Semantic of enunciation. Silencing. Women. Historical reference

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Capa e lead da revista Istoé	27
FIGURA 2 – Página da revista Veja	30
FIGURA 3 – Comentário do ex-presidente Jair Bolsonaro	31
FIGURA 4 – Postagem sobre <i>mansplaining</i> no Twitter	32
FIGURA 5 – Sequência de capturas de tela de desabafo feita por pesquisadora	34
FIGURA 6 – Descrição de um perfil no aplicativo <i>Tinder</i>	35
FIGURA 7 – Piada sobre estupro feita por Whidersson Nunes	38
FIGURA 8 – Piada sobre estupro feita por Danilo Gentili	38
FIGURA 9 – Cartaz: a culpa é da roupa?	39
FIGURA 10 – Divulgação de aplicativo de apoio às mulheres	47
FIGURA 11 – Ditado popular brasileiro	50
FIGURA 12 – Imagem fazendo referência ao ditado brasileiro	51
FIGURA 13 – Personagem de animação fazendo referência ao ditado popular brasileiro	51
FIGURA 14 – Reelaboração do ditado popular brasileiro	51
FIGURA 15 – Camiseta com estampa de ditado popular brasileiro reformulado	52
FIGURA 16 – Texto explicando o significado de “Mulherão da porra”	55
FIGURA 17 – Diferenciação do sentido da forma linguística “porra”	57
FIGURA 18 – Captura de tela da busca “Taylor Swift VMA 2009”	64
FIGURA 19 – Captura de tela do Twitter	71
FIGURA 20 – O ladrão de ideias	74
FIGURA 21 – Capturas de tela de mulheres no <i>Twitter</i> falando sobre o <i>mansplaining</i>	75
FIGURA 22 – Macho palestrinha	77
FIGURA 23 – Tradução da Netflix para “ <i>mansplaining</i> ”	78
FIGURA 24 – Livro <i>Men Explain Things to me</i>	79
FIGURA 25 – Minha ex-namorada era completamente louca	82
FIGURA 26 – Minha ex é louca	83
FIGURA 26 – Por trás de uma mulher louca	84

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Rede Enunciativa 01	67
QUADRO 02 – Rede Enunciativa 02	68
QUADRO 03 – Rede Enunciativa 03	69
QUADRO 04 – Rede Enunciativa 04	70
QUADRO 05 – Rede Enunciativa 05	72
QUADRO 06 – Rede Enunciativa 06	73
QUADRO 07 – Rede Enunciativa 07	74
QUADRO 08 – Rede Enunciativa 08	80
QUADRO 09 – Rede Enunciativa 09	82
QUADRO 10 – Rede Enunciativa 10	84

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 SILÊNCIO FEMININO: UMA (IM)POSSIBILIDADE DE DIZER	14
1.1 As mulheres e o dizer	15
1.2 As mulheres e o “não-dizer”	23
<i>1.2.1 Formas de silenciamento feminino</i>	26
<i>1.2.2 O silêncio e a resistência</i>	41
2 PRESSUPOSTOS ENUNCIATIVOS	44
2.1 O dizer em enunciação	44
<i>2.1.1 Domínios de mobilização</i>	45
<i>2.1.2 Referencial histórico</i>	46
<i>2.1.3 Pertinência enunciativa</i>	48
<i>2.1.4 Espaço de enunciação</i>	48
<i>2.1.5 A forma linguística em articulação</i>	53
<i>2.1.6 A formação nominal</i>	56
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
4 ANÁLISE	62
4.1 O silenciamento feminino refletido	62
<i>4.1.1 Maninterrupting</i>	63
<i>4.1.2 Bropropriating</i>	71
<i>4.1.3 Mansplainning</i>	75
<i>4.1.4 Gaslighting</i>	80
4.2 Os lugares sociais de dizer e o silenciamento feminino	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	96

INTRODUÇÃO

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir.

(Djamila Ribeiro)

A mulher na sociedade é parte importante – é ela quem dá a vida, educa, transforma e guia os homens. Seu papel de musa inspiradora não se restringe só à arte, mas está na base de discursos que buscam colocá-la no lugar ideal, lugar esse que nem sempre é desejado por ela. Assim, a imagem da mulher é construída para ser adorada, enquanto sua voz é estridente, fina, desagradável de se ouvir e, por isso, deve ser silenciada, não importa o momento ou a contribuição histórica que essas mulheres possam trazer para a sociedade.

Mileva Marić, as históricas de Freud, Emma Jung, Marguerite Lwoff, Zelda Fitzgerald, Taylor Swift são alguns exemplos de mulheres que tiveram suas obras — científicas ou literárias — apropriadas por um homem. Em alguns casos, esses trabalhos renderam prêmios Nobel, título de pensador do século e, até a alcunha de gênio incompreendido. Na política, mesmo com os avanços dos direitos das mulheres, o silenciamento feminino persiste de maneira menos polida, como aconteceu com Dilma Rouseff e Marielle Franco.

Vemos, assim, que mesmo com o avançar dos séculos e as discussões sobre os direitos femininos, o silêncio ainda é parte constituinte da mulher, da mesma forma que é fundador de um discurso — menos do que ausência de palavras, o silêncio também é uma forma de dizer, que se manifesta de maneira material e linguística, passível de análise, como aponta Eni Orlandi (2007). Para a Semântica da Enunciação, as formas de dizer e de significar, ou seja, as formas de expressão, se constroem ancoradas por uma relação social e histórica e, articuladas na materialidade linguística, apontam para um efeito de sentido.

Com isso posto, e a partir de um olhar semântico-enunciativo, a discussão dessa dissertação se desenvolve a partir do seguinte questionamento: **Como o silêncio se manifesta nos discursos das mulheres e sobre as mulheres?** Para responder essa questão, buscamos atingir os seguintes objetivos: I) categorizar as formas de silêncio que permeiam as enunciações da e sobre a mulher; II) demonstrar como o silêncio se manifesta linguisticamente em enunciações realizadas pela mulher; III) analisar como esse silêncio se manifesta em diferentes posições político-histórico-sociais; IV) analisar em que medida os referenciais históricos mobilizam o silenciamento dos discursos da/sobre a mulher.

No Capítulo 1, intitulado “Silêncio feminino: uma (im)possibilidade de dizer”, apresentamos as questões históricas, sociais e políticas que sustentam a ausência de registros de existência feminina na História e as implicações disso para a construção de identidade da mulher e a manutenção de discursos machistas e misóginos que afastam a mulher de posições sociais imaginariamente masculinas. Na seção 1.1, “As mulheres e o dizer”, traçamos a visão da sociedade acerca da mulher que fala, desde a antiguidade até a modernidade. Optamos por, após isso, fazer um recorte de análise a partir do século 19 das mulheres no Ocidente, por entendermos que a noção de feminilidade que rege a nossa sociedade atualmente foi construída no fim de 1900, bem como por acreditarmos que essa feminilidade se dá de uma maneira distinta ao que acontece em grande parte do Oriente. Na seção 1.2, “As mulheres e o não dizer”, discutimos o emudecimento feminino em duas subseções: “Formas de silenciamento feminino” (1.2.1), em que apresentamos as categorias de silenciamento analisadas nesta dissertação – *mansplaining*, *manterruption*, *bropropriating* e *gaslighting* – exemplificando cada um desses movimentos com reportagens ou postagens em redes sociais, e “O silêncio e a resistência” (1.2.2), em que discutimos o silenciamento não mais como uma subjugação da mulher, mas enquanto uma posição de luta e resistência, já que o sentido é construído não só pela voz, mas, também, pelo silêncio, como defendido por Eni Orlandi (2007).

No capítulo 2, cujo título é “Pressupostos enunciativos”, apresentamos alguns conceitos da Semântica da Enunciação que são importantes para as análises desta pesquisa, intercalando, ao longo do capítulo, a teoria com exemplos de silenciamento da mulher. Assim, temos as subseções 2.1.1, “Domínios de mobilização”, 2.1.2, “Referencial histórico”, 2.1.3, “Pertinência enunciativa”, 2.1.4, “Espaço de enunciação”, 2.1.5, “A forma linguística em articulação” e 2.1.6, “A formação nominal”.

No terceiro capítulo, denominado “Pressupostos metodológicos”, apresentamos um aprofundamento acerca dos procedimentos metodológicos utilizados para a análise. Desse modo, descrevemos o processo de seleção do *corpus*, os recursos utilizados para análise, além do procedimento metodológico de sondagem, desenvolvido por Guimarães (2018; 2023) e de rede enunciativa, desenvolvido por Dias (2018).

O quarto capítulo, aquele destinado à análise, foi separado em duas seções. Na seção 4.1, intitulada “O silenciamento feminino refletido”, discutimos cada categoria de análise definida no capítulo 1, *Manterrupting* (4.1.1), *Bropropriating* (4.1.2), *Mansplaining* (4.1.3) e *Gaslighting* (4.1.4), e analisamos como o silêncio se manifesta linguisticamente em enunciações realizadas pela/sobre mulher. A seção “Os lugares sociais de dizer e o

silenciamento feminino” (4.2) traz nossas reflexões sobre a importância de considerar o referencial histórico na produção de sentido, além do lugar social de dizer que o locutor ocupa.

Por fim, com o objetivo de retomar alguns pontos discutidos ao longo da dissertação, apresentamos as “Considerações finais” sobre a pesquisa realizada.

1 SILÊNCIO FEMININO: UMA (IM)POSSIBILIDADE DE DIZER

Uma criatura muito estranha, complexa, emerge então. Na imaginação, ela é da mais alta importância; em termos práticos, é completamente insignificante. Atravessa a poesia de uma ponta à outra; por pouco está ausente na história. Domina a vida de reis e conquistadores na ficção; na vida real, era escrava de qualquer rapazola cujos pais lhe enfiassem uma aliança no dedo.

(Virginia Woolf)

Sobre as mulheres sempre há o que se dizer – seu comportamento, sua inteligência, sua utilidade na sociedade, seus deveres e vocações, seu lugar, seus mistérios. No entanto, quando as mulheres tentam falar, são vistas como agressivas e invasoras de um espaço que não lhes pertence (BEARD, 2018).

O silêncio feminino não é um acaso da história; é, na verdade, a sustentação de uma ideologia que, mesmo com os avanços políticos, se mantém centrada em uma sociedade masculina, feita para e pelo homem (PERROT, 1998). Por essa razão, por mais que as mulheres tenham sido objeto de análise de poetas, filósofos, ensaístas, médicos e cientistas, a existência delas ainda é cercada de misticismo e, principalmente, de idealizações.

Falar sobre o silêncio feminino, como apresentamos aqui, não é ter a mulher como objeto, mas pensar como uma voz, que socialmente é sempre descrita como vociferante, se fez tão emudecida em vários espaços e momentos históricos diferentes, ao mesmo tempo em que é ensinado à mulher sempre falar mais baixo.

A fim de organizar as discussões sobre o silêncio, a mulher e seus efeitos de sentido, dividimos este capítulo em duas seções maiores: na seção 1.1, intitulada “As mulheres e o dizer”, discutimos como a sociedade enxerga a mulher que fala, desde a antiguidade até a modernidade, e o que isso, de fato, diz sobre a mulher. Já na seção 1.2, “As mulheres e o não-dizer”, abordamos o emudecimento feminino, primeiro enquanto uma posição ocupada de acordo com a pressão exterior (1.2.1 “Formas de silenciamento feminino”) e, depois, enquanto uma posição de resistência (1.2.2 “O silêncio e a resistência”). Tentamos intercalar teoria e exemplos, a fim de demarcar que a relação entre voz, silêncio e enunciação é tênue e complexa, não podendo ser resumida em ausência-presença de palavras, mas, sim, como interfaces de uma mesma construção histórica, que tem seus efeitos de sentido marcados na linguagem.

1.1 As mulheres e o dizer

Desculpe-me por ser tão intelectual. Eu sei que você preferia algo bom, feminino e afetuoso.

(Zelda Fitzgerald)

Antes de serem ensinadas a falar, as mulheres aprendem a murmurar. Perrot (1989) argumenta que as mulheres murmuram mais do que de fato dizem, seja nos salões de festas aristocratas ou nas reuniões empresariais dos dias atuais. Foram ensinadas a murmurarem durante séculos, sob o que pode ser entendido como um mandamento do silêncio – imposto pelos “manuais de comportamento”, pelas religiões e pelos sistemas políticos. O que se espera da mulher é sempre a escuta, a conformação, o obediência, não só sobre a voz, mas sobre seus gestos, expressões e, até, produções.

A assertividade (ou a falta de) em mulheres é um campo de investigações, estudos e explicações que existe desde muito antes da consolidação da Psicologia como ciência. Segundo Beard (2018), já na antiguidade, a oratória era vista como uma habilidade masculina, incentivada, desenvolvida e defendida pelo e para os homens. No mundo antigo, as mulheres só podiam discursar em público, sem serem condenadas por isso, em situações específicas e extremas.

A primeira delas, quando eram vítimas ou mártires, anunciando sua própria morte – como as mulheres cristãs que eram jogadas aos leões após defenderem sua fé – ou para denunciar um estupro e anunciar seu suicídio – como é contada a história de Lucrecia, após sofrer o estupro de um príncipe (BEARD, 2018). A segunda situação, em que era permitido que a mulher falasse, era quando usava sua voz para defender seu lar, seu marido e seus filhos (BEARD, 2018). E talvez essa seja a razão para que os traços da existência da mulher pareçam tão fracos, mesmo quando se investiga. A história das mulheres se confunde com a história da família, já que cabia às mulheres a missão de “guardar memórias” – isso é, era ela quem cuidava dos álbuns de família, assim como era ela quem falava sobre as histórias dos antepassados e passava adiante as tradições e cultura familiares (PERROT, 1998).

Segundo Perrot, “A memória das mulheres é verbo. Ela está ligada à oralidade das sociedades tradicionais que lhe confiavam a missão de contadora da comunidade da aldeia.” (1998, p.40). Enquanto os homens dominavam o mundo público, as mulheres eram responsáveis pela proteção da família e do lar – os manuais de bom comportamento orientavam

que não cabia à mulher falar de assuntos “quentes”, como a política, pois esse não era um mundo em que elas tinham conhecimento para poder opinar (PERROT, 1998).

Assim,

Sua postura natural é a escuta, a espera, o guardar as palavras no fundo de si mesmas. Aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se, calar-se. Pois este silêncio imposto pela ordem simbólica não é somente silêncio da fala, mas, também, o da expressão, gestual ou escrituárias. (1998, p. 10).

Com o passar dos séculos, a contação oral das histórias deu espaço para a escrita de cartas, diários e, posteriormente, romances – sendo esses os principais, quando não os únicos, espaços em que a mulher poderia se expressar pela linguagem. Ainda que os diários contivessem memórias das mulheres, essas memórias estavam restritas a uma vida primordialmente dentro do lar, quando elas eram orientadas a serem “belas e recatadas”.

Assim, como aponta Lerner (2019), mesmo que as mulheres sejam mais da metade da população mundial, na maior parte da História elas foram colocadas como peças periféricas, irrelevantes para atividades importantes, sob a justificativa de que a preocupação da mulher, biologicamente determinada, era voltada para a criação de filhos e não para o pensamento intelectual. Junto a esse pensamento, houve outros que reafirmaram a posição subalterna da mulher em relação ao homem, como a ideia de que a mulher é um ser incompleto e defeituoso, decorrente do pensamento aristotélico, e a desvalorização simbólica da mulher em relação aos deuses, que só pode ser reavida pela função materna.

Dessa forma, a subordinação sexual da mulher em relação aos homens é justificada em três instâncias diferentes – biológica, filosófica e religiosa. Era de interesse do Estado que a sociedade fosse organizada de tal forma que o homem estivesse em posição superior e, assim, pudesse exercer seu controle e exploração. A esse processo de controle e exploração e opressão da mulher, em vigor há quase 2500 anos, dá-se o nome de patriarcado (LERNER, 2019). Para a autora (2019), o que se mudou ao longo do tempo foram as formas com que essa subordinação se manifesta, isso é, pela força, pela dependência financeira, e, mais recentemente, pela separação entre mulheres respeitáveis e não respeitáveis, sempre associando a existência da mulher à sua relação com um homem, a quem ela está subordinada.

Foi apenas após a Revolução Francesa – quando se começou a pensar nos direitos civis – e, principalmente, no início do século 20 – quando filósofos começaram a elaborar a noção de “sujeito” – que a mulher passou a ser compreendida como um indivíduo independente do pai ou do marido. Deveria ter sido uma grande e positiva mudança, mas o século que ofertou acesso aos primeiros direitos para as mulheres também foi o século que mais tentou silenciá-las (KEHL, 2016).

Segundo Appignanesi (2011), no final do século 19 e início do século 20, durante a era vitoriana em que os preceitos morais e puritanos estavam em seu auge e precisavam ser defendidos a todo custo, a medicina finalmente se abria a estudar o cérebro sob uma ótica distinta de apenas a fisiológica.

Tudo se unia para produzir um novo tipo de doença. Diagnósticos que focavam os nervos coincidiam nos sintomas que expressavam a doença com os estresses dos tempos, assim como com as restrições que pesavam sobre os sexos. Qualquer transgressão dos policiados limites do que era apropriado para cada sexo tinha consequências sobre os nervos (APPIGNANESI, 2011, p. 111).

A combinação desses dois fatores fez com que o público principal das internações hospitalares e, conseqüentemente, o público que era investigado pelos médicos da época, fossem mulheres. Sob a queixa de dores musculares tão fortes que paralisavam o corpo por horas e, em alguns casos, por dias, sem nenhuma explicação física para isso, os médicos começaram a associar as dores aos “nervos fracos”¹ (APPIGNANESI, 2011).

Interessante notar que, até o século 19, “nervoso” era uma característica positiva, sinônimo de forte, vigoroso, enérgico, relativo ao cérebro e à razão. No entanto, quando os “nervos” se tornaram foco de investigação e as mulheres adoeciam cada vez mais, esse adjetivo passou a ser associado a uma certa “fraqueza”. Com o avanço do século, a associação entre mulheres e o adjetivo nervosa se estabeleceu, ressignificando para “falta de controle” da conduta que a sociedade esperava delas (APPIGNANESI, 2011).

É válido ressaltar que “manuais de boa conduta” para mulheres sempre existiram; a inovação do século 19 foi associar a boa conduta à sanidade. Isso significa que a mulher que desrespeitava os limites comportamentais e sociais da época não era vista só como um problema que precisava ser solucionado com educação – como acontecia nos séculos anteriores. Agora, o limite separava a mente forte da mente fraca, o controle e o descontrole, sossego e tormento, sanidade e loucura (APPIGNANESI, 2011).

As internações coletivas e as investigações médicas atualizaram o conceito de histeria – uma vez proposta por Hipócrates, para falar sobre “desordem no útero” –, agora entendida como uma “desordem nervosa da mente” e o grande sintoma da ciência, da medicina e da sociedade do fim do século 19.

Os sintomas causados por esse “descontrole” eram, em maioria, uma conversão de angústias mentais em sintomas físicos que podiam variar entre surdez, mudez, paralisia do

¹ Esse deslocamento de sentido está registrado na literatura: em 1839 Adgar Allan Poe descreve seus personagens como nervosos, associando, em seguida, com aqueles que, por alguma razão, enfraqueceram com o sofrimento. Essa é a primeira mudança no significado da palavra (APPIGNANESI, 2011).

corpo, cegueira e perda quase total do autocontrole dos músculos. Um dos primeiros médicos a investigar a histeria, a fim de encontrar algum tipo de tratamento, foi Charcot junto de seu principal discípulo, Sigmund Freud. O primeiro método utilizado para a investigação foi a hipnose. Sob seu efeito, a mulher, antes paralisada, conseguia falar sobre seus sofrimentos e obedecendo o comando do médico conseguia reencontrar um equilíbrio que possibilitava que ela voltasse a ter controle de seu corpo (FREUD, 1996).

No entanto, apesar de Freud perceber avanços quando a paciente estava sob efeito de hipnose, ele também notava uma espécie de regressão quando a paciente recobrava a consciência, especialmente porque ela não se lembrava do que falou enquanto estava hipnotizada. Assim, Freud se junta a outro médico, Breuer, e opta por fazer com que a paciente fale sobre aquilo que lembra enquanto está acordada, para que a memória seja registrada pela consciência. Escutar as mulheres possibilitou que a psicanálise fosse construída, com seus conceitos elaborados a partir das memórias, fantasiadas ou não, desvendadas por Freud através da fala – fundamental para o tratamento psicanalítico² (FREUD, 1996).

Se a memória da mulher é o seu verbo, como argumenta Perrot (1998), é por meio da memória que a mulher pode falar e ser ouvida, na medida em que ela é a guardiã das memórias familiares. Ao mesmo tempo, se a prioridade do dizer feminino é a família, a mulher não é o sujeito da narrativa. Como guardiã, ela deve abdicar de suas próprias lembranças e de si mesma para defender a “história de origem” do núcleo familiar a que pertence. Afinal, antes de se casar, a mulher é apenas uma menina ou uma “solteirona”, ou seja, de certa forma, é relacionada a um estado civil; depois do casamento, a mulher é esposa, mãe (solteira ou não) e divorciada, adjetivos que, novamente, apontam para um estado civil³. Esse estado civil é heteronormativo por essência, atrelando a mulher a um homem e é através dele que ela pode (ou não) se posicionar.

Para exemplificar, pensemos no que há de mais contemporâneo em nossa sociedade – a cultura *pop* – e o exemplo das HQs (histórias em quadrinhos). A estrutura de uma HQ é uma boa metáfora para entender tanto o funcionamento da memória quanto o espaço da mulher na narrativa. Isso porque, nesse tipo de arte, é comum o herói voltar a algum ponto da história, contando-a de um jeito novo. Como as HQs são lançadas periodicamente, o leitor e/ou fã

² A psicanálise passa por várias mudanças de paradigmas, rompimentos, novas escolas, até chegar ao que é atualmente, mas a única coisa que nunca mudou foi o convite ao paciente a falar sobre o que ele aparentemente parece não saber, sem se preocupar com o sentido.

³ Essa associação dificilmente ocorre com os homens – solteiros, casados, pais, divorciado ou não, o homem é sempre “homem” – a não ser quando ele é manipulado por uma mulher sedutora, nesse caso, ele se torna menino, não responsável pelos seus atos, já que a culpa é direcionada à mulher.

acompanha a história e pode opinar em outros espaços com outros fãs, o que, em certa medida, pode mudar o rumo de um personagem ou de uma narrativa. A cada vez que uma edição é encerrada, há a possibilidade de abandonar totalmente a história ou reescrevê-la de um outro ponto de vista, sem necessariamente precisar preencher as lacunas das explicações do que se chama “história de origem” – isso é, como aquele herói, vilão ou anti-herói nasceu⁴.

Assim, encontramos uma das definições de memória, sustentada pela psicanálise: a memória enquanto uma história compartilhada, que se constrói e se desconstrói a cada vez que é apresentada a alguém. Ela serve para situar o sujeito na sociedade, ao mesmo tempo em que delinea aquilo que é mais pessoal – afinal, a memória é contada a partir de um ponto de vista, de uma perspectiva que, embora social, também se realiza de forma individual.

Segundo Le Goff (1990), a memória é o lugar de atualizar as informações — ou o que o homem entende como informações — do passado. Por causa dessa lacuna entre o que aconteceu e o que se lembra, a memória está inserida em um espaço simbólico de significação, por isso, um espaço semântico (DALMASCHIO, 2016). A memória, portanto, é uma constante reconstrução do passado, se relacionando com o que está ausente e o que está presente, se autorregulando e se estruturando enquanto um lugar social de dizer, compartilhado no e pelo discurso (DALMASCHIO, 2016; LE GOFF, 1990)⁵.

É, conseqüentemente, parecido com o movimento das histórias em quadrinhos. O pacto entre o idealizador das HQs e os leitores estabelece, além disso, uma relação dinâmica, já que a história pode ser atualizada constantemente, sem que se perca totalmente as histórias que já foram contadas, mesmo quando ocorre algum tipo de ruptura. Os leitores significam as mudanças, ao mesmo tempo em que têm suas próprias experiências e preferências em relação a uma determinada edição.

Essa relação do que já foi publicado, do que está sendo publicado e do que pode vir a ser publicado é tão individual quanto coletiva. As atualizações, as idas e voltas no tempo e a narrativa recontada deixam lacunas nas explicações, que podem ou não ser exploradas no futuro, seja pelos editores, seja pelos próprios fãs.

Tomemos como exemplo a personagem de HQ Arlequina. Criada por Paul Dini, sua primeira e única função era ser uma ajudante ocasional de Coringa, um dos maiores vilões de

⁴ A escolha da comparação com a HQ não é por acaso – originalmente essas histórias eram quase inteiramente desenvolvidas e pensadas para os homens, sendo as personagens femininas apenas uma alegoria sexualizada. No entanto, com o passar dos anos, tanto as heroínas como Mulher Maravilha e Capitã Marvel, quanto as vilãs ou anti-heroínas como Mística e Arlequina ganharam projeção e, com isso, uma história prévia de seu surgimento nos quadrinhos e protagonismo em filmes de grande bilheteria.

⁵ O conceito de memória será mais desenvolvido ao longo de toda a dissertação.

Batman (DINI, 2017). Sua primeira aparição foi durante o episódio 22 da primeira temporada da animação *Batman: a série animada*, de 1992. O que se sabe sobre ela está subordinado ao que o Coringa diz sobre ela, como se ela não tivesse existido antes de iniciar um relacionamento com ele e como se não existisse, também, se não estivesse se relacionando com ele.

É em 1994 que os leitores começam a entender melhor essa personagem – que acaba ganhando uma edição só para explicar sua origem. Na HQ *Batman: Louco amor*, embora ela ainda esteja subordinada ao ponto de vista do herói, descobrimos que o verdadeiro nome de Arlequina é Harleen Frances Quinzel, uma psiquiatra renomada que conhece Coringa em seu primeiro ano trabalhando na prisão Arkan.

Sob uma ordem que se poderia hipnótica, ela é capaz de fazer qualquer coisa para se manter ao lado do vilão e defender a história que eles criam juntos. O relacionamento construído entre ela e o vilão é, sem dúvidas, um extremo da ordem social de que as mulheres precisam guardar as memórias da família e falar apenas para defender seu marido ou seu filho. Mas nesse extremo podemos identificar os indícios internalizados pelas mulheres: Harleen Quinzel e Arlequina são pessoas completamente diferentes, ainda que sejam uma só. Todas as suas outras memórias, inclusive as memórias ruins de seu relacionamento, são apagadas de sua mente, enquanto Arlequina precisa se esforçar cada vez mais para proteger Coringa.

O casal de vilões representa uma outra sutileza da voz da mulher: dentro de um relacionamento, a mulher é orientada a falar apenas quando o homem permite ou em sua defesa. Em relacionamentos problemáticos, abusivos e/ou violentos, a voz da mulher é ainda menos ouvida. Em um caso ou em outro, o silêncio da mulher é uma forma de violência. Como o criador de Arlequina (DINI, 2017) disse, a personagem é uma alegoria da realidade de muitas mulheres quando estão em um namoro ou casamento.

Há uma história real que se alinha em vários pontos com a história de Arlequina. Zelda Fitzgerald foi uma grande escritora de diários, registrando todos os acontecimentos e sentimentos, que, vez ou outra, apareciam com outras palavras nos romances de seu marido, Scott Fitzgerald. Tanto ele e, posteriormente ela, disseram que as memórias registradas por ela eram de ambos, e, portanto, ele tinha livre direito de usá-las como bem quisesse (BRYER, BARKS, 2005).

No entanto, quando Zelda decidiu escrever as suas memórias sob seu ponto de vista, Scott se sentiu ameaçado. Ela já havia tentado ser artistas em outros espaços – pintura e dança, principalmente –, e apesar de ele ter se incomodado até certo ponto, nunca havia impedido. Os contos escritos por Zelda passavam pela edição dele e quase todos eram assinados por Scott ou, quando havia o nome dela, ela aparecia como colaboradora (CLINE, 2012).

A literatura, afinal, era o espaço de Scott, onde ele e, posteriormente, os críticos, se colocava enquanto gênio. Quando, durante uma das internações psiquiátricas de Zelda, ela escreveu *Save me the waltz* (1932) e enviou ao editor do marido sem pedir permissão, Scott reagiu com uma carta para a psiquiatra de sua mulher, em que dizia “meus livros fizeram dela uma lenda e a única intenção de Zelda com esse retrato para lá de ralo é fazer de mim um ninguém” (BRYER, BACKS, 2005).

A ‘lenda’ sobre a Zelda, no entanto, passou da idealização máxima da mulher da década de 1920 para a instável mulher que atrapalhava o trabalho de Scott – afinal, ele constantemente tinha que parar um romance para vender contos, a fim de pagar as longas internações psiquiátricas de Zelda. Esse é um dos argumentos dele, aliás, durante as discussões sobre a publicação ou não do livro dela – *Tender is the night* (1934) estava sendo escrito há quase dez anos, enquanto *Save me the waltz* foi escrito em seis semanas. Scott tinha medo de que, caso publicasse depois que sua mulher, a crítica achasse sua literatura medíocre e repetitiva.

Zelda, de fato, publicou seu livro. Mas, para isso, sua história passou pela revisão e edição de seu marido, que chegou a cortar dois acontecimentos em *Save me the waltz* sob a justificativa de que eram capítulos importantes em seu *Tender is the night*. No prefácio de *Save me the waltz* da edição inglesa de 1968, Harry Moore chega a dizer que o romance de Zelda só poderia ser entendido como uma alegoria complementar de *Tender is the night*, que era muito superior em técnica e qualidade.

Esse é o registro mais próximo da história de Zelda Fitzgerald. Embora Zelda tivesse escrito em diários por toda a vida, quase todos eles foram queimados no mesmo incêndio que a matou.

A perda quase total das memórias de um dos casais mais famosos da década de 1920 pode ter sido uma fatalidade – Zelda não era muito cuidadosa com seus pertences, de forma que pouco da sua arte foi preservada. No entanto, historicamente, diários e registros escritos de mulheres, principalmente aqueles com conteúdo sobre a família e o marido, desaparecem com facilidade após a morte delas. Muitas vezes, são as próprias mulheres que queimam, antes de morrer; em outras, ainda mais frequentes, são os homens que dão fim a esses diários, cartas e outros registros. A ordem simbólica de fazer com que a mulher apenas exista para defender sua honra na família é reinstaurada, emudecendo ainda mais a história da existência feminina na história (PERROT, 1998).

O relacionamento de Zelda e Scott Fitzgerald no início do século 20 e o relacionamento de Arlequina e Coringa no final do mesmo século apontam para outra situação sobre a fala feminina. A mulher que rompe com a idealização é facilmente interpretada como uma mulher

que está invadindo o território dos homens. Tal território pode ser qualquer espaço em que o homem se sinta ameaçado. Em Arlequina, isso fica bem demarcado quando, na primeira história sobre ela, quando ela conta uma piada, Coringa imediatamente diz, em caixa alta (o que indica, nas HQs, que o personagem está gritando): “EU FAÇO AS PIADAS AQUI, ENTENDEU?”⁶.

O interessante nessa personagem é que, como uma personagem criada no início da década de 90, ela acompanhou os avanços das mulheres nesses trinta anos. Seja dentro do meio *geek* ou no mercado de trabalho, nunca houve tantas mulheres discutindo e defendendo seus direitos, em busca da emancipação⁷. Arlequina apareceu primeiro como figurante de um vilão, então ganhou uma edição sobre sua história dentro da série de quadrinhos do Batman. Mais tarde, entrou para o grupo de vilões de *Gotham* – Esquadrão Suicida – como uma das principais personagens. Por fim, ela estampa suas próprias séries desde 2000, construindo sua personalidade cada vez mais longe de Coringa e se aliando a outras vilãs.

Isso nos leva a outra possibilidade, segundo Beard (2018), de a sociedade aceitar a fala da mulher: quando ela fala não só por si, mas por um grupo de mulheres, em prol de seus direitos. Nesse sentido, a Arlequina é uma das grandes representantes femininas da última década, líder de um grupo de vilãs que lutam pelo direito de serem vilãs (como a Mulher Gato e a Hera Venenosa). Ela também é um dos principais personagens do Universo da DC Comics, e está em vários tipos de mídia: em HQs, sozinha, com outros vilões, liderando a equipe de vilãs; em filmes e animações em que está em busca da sua emancipação – emancipação esta que as mulheres buscaram nos últimos trinta anos, também.

A última animação de Arlequina, transmitida pela HBO Max no Brasil, esclarece a relação entre fala, memória e emancipação. Nos primeiros episódios, a vilã, ainda sofrendo pelo Coringa, com a ajuda de sua melhor amiga (Hera), volta às suas origens em busca de quem é. O argumento sustentado, é que, sendo uma criação do Coringa, ele diz que ela não podia se afastar dele. Em determinado momento, ela e seus amigos conseguem entrar dentro de sua própria cabeça, a procura de suas memórias, enquanto o vilão a persegue e tenta impedi-la⁸.

⁶ Dini, P. TIMM, B. **Batman**: Louco amor e outras histórias. Barueri: Panini Brasil, 2017.

⁷ A compreensão sobre os movimentos feministas mundial e nacional perpassa a noção de “ondas”, embora o debate aconteça constantemente, existem momentos em que a discussão se fortalece, alcançando maiores efeitos na sociedade e para o próprio feminismo. Atualmente se está na quarta onda que, no Brasil, é marcada principalmente pelo espaço de mídias sociais e a interseccionalidade entre raça, classe social e sexualidade. Espaços virtuais de debates, em que todos podem escrever textos sobre o assunto, além do uso de hashtags em campanhas, faz com que o que antes era apenas discutido em pequenos grupos mobilizados, alcance um maior número de pessoas e, com isso, amplifica a discussão (PEREZ, RICOLDI, 2019).

⁸ Episódio 1, temporada 1: Till death do us part. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fZ5dmafC9q8>.

Se no primeiro momento há desespero por ela não se lembrar de muitas coisas sobre seu passado, posteriormente ocorre epifania: se ela não se lembrava de como se transformou em Arlequina, então ela podia criar sua própria história de origem, uma história que não tivesse a ver com Coringa e que explicasse por que ela queria tanto ser uma vilã mais do que ser uma psiquiatra renomada. É o começo da emancipação de Arlequina e da sua ascensão como a principal vilã entre todos os super-heróis, liderando fãs, na maioria mulheres, que acompanharam sua jornada.

Segundo Gonçalves (2019), a única forma de ter acesso à voz da mulher, em uma sociedade patriarcal, é acessando pedaços de suas memórias, que não deixa de ser influenciada pelo discurso hegemônico da sociedade silenciando sua voz. No entanto, ao ouvir as memórias da mulher é possível contribuir para a propagação dessas vozes, valorizando as histórias menores frente à pseudo-grandiosidade do discurso masculino, elucidando pelo choque de discursos e convergindo a voz hegemônica com as vozes silenciadas.

No entanto, para que essa valorização de memórias ocorra, é necessário que não se compreenda a memória apenas como um fenômeno psicológico. A memória é, de fato, armazenamento de informações e está na gênese da personalidade humana, mas ela não pode ser resumida a isso. A memória não é construída apenas da compreensão de um indivíduo sobre determinado acontecimento, nem sobre apenas o acontecimento em si, mas em como essa captação do real se organiza, ou seja, pela linguagem, que também é a única forma de se ter acesso à memória. A dialética entre exterior-interior, presente-ausente aponta para uma heterogeneidade na memória, ancorada no social e mediadas, discursivamente pela individualidade dos sujeitos históricos (DALMASCHIO, 2016). O dizer das mulheres está em pedaços de memórias que elas têm de si mesmas, pedaços que estão no meio de memórias familiares e sociais, que elas aprendem a guardar ao longo da vida – e é nesses pedaços que é possível vislumbrar a voz da mulher.

1.2 As mulheres e o “não-dizer”

Por te falar eu te assustarei e te perderei? Mas se eu não falar, eu me perderei, e por me perder eu te perderia. O que não sei dizer é mais importante do que o que eu digo.

(Clarice Lispector)

O último século foi marcado pelos direitos femininos – como o acesso às universidades, a conquista do voto e a globalização – possibilitando que a mulher ocupasse diversos lugares

do mercado profissional, político e científico, mas, ainda assim, mulheres sempre estiveram sujeitas ao discurso filosófico, ideológico e científico dos homens (KEHL, 2016). Sua possibilidade de dizer sempre esteve submetida ao que a sociedade espera da mulher, independente de qual época da história se analisa. Para além disso, Perrot (1989) afirma que quanto menor é a classe social da mulher menos ela é ouvida – e mais facilmente ameaçada e criticada ela pode ser.

Segundo Gonçalves (2019),

(...) por mais que o avanço das pautas pela igualdade de gênero seja considerável (e aqui tomando pauta nos sentidos de luta social e de objeto de interesse da imprensa), com coberturas sobre assédio, condições iguais de trabalho, entre outros, o tipo de discurso que é produzido sobre temas sensíveis como o feminicídio, o aborto e a liberdade sexual na maior parte da mídia hegemônica não trazem a profundidade e a amplitude necessárias para quebrar o silenciamento que alimenta a sociedade patriarcal. (p. 9).

O silenciamento tem impactos para além da linguagem. Saini (2020) aponta que, no panorama mundial, bebês meninas são mais abortadas do que bebês meninos. Em alguns países asiáticos, é contra a lei descobrir o sexo do bebê antes do nascimento, a fim de evitar o aborto⁹. O fato interessante é que, se os meninos têm mais chances sociais de nascer, as meninas têm ao seu lado a biologia e um ótimo sistema imunológico – já nas primeiras semanas de nascimento, há mais risco de morte para os garotos do que para as garotas¹⁰. Na média geral, homens, independentemente da idade e do momento histórico, morrem mais cedo do que as mulheres¹¹.

As hipóteses do porquê isso ocorre, no entanto, ainda são obscuras. Uma análise biológica poderia apontar para a questão da maternidade – como o corpo da mulher pode abrigar outro corpo, o organismo precisa ser mais bem adaptado a fim de evitar os abortos espontâneos

⁹ Sabe-se que a cultura asiática é bastante diferente da ocidental, entrelaçada por uma filosofia, história e crenças que a maior parte do mundo ocidental não segue. Portanto, não se pretende analisar nesse trabalho o silêncio feminino na Ásia, dada a complexidade do tema e a compreensão de que, já que este é um trabalho sobre silêncios, os asiáticos devem falar por eles mesmos. No entanto, julgamos necessário dar o panorama geral de pesquisas no mundo, visto que, independentemente do lugar e da cultura, as mulheres são mais resistentes e vivem mais, embora seus direitos variem de país em país.

¹⁰ Joy Lawn elaborou uma pesquisa englobando neonatais do mundo inteiro analisando o primeiro mês após o nascimento, período em que os riscos de morte são maiores em humanos. Seu estudo concluiu que, se meninos e meninas receberem o mesmo tipo de cuidado, os meninos têm cerca de 10% de chances a mais de morrerem nas primeiras semanas de vida. A pesquisa está disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3873685/>.

¹¹ A pesquisa de Austad, chefe de departamento de biologia da Universidade do Alabama, avaliou os dados de cerca de 38 países e regiões a partir de 1800. O resultado demonstrou que, independentemente do tempo analisado, bem como as condições culturais e de cuidados da saúde, as mulheres vivem mais do que os homens. Para o pesquisador, isso demonstra que não é apenas uma questão social ou de criação, já que a mulher tem mais chances de sobrevivência tanto no início da vida quanto no final da vida, além do fato de que a média geral de expectativa de vida das mulheres seja maior no mundo inteiro. A pesquisa pode ser consultada aqui: <https://www.karger.com/Article/FullText/381472>.

(SAINI, 2020). No entanto, isolar apenas a noção biológica, é reduzir uma construção que é, também, social e cultural, já que

A saúde da mulher pode ser afetada não só pelo seu próprio comportamento, mas pelo comportamento daqueles que estão a sua volta. Desde o instante em que nasce, ela é colocada em um lugar diferente do homem. Ela pode ser tocada, alimentada e tratada de maneira diversa (pp. 66) (SAINI, 2020).

A tolerância de nível de dor também é superior nas mulheres, especialmente em doenças crônicas, como doenças articulares e musculares, e até mesmo as doenças autoimunes. Além disso, essa tolerância varia conforme o ciclo menstrual da mulher, onde elas tendem a sentir mais incômodos físicos. Os sintomas da TPM, no entanto, foram por muitos anos diminuídos por profissionais da saúde, e muitas vezes são ainda negligenciados (SAINI, 2020). Só de exemplo podemos pensar nas cólicas menstruais, comuns na maioria dos ciclos menstruais, elas são pouco diagnosticadas como um problema – a endometriose (uma inflamação que ocorre no tecido do endométrio, que impede as células de serem expelidas) é uma doença comum, que atinge entre 6% e 10% das mulheres, proporção que aumenta consideravelmente entre mulheres inférteis ou que possuem dores crônicas na região pélvica¹². Ainda assim, essa dor é muitas vezes reforçada como algo normal do corpo feminino, com a qual as mulheres devem se acostumar.

Então, podemos perguntar: as mulheres aguentam mais dor porque seu organismo é mais bem preparado ou por que elas são ensinadas a aguentar, sem ter um espaço para dizer sobre isso?

A sociedade ensina a mulher a falar baixo, falar pouco, não falar¹³. Além disso, espera-se que as mulheres não chorem ou não incomodem, sob a ideia de que o corpo feminino é capaz de suportar mais dor. Essa noção não permeia apenas a saúde feminina, mas afeta todos os âmbitos da vida da mulher em sociedade – afinal, a ciência também é política e contribui para que a sociedade mantenha determinados discursos e ideologias em relação a outros (SAINI, 2020).

¹² Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/casa/problemas-de-sa%C3%BAde-feminina/endometriose/endometriose>. Acesso em: 03 jun. 2022.

¹³ Aliás, como aponta Beard (2018), até a descrição das vozes masculinas e femininas tem o seu peso ao colocar a mulher em um espaço de não-dizer – enquanto a voz do homem é considerada profunda e transmite confiança, a voz feminina é aguda e incomoda ouvidos.

1.2.1 Formas de silenciamento feminino

Não serei interrompida. Não aturo interrompimento dos vereadores desta casa. Não aturarei de um cidadão que vem aqui e não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita.

(Marielle Franco)

Como vimos nas seções anteriores, a mulher e a sua fala quase sempre são entendidas pela sociedade como uma invasão agressiva a espaços que já têm uma delimitação definida. A (tentativa de) contenção dessa invasão pode ser compreendida enquanto uma face da violência contra mulher, como a história da Arlequina demonstra. Segundo a Convenção de Belém do Pará em 1994, e adotada pela Organização dos Estados Americanos (OEA), a violência contra mulher é definida como “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como privado” (Art. 1º)¹⁴.

Sabe-se que a violência contra a mulher não ocorre de uma só maneira, assim como o silenciamento. No entanto, para fins didáticos, nessa seção, listamos as principais formas de silenciamento, alguns pelos quais passamos ao longo da Seção 1.

Como a maior parte dos arquivos e dizeres sobre as mulheres é feita por homens, a narrativa estabelece certas regularizações que têm se mantido no imaginário social. Escolhemos aquelas que se mantiveram no último século, pois, como aponta Kehl (2016), é a partir do final do século 19 que começa a ser construída a ideia do que hoje chamamos de “feminilidade tradicional”.

Como argumenta Appignanesi (2011), a sociedade como se organiza atualmente entende que há apenas três possibilidades de existência para as mulheres que não se enquadram no que a sociedade espera delas: ou elas são tristes, loucas ou más¹⁵, sendo a tristeza e a maldade faces também da loucura. A construção da “mulher louca” aparece quando a sociedade entende que a mulher passou do limite determinado pelos “manuais de comportamento femininos” – esse limite, no entanto, não tem uma definição exata, podendo variar conforme a sociedade se movimenta.

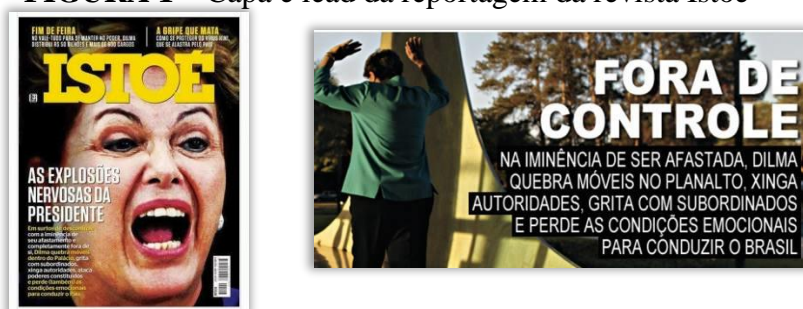
¹⁴ Disponível em: <https://www.tjse.jus.br/portaldamulher/definicao-de-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 15 jun. 2022.

¹⁵ Mulheres são a maior população entre as pessoas diagnosticadas com transtornos de humor (categoria que engloba transtornos psicológicos, como depressão, bipolaridade, esquizofrenia etc.). Também são a maioria dos internos de hospitais psiquiátricos (APPIGNANESI, 2011).

Essa estratégia foi usada pelas mídias em 2016, durante o processo de impeachment da então presidenta Dilma Roussef. Em abril daquele ano, a Istoé teve como manchete da matéria que estampava sua capa, a frase “uma presidente fora de si”, como mostra a figura, que segue:

(1)

FIGURA 1 – Capa e lead da reportagem da revista Istoé



Fonte: Revista IstoÉ¹⁶

Na matéria, embaixo da foto, há a seguinte frase: “Bastidores do Planalto nos últimos dias mostram que a iminência do afastamento fez com que Dilma perdesse o equilíbrio e as condições emocionais para conduzir o país”.

O uso da forma linguística ‘louca’ para se referir a uma mulher é uma tentativa de significar a ‘desvalidação’ do que a mulher diz ou faz, demonstrando que ela não está mentalmente no controle e, portanto, nada do que diz pode ser levado a sério – o que de certa forma retorna à noção dos médicos no fim do século 19, quando associaram ‘nervos’ à ‘falta de controle’ e ‘fraqueza’. Essa estratégia também alcança mulheres anônimas. Muitos homens se referem à sua ex-namorada ou ex-esposa como ‘louca’, descrevendo-a para os amigos e as próximas namoradas como alguém que não tinha controle de suas emoções, seja com seus ciúmes, seja com pedidos diários – como manter a casa limpa¹⁷.

As mulheres continuam sendo o público principal da psiquiatria. No entanto, como argumenta Appignanesi (2011), é difícil diferenciar se os transtornos de humor são realmente mais presentes na população feminina ou se o senso comum faz com que pareça tão natural o fato de mulheres procurarem tratamento psicológico com mais frequência do que os homens. Além disso, as revistas sobre saúde mental utilizam com muito mais frequência mulheres na capa, como se a instabilidade emocional e/ou psicológica tivesse realmente um rosto de mulher. Ainda segundo a autora, “Há muitos aspectos de nossas vidas que acabaram no terreno dos

¹⁶ Disponível em: https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/. Acesso em: 15 jun. 2022.

¹⁷ Esse tipo de comportamento foi conceituado como *gaslighting*, dentro do feminismo, um tipo de prática que tem como objetivo a manipulação da mulher, colocando-a em uma posição inferior.

médicos da mente quando, com mais propriedade, estariam na esfera política ou social que na da ação da interpretação” (APPIGNANESI, 2011, p. 16).

Outra regularização social que também é uma forma de silenciamento feminino vem do efeito de sentido produzido pelo enunciado ‘lugar de mulher é na cozinha’, que reforça a noção de que há um território feminino e um território masculino, sendo o território da mulher o espaço privado, familiar. O lugar marcado pela forma adverbial “é na cozinha”, é comumente substituído por outros como, por exemplo, na fala de Coringa na primeira história sobre Arlequina, que apresentamos anteriormente. Ao enunciar “EU FAÇO AS PIADAS AQUI, ENTENDEU?” o personagem lembra a Arlequina que seu lugar não é o de tentar ser engraçada durante a perseguição ao Batman, porque esse é o lugar do Coringa.

Assim, desde o nascimento, a mulher é ensinada que há lugares que são para ela, outros que não são; que há coisas que são para ela e outras que não são. Por mais que atualmente uma mulher possa emitir sua opinião política, diferente da época em que isso era desaconselhado pelos manuais de comportamento, ainda há uma diferenciação entre o que é ou não ‘coisa de mulher’. Vale ressaltar que ‘coisa de mulher’ é, em grande medida, depreciativa para homens.

O grande problema dessa fala é que, ao separar no que a mulher é boa ou não, as mulheres são mantidas em posições que dificultam a mudança do sentido regularizado sobre elas. Por exemplo, pesquisas atuais demonstram que no começo dos anos escolares não há diferença no aprendizado ou na habilidade matemática entre meninos e meninas. No entanto, à medida que os estudantes crescem, as meninas tendem a terem notas melhores nas ciências humanas do que nas ciências exatas. A consequência disso, claro, é que poucas mulheres entram para cursos que são compreendidos como tipicamente masculinos – tais como engenharia, física, programação e a ciência de maneira geral. As poucas mulheres que escolhem por essas áreas são constantemente silenciadas pelos homens, que não só debocham da sua inteligência como insinuam que a mulher só ganhou destaque por ter se envolvido (sexualmente, em geral) com outros homens (SAINI, 2020).

Além disso, aquilo que costuma ser visto como ‘coisa de mulher’ remete a recolocar a mulher dentro de casa ou no máximo situá-la como uma cuidadora (de crianças, da família, de idosos, de doentes) – posições que, duramente, a mulher ainda equilibra junto de uma vida profissional. É por isso que em períodos de epidemia e pandemia – como foi com o COVID 19 nos últimos anos – as mulheres são as mais afetadas. Não só porque elas são a maioria na linha de frente dos cuidados, como é o caso das enfermeiras, mas porque são elas que cuidam dos adoentados em casa e, também, administram a alimentação e gastos financeiros. O trabalho dobrado é exaustivo tanto física quanto psicologicamente (PIMENTA, 2020).

Segundo a publicação de *The Lilly*, jornal produzido apenas por mulheres, enquanto a produção científica dos homens aumentou em cerca de 50% durante a pandemia, a das mulheres caiu drasticamente, independente da área de publicação. Áreas em que há predominância masculina (como astrofísica, por exemplo) a discrepância é ainda maior.¹⁸ Para Pimenta (2020, s/p):

No Brasil, estes números se consolidam, visto que as pesquisadoras se encontram sobrecarregadas pelo cuidado doméstico com a casa, com os filhos e também com seus companheiros. Em contrapartida, cientistas homens em casa produzem muito mais na medida em que se voltam quase que exclusivamente para suas carreiras e produção científica.

A ‘obrigação’ da mulher de cuidar da vida doméstica atrapalha, também, sua ascensão profissional. Nas entrevistas de emprego, as mulheres costumam ser perguntadas sobre casamento e filhos, pergunta que não é feita para homens. A resposta pode custar um trabalho ou uma mudança de cargo, por exemplo – em geral, a promoção de mulheres demora bem mais tempo do que a promoção dos homens.

A psicóloga Corine Moss-Racusin, da Universidade de Yale, conduziu um experimento simples que elucida a questão sobre competência feminina e masculina. Os pesquisadores criaram um aluno fictício e enviaram um currículo com suas notas e desempenho para os principais professores (homens e mulheres) de ciência nas principais universidades dos Estados Unidos. Metade dos professores receberam um currículo com um nome masculino (John), enquanto a outra metade recebeu o mesmo currículo com um nome feminino (Jennifer). O resultado demonstrou que ‘Jennifer’ era significativamente menos bem avaliada do que ‘John’. Quando pediram aos professores para comentar sobre os currículos, eles ofereceram um salário inicial mais baixo para Jennifer, além de pouca disposição em instruí-la¹⁹.

Com isso, por mais que as mulheres estejam inseridas no mercado de trabalho²⁰, quase não estão em cargos de chefia – da pesquisa à política. Isso faz com que não só a mulher esteja

¹⁸ WOMEN academics seem to be submitting fewer papers during coronavirus. “Never seen anything like this”, says one editor. THE LILY, Washington. 24 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.thelily.com/women-academics-seem-to-be-submitting-fewer-papers-during-coronavirus-never-seen-anything-like-it-says-one-editor/?fbclid=IwAR3sYLUuXaH-1D3rTP6yH-ftZ3Rb32XRKp-1kHLqTDMBI9GLvY3h2holZI>. Acesso em: 30 jun. 2022.

¹⁹ Disponível em: <https://www.yalescientific.org/2013/02/john-vs-jennifer-a-battle-of-the-sexes/>. Acesso em: 18 jun. 2022.

²⁰ Em *Mulheres, raça e classe*, Ângela Davis alerta para o fato de as mulheres negras sempre terem trabalhado, sendo assim, quando se fala sobre a luta pelo direito de trabalhar das mulheres, se fala especificamente das mulheres brancas e, também, das mulheres brancas de classes sociais mais altas. Além disso, é importante ressaltar que não é apenas o gênero que influencia em uma carreira profissional, pois essas questões estão entrelaçadas com classe social, raça e sexualidade – sendo isso, portanto, a interseccionalidade presente na quarta onda feminista. No entanto, para fins de delimitação na pesquisa, trataremos o “mercado de trabalho” como o construído nos últimos 30 anos, a partir da terceira onda feminista. A interseccionalidade de gênero, classe social e raça, e os

ainda sujeita às decisões dos homens, bem como não sejam ouvidas – nas empresas e na política, é comum que os homens presentes escolham deliberadamente não escutar a opinião da mulher e, em certos casos, até reconhecer que elas estão presentes no mesmo local. Caso as mulheres reclamem, são mais propensas a ouvir que é melhor se calar do que vociferar, porque de outro modo estariam dando aos críticos aquilo que os críticos querem – a comprovação de que elas são de fato históricas e loucas. Ou seja, a solução socialmente imposta para as mulheres que arriscam a usar sua voz é emudecer para se proteger dos ataques que porventura vierem (BEARD, 2018).

Isso nos leva a outra regularização sobre a figura da mulher, que atravessou séculos – a mulher enquanto ‘musa’. A musa é a mulher que inspira os homens sem ocupar o espaço deles. Um exemplo foi Beatriz, de Dante, que guia, por todo o poema, o herói pelo inferno, porque acredita que, apesar de ele ter se perdido nos valores, ainda há chances de salvá-lo por seu coração bom. Por séculos, escritores, cientistas e filósofos iriam citar sua mulher enquanto musa inspiradora, que os fazia se fixar em um ponto para ser alguém melhor – como a Zelda para Scott Fitzgerald. Ernest Hemingway chegou a escrever que a Zelda não era a musa do seu amigo, mas a sua derrocada, porque ela não era capaz de mantê-lo são (HEMINGWAY, 2013).

A musa é uma constante na arte, de maneira geral, que reforça – seja nos poemas, romances, músicas, séries, filmes – a idealização da mulher. Mas essa imagem não está restrita à arte. Como exemplo, temos a manchete “bela, recatada e do lar”, se referindo a Marcela Temer, da revista *Veja*, de abril de 2016²¹.

(2)

FIGURA 2 – Página da revista *Veja*



Fonte: *Google imagens*²²

efeitos no silêncio/silenciamento feminino será melhor apresentada ao discutir lugares sociais de dizer, durante a análise do *corpus*.

²¹ Disponível em < <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 30 de jun. 2022.

²² Disponível em: <https://www.giromarilia.com.br/guia-giro/secao/jeito-de-ser-moda-beleza/-noticia/bela-recatada-e-do-lar-vira-meme-e-campanha/5490>. Acesso em: 20 jul. 2022.

A matéria começa falando o quanto Michelle é sortuda por ser casada com Temer, um homem que ainda é romântico depois de anos de relacionamento, e termina dizendo que é Temer quem tem a sorte de ter uma musa ao seu lado. A grande diferença de idade entre ela e Michel Temer (mais de 40 anos) não se torna um problema – ao contrário, a matéria mostra que ela ficou em segundo lugar em dois concursos de Miss, salientando sua beleza.

Na contramão dessa perspectiva, temos Brigitte Macron – esposa do presidente da França, Emanuel Macron. Ela é 24 anos mais velha do que ele, e foi alvo de piadas pelo então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e seus aliados, como mostra imagem a seguir:

(3)

FIGURA 3 – Comentário do ex-presidente Jair Bolsonaro



Fonte: Google imagens²³

Além disso, ela também foi alvo de comentários falsos acerca do seu gênero – pela internet, rapidamente se espalhou a notícia de que Brigitte na verdade nasceu homem, sob o nome de Jean-Michel Trogneux, um apelido de quando era solteira²⁴.

Beard (2018) argumenta que, para a mulher se inserir na política, ela passa por uma espécie de transformação, seja na arguição, seja no estilo de se vestir. Deputadas, senadoras, governadoras e presidentes, todas seguem o mesmo padrão de roupa, abandonando os traços considerados femininos na sociedade – uma reencenação de Atena, que, apesar de estar na lista de deusas mulheres do mundo Antigo, poderia ser considerada um deus masculino²⁵.

²³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/28/apos-polemica-com-macron-bolsonaro-apaga-comentario-sobre-primeira-dama-da-franca.ghtml>, Acesso em: 20 jul. 2022.

²⁴ Brigitte entrou com um processo contra a difamação, como é possível ler nessa reportagem disponível em <https://www.dn.pt/internacional/brigitte-macron-processa-autores-da-teoria-de-que-nasceu-homem-14441446.html>.

²⁵ Apesar de estar didaticamente localizada na lista das deusas mulheres, suas vestes e comportamentos estavam muito mais próximos do que, naquele tempo, só era permitido aos deuses homens (BEARD, 2018).

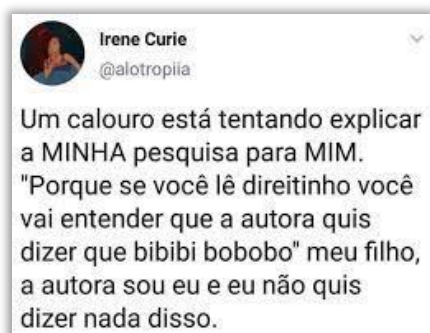
Segundo a OEA, durante a Convenção de Belém do Pará de 1994, a difamação e a injúria são consideradas um tipo de violência contra mulher – a violência moral, podendo ocorrer pela internet²⁶. Com figuras políticas, ou com qualquer mulher que se posicione publicamente em favor de liberdade e direitos femininos, esse tipo de violência é bastante comum, especialmente por meio das redes sociais.

As regularizações sociais supracitadas são formas de desvalidação do que a mulher tem a dizer, mas não são as únicas formas que ocorrem na sociedade. Muitas vezes, não é necessário um xingamento para silenciar as mulheres. Outras maneiras comuns, e estudadas pelo feminismo, são *mansplaining*, *maninterrupting*, *bropropriating* e *gaslighting*.

O *mansplaining* (junção das palavras em inglês *man* + *explaining*) é o fenômeno mais facilmente identificado e pode ser traduzido como ‘homexplicanismo’²⁷ ou “macho palestrinha”²⁸. Essa prática ocorre quando um homem explica algo para as mulheres, mesmo quando a mulher é especialista sobre o que está falando, como é o caso dos enunciados que seguem:

(4)

FIGURA 4 – Postagem sobre *mansplaining* no Twitter



Fonte: Facebook²⁹

Embora o *mansplaining* seja mais recorrente (ou mais identificado) no meio acadêmico, ele ocorre em vários espaços, principalmente naqueles considerados ‘território masculino’ –

²⁶ Disponível em: <https://www.tjse.jus.br/portaldamulher/definicao-de-violencia-contr-a-mulher>>. Acesso em: 15 jun. 2022.

²⁷ Disponível em <https://revistaforum.com.br/blogs/anarca-me/2014/12/15/aproveitando-caso-bolsonaro-para-fazer-um-glossario-27000.html> Acesso em: 20 jun. de 2022.

²⁸ “Macho palestrinha” é mais usado no Twitter, enquanto “homexplicanismo” é comum dentro das discussões feministas em outros espaços.

²⁹ Disponível em <https://m.facebook.com/quebrandootabu/photos/a.575920612464330/2533140766742295/>. Acesso em: 20 jul. 2022.

como política, esportes, carros etc. Essa prática, geralmente, vem acompanhada do *manterruption* (*man + interrupting*), que é quando o homem interrompe a fala de uma mulher.

Um caso de *manterruption* é o que ocorreu com Marielle Franco, em uma de suas últimas falas no parlamento. Enquanto ela discursava sobre o que é ser mulher, no Dia das Mulheres, uma pessoa interrompeu gritando o nome de um torturador da ditadura³⁰. Marielle não reagiu com silêncio, pelo contrário, deixou claro que não seria interrompida por ninguém enquanto estivesse falando, ao dizer “Não serei interrompida. Não aturo interrupção dos vereadores desta casa. Não aturarei de um cidadão que vem aqui e não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita.”, marcando, também, a sua posição de mulher eleita democraticamente, em oposição ao discurso a favor da ditadura.

Na CPI da pandemia, isso também ocorreu. Além de a bancada ser toda formada por homens, incluindo os suplentes, na maioria das vezes em que uma senadora tentava dizer alguma coisa, era interrompida³¹.

Quando a mulher resiste ao interrompimento, se posicionando novamente, essa prática vem acompanhada de adjetivos que põem em cena a perspectiva de ‘nervosa’, que não controla suas emoções, e, portanto, não tem o comportamento necessário para ter voz pública, como discutimos brevemente na Figura 1. Esse tipo de comportamento é chamado de *gaslighting*, que reforça as regularizações sociais. O interrompimento da fala feminina é uma forma de dizer que a mulher não sabe do que está falando ou, caso saiba, não está argumentando de maneira correta, já que assertividade não é uma característica feminina.

Há também o *bropropriating* (a gíria “bro”, da palavra *brother + appropriating*), ou seja, quando o homem se apropria de algo dito ou produzido por uma mulher. Esse termo pode ser novo, mas a noção de que as ideias femininas não são boas o suficiente para se bastarem por si só não é uma novidade. Virgínia Woolf (2019) disse que “por muito tempo, anônimo era uma mulher”, ao falar que, se as mulheres sempre escreveram, e ela acreditava que sim, ou elas publicaram enquanto um autor anônimo ou sob o nome de um homem (em geral, o marido) – como foi o caso de Zelda Fitzgerald.

Pode parecer que esse costume (de ter o material roubado ou assinado por outro nome) ficou no século passado, mas em 2018, Taylor Swift enfrentou uma situação parecida. Scooter Braun, empresário de grandes nomes da indústria musical, comprou a antiga gravadora de

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fl8czAgJGUE>. Acesso em: 10 jun. 2022.

³¹ Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Feminismo/Politica/noticia/2021/09/descontroladas-interrumpidas-e-culpadas-senadoras-encaram-machismo-na-cpi.html>. Acesso em: 01 jul. 2022.

Taylor Swift e, em função do contrato assinado por ela aos quinze anos, ele ficou com os direitos de todas as suas músicas³².

Quando Taylor Swift publicou em sua conta do Instagram sobre o acontecido, Scooter respondeu que em momento algum foi negada a chance de a cantora ter todo direito de suas obras, a alternativa era que, para tê-las, ela deveria continuar na gravadora. Apesar da opção, Taylor decidiu não renovar o contrato e ficar apenas com os direitos de compositora em seus antigos álbuns, e, a partir daí, a narratividade da cantora se foca em manter a discussão de que a obra pertence ao artista³³, e é sustentada em suas regravações dos álbuns antigos, sob o nome de *Taylor's version* (em tradução livre, “a versão da Taylor”).

No final de 2020, os direitos de suas músicas foram vendidos de novo, dessa vez a Shamrock Holdings, que chegou a oferecer uma parceria com a compositora para que ela tivesse participação nos lucros. No entanto, ao descobrir que Scooter teria porcentagem nos ganhos, Taylor Swift se negou, alegando que só a participação do empresário já era um “não” para ela³⁴.

A apropriação do patrimônio da mulher também ocorre na ciência e no mercado de trabalho. Em março de 2022, a psicóloga e professora brasileira Valeska Zanello relatou que sua pesquisa havia sido plagiada pelo estudante de psicologia João Luiz Marques³⁵.

(5)

FIGURA 5 – Sequência de capturas de tela de desabafo feita por pesquisadora



Fonte: Instagram³⁶

³² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/2021/02/11/apos-polemica-com-direitos-autorais-taylor-swift-relancara-album-antigo>. Acesso em: 19 abr. 2021.

³³ Disponível em: <https://www.omelete.com.br/musica/taylor-swift-entenda-a-polemica-da-cantora-com-scooter-braun>. Acesso em: 20 abr. 2021.

³⁴ Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/amp-stories/taylor-swift-x-scooter-braun-a-briga-da-cantora-com-o-empresario-terminou/index.htm>. Acesso em: 20 abr. 2021.

³⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2022/03/mulheres-sao-apagadas-na-ciencia-com-obras-e-ideias-roubadas.shtml>. Acesso em: 02 jul. 2022.

³⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CaQhrWELcfV/?igshid=YmMyMTA2M2Y=>. Acesso em: 30 jun. 2022.

O estudante de Psicologia chegou a fazer uma publicação na rede social, depois dessa denúncia, admitindo e se desculpando. Mas essa publicação já foi removida da sua conta, enquanto ele continua falando sobre os mesmos temas que Zanello. Mais do que isso, enquanto Zanello tem 182 mil seguidores, o estudante de Psicologia tem 202 mil.

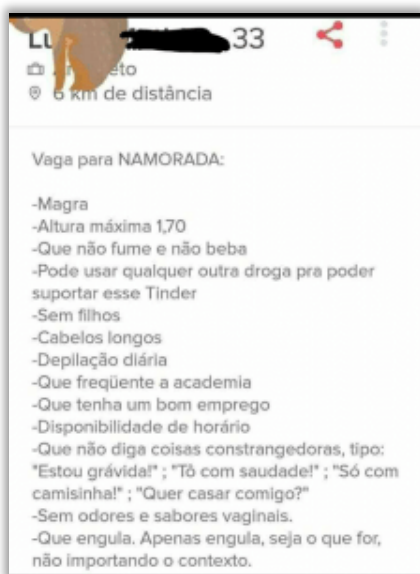
Se na arte a mulher conseguiu espaço e mesmo assim pode ter os direitos autorais de seu trabalho entregues a outra pessoa, na ciência o apagamento da mulher é histórico – de Mileva Maric, física e ex-mulher de Albert Einstein, à psicóloga Zanello, essa forma de silenciamento não só retira a propriedade intelectual de quem se dedicou a estudar e pesquisar sobre um tema, mas sustenta o argumento de que ciência não é um campo para mulheres, de forma que não só há poucas mulheres na área, como, em geral, a área não está aberta para recebê-las, como mostrou a pesquisa de Corinne Moss- Racusin.

A tentativa de impedimento da transição do corpo feminino não está contida apenas nos espaços profissionais e/ou intelectuais. O controle do corpo feminino, desde o que uma mulher tem que ser para ser considerada mulher até que tipo de roupa ela veste, assim como o feminicídio, também são formas de silenciamento.

A seguir, selecionamos uma descrição de perfil de usuário do *Tinder*, rede social para encontrar parceiros:

(6)

FIGURA 6 – Descrição de um perfil no aplicativo *Tinder*



Fonte: Twitter³⁷

³⁷ Disponível em: <https://twitter.com/madeleinelacsko/status/1384187425799376898>. Acesso em: 20 de jun. 2022.

O *Tinder* é um aplicativo para encontros amorosos e/ou sexuais, no entanto, a forma como o usuário descreve o que procura é parecida com uma lista de aptidões para se candidatar a uma vaga de emprego. Para além disso, há a exigência de que a mulher não diga coisas constrangedoras e que engula “não importa o contexto”, que remete à ideia, já discutida mais acima, de que a mulher precisa engolir – a dor, o choro, os insultos e a violência – porque isso faz parte do que a sociedade compreende com o “ser mulher”.

Kehl (2016) aponta que é a partir do fim do século 19, quando a separação entre mundo privado e mundo público ficou mais delimitada e determinada por gênero, que a feminilidade se torna um fator importante. A aproximação de uma noção de família nuclear junto de um lar burguês denominaria o que hoje percebemos como uma feminilidade tradicional, nos moldes do patriarcado. A mulher passa a ser criada não mais para se casar com um homem, mas, sim, com o lar. A feminilidade tem, então, um caráter de manter a virilidade do homem que escolheu aquela mulher para manter a paz e a tranquilidade de sua casa e educar seus herdeiros, diferente do mundo público em que esses homens transitavam. Para ser uma mulher, a mulher precisa, necessariamente, ser mãe.

Ainda segundo a autora.

os discursos que constituíram a feminilidade tradicional fazem parte do imaginário social moderno, transmitido pela educação formal, pelas expectativas parentais, pelo senso comum, pela religião e pela grande produção filosófica da época, que determinava o que cada mulher deveria ser *para ser verdadeiramente uma mulher*. (p.38).

Para manter o imaginário da feminilidade, a união do lar e a virilidade do homem, o controle do corpo feminino se torna essencial. Questões que vão de encontro com a noção de liberdade e autonomia, também frutos da modernidade (KEHL, 2016).

Dessa forma, o controle do corpo feminino vai desde questões de casamento e divórcio³⁸ até o tamanho da roupa que a mulher pode ou não usar para frequentar algum lugar, em determinada hora. A sociedade que ofereceu a pílula anticoncepcional como um grande passo para a emancipação sexual feminina ao mesmo tempo que coloca a responsabilidade de engravidar nas mãos da mulher³⁹, também é a mesma sociedade que condena a mulher que não

³⁸ O divórcio, por exemplo, só foi aprovado no Brasil em 1977 – antes disso, embora fosse possível fazer um desquite (com separação de corpos e bens), não era possível se separar matrimonialmente. Assim, se o homem ou a mulher quisessem se unir a alguém e tivesse filhos, esses filhos seriam considerados ilegais e o novo casamento não garantiria nenhum direito.

³⁹ Podemos ver o jogo entre responsabilidade-culpa da mulher enquanto a gravidez no print do *Tinder* escolhido – ao pontuar que a mulher não deve dizer coisas constrangedoras como pedir para colocar camisinha ou dizer que está grávida.

deseja ser mãe – esteja ela recusando a maternidade pelos meios legais (optando por métodos anticoncepcionais e/ou laqueadura e retirada de útero) ou defendendo a legalização do aborto.

No Brasil, é possível fazer aborto seguro em três casos, segundo a lei: caso a gravidez coloque a vida da gestante em risco, caso a gravidez seja fruto de violência sexual e/ou em caso de o feto não ter desenvolvido cérebro. Segundo a cartilha do Ministério Público de São Paulo, nesses três casos não é necessário entrar com um pedido judicial, basta que a mulher e os profissionais que a atender apresentem os documentos necessários (laudos médicos, exames, documentos em que ela se responsabiliza pelo testemunho de violência sexual), sem que qualquer profissional que receba essa mulher possa tentar convencê-la de não fazer o aborto⁴⁰.

No entanto, isso não é o que acontece de fato. Em junho de 2022, o *The Intercept* fez uma reportagem denunciando a obstrução da justiça a um pedido de aborto pela família de uma menina de 11 anos de idade. A menina havia sido estuprada e a gravidez podia ser de alto risco, já que seu corpo ainda não estava preparado fisiologicamente para carregar um feto. Mesmo assim, os médicos dos hospitais se recusaram a fazer o aborto, e o caso foi parar na justiça. A análise do caso se arrastou até o bebê estar com quase seis meses, tornando ilegal o aborto segundo os parâmetros judiciais brasileiros.

A juíza, em audiência com a criança de 11 anos, diz coisas como “você suportaria ficar só mais um pouquinho?”, se referindo ao fato de que, caso a menina mantivesse a gravidez por mais algumas semanas, poderia ser feito um parto seguro e o bebê seria colocado em adoção. Sobre a adoção, a juíza ainda perguntou “você acha que o pai do bebê concordaria pra entrega de adoção?”. Com a mãe da garota, a juíza disse “hoje, há tecnologia para salvar o bebê. E a gente tem 30 mil casais que querem o bebê, que aceitam o bebê. Essa tristeza de hoje para a senhora e para a sua filha é a felicidade de um casal”⁴¹.

Na mesma semana, vazou a notícia de que Klara Castanho, uma atriz da Rede Globo, havia dado o bebê que esperava para a adoção, como muitas pessoas, incluindo profissionais, queriam que a menina de 11 anos fizesse. No entanto, uma das pessoas responsáveis por vazar a notícia da atriz chegou a acusá-la de “abandono de incapaz”. O direito de entregar o filho para doação é legal no Brasil, sendo ou não um bebê gerado por violência sexual. Klara veio a público contar que também havia sido vítima de estupro e ouviu de médicos e outros

40

Disponível

em:

http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Aborto_Legal.pdf. Acesso em: 02 jun. de 2022.

⁴¹ Disponível em: <https://theintercept.com/2022/06/20/video-juiza-sc-menina-11-anos-estupro-aborto/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

profissionais que ela devia amar o bebê, já que metade dos genes dela estavam nele, como a atriz conta em “carta aberta”, em sua conta no *Instagram*.

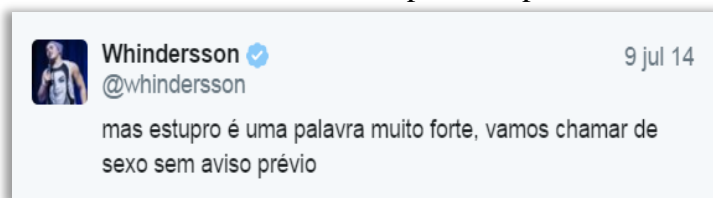
Temos, aqui, duas situações parecidas: ambas foram vítimas de uma agressão, a primeira a família optou pelo aborto e a segunda optou pela doação legal. Nos dois casos, elas foram julgadas, primeiro por não pensarem em pais na fila de adoção e, depois, por não serem capazes de amar um bebê como um filho.

A discussão gerada na sociedade, portanto, não era sobre ser pró ou contra aborto, mas sobre o controle do corpo da mulher. Controle esse que aparece em outras discussões, também relacionadas a agressões sexuais. “Com essa roupa...”, “a essa hora sozinha na rua...”, e outros enunciados que sempre terminam com um “a mulher estava pedindo para ser violentada”. A mulher que sai de casa merece ser punida.

O Brasil registrou um estupro a cada 10 minutos em 2021⁴². Ainda assim, a culpabilização da vítima fortalece a romantização do estupro, com tentativas de minimizar a agressão física e enaltecer o homem, como mostram as duas figuras abaixo:

(7)

FIGURA 7 – Piada sobre estupro feita por Whidersson Nunes



Fonte: Google imagens⁴³

(8)

FIGURA 8 – Piada sobre estupro feita por Danilo Gentili



Fonte: Google imagens⁴⁴

⁴² BRASIL teve um estupro a cada 10 minutos. G1: Distrito Federal, 07 de março de 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/dia-das-mulheres/noticia/2022/03/07/brasil-teve-um-estupro-a-cada-10-minutos-e-um-feminicidio-a-cada-7-horas-em-2021.ghtml>. Acesso em: 30 de jun. 2022.

⁴³ Disponível em <https://canaltech.com.br/internet/youtuber-ganha-chuva-de-criticas-apos-video-atravesado-sobre-estupro-67671/>. Acesso em: 20 de jul. 2022.

⁴⁴ Disponível em: <https://twitter.com/folha/status/737417826277961728>. Acesso em: 20 jul.e 2022.

Em junho de 2022, um médico anestesista foi filmado pela equipe de enfermeiras (todas mulheres) enquanto estuprava uma mulher após o parto. Com a mulher anestesiada e a saída do marido, levando o recém-nascido nos braços, o médico passou seu pênis pelo rosto e boca da mulher desacordada. O anestesista trabalhava no hospital há seis meses e pode ter estuprado, ao menos, outras 40 puérperas⁴⁵.

Esse caso mobilizou a Internet, especialmente mulheres em suas redes sociais, apontando para o fato de que a denúncia só ocorreu por causa das enfermeiras, que, desconfiadas do uso de anestesia em excesso pelo médico, decidiram gravar escondido o parto. Além disso, questionaram a ideia de a culpa ser da mulher, como vemos na imagem a seguir:

(9)

FIGURA 9 – Cartaz: a culpa é da roupa?



Fonte: Twitter⁴⁶

No entanto, o anestesista chegou a ganhar cerca de 25 mil seguidores na rede social *Instagram*, após a denúncia, fato que fortalece a ideia social do *tweet* anterior (Figura 8): ao esperar a mulher não ter possibilidade de resistir ao sexo, o homem é logo destacado na sociedade, não como culpado, mas como alguém a ser seguido.

Os dados sobre estupro no Brasil são assustadores, de fato, mas os dados sobre feminicídios são ainda mais alarmantes – uma pesquisa, organizada pelos Instituto Locomotiva e Instituto Patrícia Galvão, demonstrou que 30% das mulheres já sofreram ameaças de morte de seus parceiros ou ex-parceiros, percentual que sobe para 32% dentre a população de mulheres negras. Sobre quem seria culpado pela morte, 3% das pessoas entrevistadas culpam a

⁴⁵ O QUE se sabe sobre caso de estupro por médico durante o parto no RJ. BBC News Brasil, 11 de julho de 2022. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62129399> >. Acesso em: 25 jul. 2022.

⁴⁶ Disponível em https://twitter.com/gioalmeida_UP/status/1546634966590693378. Acesso em: 25 jul. 2022.

mulher e 30% culpam tanto a mulher quanto o homem, atribuindo, assim, parte da culpa à vítima⁴⁷.

Em 2020, ano da pandemia em que boa parte da população permaneceu meses em casa, a taxa de registro de feminicídio foi a mais alta, 1350 casos, sendo que 15% dos feminicídios do mesmo ano não foram classificados com esse tipo de crime. Interessante notar que, mesmo tendo a maior taxa de feminicídio, 2020 foi o ano em que menos houve denúncias de crimes contra mulheres⁴⁸.

Além disso, apesar das várias campanhas estaduais incentivando as mulheres a denunciarem a violência sofrida em casa, ao entrar com o processo, elas frequentemente são orientadas a permanecerem em silêncio, sob a justificativa de não se colocar em uma situação constrangedora, narrando novamente a violência sofrida. Segundo Ana Luísa Morato, juíza do Direito titular do Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a mulher do Paraná, a orientação que, em um primeiro momento, parece ser protetiva, acaba se tornando algo contra o testemunho da mulher – que pode ser compreendida nas audiências como alguém que não se importa com o resultado do processo e, até, a alguém que não é tão vítima assim. Além disso, em se tratando da constituição e das leis do direito, é apenas o culpado que não pode ser obrigado a falar, sob o risco de produzir provas contra si mesmo, mas não há um encaminhamento claro para o testemunho da vítima. O silêncio da mulher nesses casos não só impede que a lei seja aplicada efetivamente, como pode ocasionar o retorno dessa mulher ao lar agressivo⁴⁹. A “Lei Maria da Penha”, criada para proteção, acaba sendo um mecanismo de silenciamento, também.

Com isso, voltar com a mulher para dentro do lar não garante a sua segurança. O ‘lar’ é, na verdade, mais um lugar do silenciamento de mulheres na sociedade, talvez o principal deles. Das menos visíveis às mais visíveis, percebe-se que há uma tentativa de recolocar as mulheres no mundo de suas casas, sob a premissa de ser seu lugar originário e o mais seguro. No entanto, ao estar dentro de casa, a mulher continua desprotegida e pode ser vítima de mais

⁴⁷30% das mulheres dizem que já foram ameaçadas de morte por parceiro ou ex; 1 em cada 6 sofreu tentativa de feminicídio, diz pesquisa. G1: São Paulo, 23 de novembro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/11/23/30percent-das-mulheres-dizem-que-ja-foram-ameacadas-de-morte-por-parceiro-ou-ex-1-em-cada-6-sofreu-tentativa-de-femicidio-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 30 de jun. 2022.

⁴⁸15% dos homicídios de mulheres cometidos por companheiros ou ex não foram classificados como feminicídio em 2020, diz Anuário. G1: São Paulo, 15 de julho de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/15/15percent-dos-homicidios-de-mulheres-cometidos-por-companheiros-ou-ex-nao-foram-classificados-como-femicidio-em-2020-diz-anuario.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2022.

⁴⁹ Artigo disponível em <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/artigos-discursos-e-entrevistas/artigos/2022/silencio-da-vitima-direito-ou-armadilha>. Acesso em: 24 out. 2022.

violências, sem ter a liberdade e o direito de denunciar, ainda que haja mais leis hoje do que antes, que garanta o direito às mulheres.

Porém, assim como na Figura 9, o fato de que a sociedade tenta retirar a mulher do espaço público, culpabilizando por ter sido vítima porque estava em um lugar que não lhe pertence, não significa que não haja resistência dessas mulheres em voltar para seu “lugar original”, como veremos na próxima seção.

1.2.2 O silêncio e a resistência

A minha primeira reação foi ficar tipo “nossa, que chatice... Isso não é engraçado para mim”. Mas aí a minha segunda reação acabou sendo tipo “Ei, essa personagem que eles estão escrevendo sobre é muito interessante. Tipo, ela anda de jatinho pelo mundo, coletando homens, e então... E ela consegue ter qualquer um deles. Mas ela é tão pegajosa que eles vão embora e ela chora. E, então, ela pega outro na sua teia e os aprisiona. E o tranca em sua mansão. E daí ela fica chorando em sua banheira de mármore rodeada de pérolas. Então, pensei: eu posso usar isso!

(Taylor Swift)

Até o momento, vimos como o silêncio instala a posição da mulher na sociedade, afastando-a do poder, ainda que leis preconizem seus direitos, e, com isso, mantendo-a subalterna à voz predominante na sociedade – a dos homens. Segundo Kehl (2016), o patriarcado sustenta o imaginário social do que uma mulher precisa ser para ser verdadeiramente uma mulher, porém não é possível a existência de um imaginário único, pois sempre haverá um discurso que contrapõe o tradicional sentido da feminilidade.

Assim, não é possível pensar apenas em uma contraposição entre voz x silêncio e dito x não-dito, porque a voz e o silêncio constituem o sentido. O silêncio, portanto, não tem seu sentido localizado na palavra, mas nos limites do dizer – limites esses que precisam ser pensados a partir de seu aspecto cultural e suas determinações políticas, históricas, religiosas, jurídicas, científicas, amorosa... Além disso, o silêncio significa em relação ao passado (referencial histórico⁵⁰), em relação ao futuro (projeto de discurso, multiplicidade de sentidos) e em relação à historicidade do sujeito (a partir daquilo que constrói sua identidade) (ORLANDI, 2007).

Assim, o silêncio é observado não pelo silêncio em si, mas pelos seus efeitos retóricos e políticos, entendendo-o como parte da retórica, da dominação e da resistência (ORLANDI,

⁵⁰ A noção de “referencial histórico” será discutida no próximo capítulo.

2007). Por exemplo, quando se diz “bela, recatada e do lar” se colocam em jogo as relações de poder entre o homem e a feminilidade da mulher – seu sentido só pode ser recuperado historicamente, como aponta Rago (1985), na representação do ideal de mulher, esposa e mãe, sexuada apenas dentro do limite do lar.

O que extrapola essa determinação não é feminino – como na frase de Zelda Fitzgerald “Desculpe-me por ser tão intelectual. Eu sei que você preferia algo bom, feminino e afetuoso”. A sequência aditiva bom + feminino + afetuoso se coloca contrária à noção de ser tão intelectual, e, nesse caso, a um traço masculino, que não pode ser considerado bom quando escapa da representação social e simbólica de uma mulher bela, recatada e do lar.

Essas e outras regularizações – que costumam ser analisadas de maneira negativa – causam efeitos de sentido positivo, por apontar o que a sociedade enuncia sobre a população que ela silencia. (ORLANDI, 2007). Isto é, possibilita que haja debate sobre o assunto, provocando mudanças e questionamentos no discurso dominante.

Ocorre, assim, um silêncio simbólico que permite que o sujeito se posicione, ou seja, que o sujeito resista. As formas de silenciamento, portanto, podem ser interpretadas não como um efeito negativo, mas como uma fissura do discurso que possibilita um questionamento, uma mudança (ORLANDI, 2007). Segundo Prado (2011),

referimo-nos a discurso feminino, por um lado, e discurso masculino, por outro, como duas faces do mesmo discurso, sendo tal divisão antagonismo e luta por hegemonia em seu interior. O discurso é, pois, meio e fim: luta-se com o discurso pelo poder que ele representa (p. 62).

O homem e a mulher estão em lugares sociais diferentes, colocando, no centro da linguagem, o político⁵¹, a relação de confronto das desigualdades desses lugares diferentes (GUIMARÃES, 2018). Quando se diz que a mulher “tomou o poder” ou “roubou a fala”, se diz, também, que ela ocupou um espaço que originalmente não era dela. No entanto, esse mesmo enunciado sinaliza que mesmo que o discurso masculino e hegemônico não queira dar esse espaço para a mulher esse espaço já foi ocupado por ela (ORLANDI, 2007). A agressividade que os discursos reclamam quando a mulher extrapola os limites do lar é a agressividade que retorna na linguagem com os verbos que, geralmente, são usados para falar dessa mulher que se atreve – verbos como “tomar”, “roubar”, “romper”. Até mesmo o “chegar lá” demarca que o caminho da mulher exige o atrevimento da resistência frente ao silenciamento.

Segundo Beard (2018),

⁵¹ A noção de “político” será discutida no próximo capítulo.

Se olharmos para as mulheres que “chegaram lá”, veremos que as táticas e estratégias por trás de seu sucesso não se limitam a meras imitações das atitudes masculinas. Algo que muitas mulheres têm em comum é a capacidade de usar a seu favor símbolos que em geral enfraquecem o poder feminino. Margaret Thatcher parece ter feito isso com suas bolsas, tanto que, com o tempo, o uso do acessório mais estereotipado transformou-se em uma expressão de poder político: como em “dar uma bolsada”.

Assim, como aponta Perrot (1991), o movimento de a mulher de sair de casa causa, também, sair moralmente do que a sociedade espera que a mulher seja, faça e represente, possibilitando uma passagem da submissão para uma independência – não só no âmbito civil, mas, principalmente, no poder de sua voz vociferante ao se colocar na posição de quem pode (e deve) falar por e sobre si mesma.

2 PRESSUPOSTOS ENUNCIATIVOS

2.1 O dizer em enunciação

Para a Semântica da Enunciação, o dizer é um acontecimento enunciativo, ou seja, apresenta uma ordem social. Segundo Guimarães (2018), “o acontecimento da enunciação se apresenta como um acontecimento de linguagem. Enquanto tal esse acontecimento ocorre num espaço de enunciação específico (p. 19)”. Assim,

A língua não é algo abstrato, é algo histórico, se apresenta pela prática humana, por relações que fundamentam o funcionamento dessa prática cuja característica é a de produzir significações: a linguagem (GUIMARÃES, 2018, p. 23).

Além disso, o acontecimento não pode ser considerado apenas como um fato empírico, mas como algo que produz uma diferenciação na ordem das coisas, que atribui ao fato uma significação (GUIMARÃES, 2018). A enunciação, portanto, é um acontecimento de produção de sentido, que se constitui ancorada pela estrutura da língua, mas, também, pela sociedade, pela memória⁵², pelo tempo histórico e pelos falantes (DIAS, 2018). Segundo Dias (2018), por essa perspectiva

não se nega que, ao dizer, produzimos escolhas e que essas escolhas se efetivam em textos orais ou escritos, que efetivamente construímos no exercício de uma língua. O que está em questão é o fato de que essas escolhas são influenciadas, suscitadas ou provocadas pelos papéis sociais que assumimos na sociedade (p. 63).

Assim, segundo Guimarães (2018), a Semântica da Enunciação se propõe a estudar o funcionamento linguístico, não a partir dos significados das palavras em estado de dicionário, tampouco, como algo exterior à língua, mas entendendo a significação como um processo, produzido em sua enunciação. A língua, para essa teoria, pode ser compreendida como um sistema de regularidade – sons, palavras – que se articulam materialmente. A essa unidade analisável se dá o nome de enunciado, que apresenta uma consistência interna e uma independência relativa e deve ser considerada em interface com o acontecimento de sua produção (GUIMARÃES, 2018). Dessa forma, “é a independência relativa, aliada à consistência interna, então, que faz o enunciado significar e assim ser enunciado, e não se reduzir a uma sequência de sons, ou de palavras, ou de formas, simplesmente” (GUIMARÃES, 2018, p.16).

⁵² Neste trabalho, o conceito de memória guardará relações com o de Referencial Histórico, porém nos deteremos sobre isso em outra seção do texto.

Neste capítulo, apresentaremos alguns pressupostos da Semântica da Enunciação fundamentais a esta pesquisa. O aprofundamento teórico visa estabelecer reflexões a partir de uma relação de aproximação entre o primeiro capítulo, sobre o silêncio feminino, e a teoria.

2.1.1 Domínios de mobilização

Ao analisarmos a língua não apenas como algo individual ou social, mas “em relação a”, é necessário pensar o que possibilita essa dinâmica linguística. Para a Semântica da Enunciação, isso é possível a partir da noção de que as formas de expressões (produzidas individualmente) se dão a partir de mobilizações de várias visões sociais, historicamente configuradas e acessadas enquanto memória social em acontecimento. São históricas porque, ao produzirem um direcionamento para significação, produzem tensionamentos necessários e próprios da constituição social (DIAS, 2018).

Segundo Dias,

ser forma linguística (pelo viés da enunciação) é significar em relação de articulação com os domínios sociais de mobilidade de sentidos, tendo em vista referenciais históricos e com as relações de pertinência com outras formas, constituindo unidades de significação mais amplas (p. 38).

Dessa forma, as perspectivas sociais influenciam em como o sujeito se expressa, e, embora o sujeito produza escolhas ao dizer, essas escolhas não são totalmente individuais, os papéis sociais assumidos na sociedade influenciam no modo como o enunciado é dito. O dizer tem, portanto, uma identidade social e histórica (DIAS, 2018).

A articulação não é, pois, soma dos elementos presentes no enunciado. É, na verdade, o movimento de relação, afetando e sendo afetado pelo dito e não-dito dialeticamente. Como exemplo, podemos pensar em vários pontos ajustados de maneira que formem uma linha. Embora pensar que é a adição dos pontos a responsável por formar uma linha não seja um pensamento de todo errado, só a justaposição desses pontos não faz da linha uma linha, assim como não aponta uma direção – para a direita, esquerda, para cima, para baixo, em círculo, em curvas, reta etc. Isso só pode ser dado por aquele que faz a linha e, mesmo assim, existe um certo limite de movimentos com essa linha, embora seu direcionamento possa ser feito de muitas maneiras.

Na enunciação, o linguístico tem suas regras que limitam as possibilidades de sentido manifestados pelas formas de expressão, influenciando e sendo influenciado não apenas pelo

indivíduo que é mobilizado a falar, mas pelo lugar histórico-social no qual ele se localiza⁵³. Afinal, como dito por Dalmaschio (2021)⁵⁴ em referência a Benveniste (1968-2006), “língua e sociedade implicam juntas uma à outra”.

Assim, segundo Dias (2018), o domínio da mobilização corresponde às “articulações de sentido socialmente configuradas que determinam as formas expressivas na constituição de uma unidade significativa (p. 17)”. Para o autor, as formas expressivas são formas qualificadas e mobilizadas a significar dentro de um domínio. Esse domínio representa “uma dinâmica de direcionamento de significar” (p. 26).

Conforme apresentamos, os domínios de mobilização estabelecem relações estreitas com os referenciais históricos e as pertinências enunciativas demandadas pela significação das formas linguísticas em articulação. Passemos, pois, a descrever como a Semântica da Enunciação compreende esses dois fundamentos.

2.1.2 Referencial histórico

No Capítulo 1, nos referimos ao termo memória, diferenciando a memória enunciativa de outras definições de memória (psicológica, literária, histórica etc.). Para a Semântica da Enunciação,

A memória é considerada de natureza discursiva porque ela só é captada na relação entre discursos. Nessa relação que temos, de um lado, a instância da formulação discursiva, na constituição do acontecimento enunciativo, e do outro a instância daquilo que circulou em outros tempos e lugares (DIAS, 2018, p. 88).

Ao colocar a língua em funcionamento, se mobiliza a dimensão da memória, atualizando-a na enunciação, servindo de ancoragem para significações possíveis (DIAS, 2018). Essa ancoragem, regularizada pela língua, Dias (2018) nomeia “referencial histórico”. Partindo da noção foucaultiana de referencial, como a diferenciação dos elementos (indivíduos, objetos, relações) que se apresentam pelo próprio enunciado, Dias (2018, p. 98) discorre que “os nossos enunciados adquirem valor social e nos situam na história a partir de nossos lugares de dizer”.

Dessa forma,

⁵³ Discorreremos mais detalhadamente mais a frente, no tópico denominado “Espaço de enunciação”.

⁵⁴ Palestra “Pelos caminhos do sentido: um olhar sobre a sociedade”, proferida durante a mesa-redonda “Enunciação e Sociedade”, no IV Seminário Enunciação e Materialidade Linguística, organizado pelo grupo de pesquisa ENUNCIAR-UFMG.

o conceito de referencial tem raiz nesse suporte institucional dos nossos dizeres, isto é, na filiação que eles adquirem tendo em vista o funcionamento histórico da sociedade, especificamente o complexo de regulações, admissões, proibições, incentivos. O referencial constitui-se, portanto, em um dos dois fundamentos daquilo que designamos por *domínio de mobilização* do sentido. Trata-se dos domínios em que os enunciados se ancoram para emergir de acordo com o funcionamento histórico-social. (DIAS, 2018, p. 100-101, grifos do autor).

O referencial histórico, portanto, não diz respeito só ao que o enunciado se refere, mas a tudo que já foi dito antes e às filiações desse dito, ou seja, funciona como uma ancoragem no contexto histórico-social (DIAS, 2018).

Como ilustração, utilizaremos o exemplo que segue:

(10)

FIGURA 10 – Divulgação de aplicativo de apoio às mulheres



Fonte: Google.⁵⁵

A imagem é de uma iniciativa de cinco mulheres de Recife, que criaram um aplicativo de apoio para mulheres. O nome escolhido remete ao enunciado “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Dessa forma, ao efeito de sentido de omissão, construído por esse dizer, e sustentado por referenciais históricos regularizados socialmente, sobrepõe-se outro: o da participação ativa. Expliquemos de outra forma: mobilizada pela necessidade de proteção à mulher, uma rede de apoio propôs a criação de uma ferramenta para que as mulheres possam ser ajudadas em caso de violência, relacionamentos abusivos ou qualquer ato de assédio. Ao fazer isso, sentidos foram tensionados (omissão x participação) e postos em cena por um movimento de ancoragem referencial e demanda de pertinência enunciativa. Assim, “não meter a colher” x “meter a colher” corresponde não a uma realidade dada a *per si* no mundo, mas a uma (re)organização linguística do real.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/04/mete-a-colher-coletivo-cria-app-para-ajudar-mulheres-em-relacionamentos-abusivos/>. Acesso em: 08 fev. 2023.

2.1.3 Pertinência enunciativa

Embora, no senso comum, pertinência seja entendida como importância, para a Semântica da Enunciação, o termo “pertinência” deriva de “pertença”, sendo assim, a pertinência enunciativa corresponde à aderência à “demanda do presente”, que convoca o falante da língua a significar os acontecimentos linguísticos, a partir de um investimento histórico (DIAS, 2018). Com efeito,

O que dizemos mantém relação com um conjunto de outros dizeres com os quais estamos em contato. Nós somos afetados por tudo aquilo que nos rodeia, seja pelo que os outros estão nos dizendo, seja pelo que estamos presenciando, seja pelo que produz alcance nos nossos sentidos, seja pelo que movimenta os nossos desejos, os nossos afetos, seja pelo que achamos que não está certo, pelo que consideramos que seja merecedor de nossa intervenção, seja pelo que achamos que devemos reforçar, encorajar, intervir, reprimir, incentivar. E tudo isso é regularizado em formas específicas de dizer, modos de se fazer reconhecer pela linguagem. (DIAS, 2018, p.103-104).

Voltando ao exemplo da seção anterior, o enunciado “em briga de marido e mulher não se mete a colher” pertence ao gênero ‘ditado popular’. Isso possibilita que se relacione com outros enunciados do mesmo gênero, por exemplo, ao ditado alemão “bife e mulher, quanto mais batido, melhor” ou ao provérbio “lugar de mulher é na cozinha”, dizeres que reforçam a visão disseminada do lugar da mulher na sociedade. Assim, segundo Dias (2018) “Essa relação de pertença entre o enunciado e texto, ou especificamente entre enunciado e gênero textual, é um tipo de pertinência que um eventual enunciado mantém com a sua atualidade textual (p. 104)”. Ao se realizar a reescrita do ditado popular “lugar de mulher é na cozinha”, para o “lugar de mulher é onde ela quiser”, ou ao se nomear aplicativos usados em iniciativas sociais com o enunciado “mete a colher”, ao se referir ao ato de envolvimento “em briga de marido e mulher”, ocorre uma atualização nesse espaço de enunciação que, conseqüentemente, se oferece como propulsora de atualizações, também, no espaço social.

2.1.4 Espaço de enunciação

Como foi dito anteriormente, a enunciação, aqui, é compreendida enquanto um acontecimento linguístico, que constitui sua própria temporalidade (GUIMARÃES, 2002). A temporalidade, no entanto, não é apenas uma marcação de um antes, um agora e um depois, traçados linearmente. Trata-se, antes, de um enredamento de presente, passado e futuro no dizer em ato. Ou seja, a enunciação é marcada por um passado que guarda relação com o presente e

com o futuro, assumindo, assim, a temporalidade como algo que ocorre no “ao mesmo tempo” do dizer em ato (GUIMARÃES, 2018). Nas palavras de Guimarães (2018), “ao recorte do passado produzido pelo acontecimento, chamo de *memorável*, e esta projeção de enunciações futuras, de *futuridade* (p. 41, grifos do autor).”

Segundo o autor,

A produção de sentido pelo acontecimento da enunciação envolve um aspecto fundamental: o agenciamento do falante, pelo funcionamento da enunciação, em aquele que diz. No acontecimento de enunciação estabelece-se uma alocação, ou seja, uma relação constituída pela prática da linguagem, pelo agenciamento dos falantes que assim dizem (p. 45).

Os enunciados são afetados pelas demandas sociais e pelos espaços de enunciação em que se relacionam língua(s) e falante(s), produzindo tensões entre quem diz e a comunidade a quem essa enunciação é dirigida (DIAS, 2018). Assim, o espaço de enunciação “constitui os falantes enquanto determinados pelas línguas deste espaço” (p. 49), de forma que o funcionamento da língua aconteça, agenciando o falante a “dizer enquanto um lugar de enunciação, como lugar que enuncia” (p. 41).

Por exemplo, em nossa sociedade, o que um homem cis-hétero branco fala não tem o mesmo impacto do que o que enuncia uma mulher cis-hetero branca. Essa diferença, sustentada pela cultura patriarcal e hegemônica, tem ainda outras desigualdades entre mulheres brancas e homens negros, mulheres brancas e mulheres negras, héteros e LGBTQIA+ etc. Os lugares sociais que ocupamos estabelecem uma tensão com os outros lugares sociais possíveis em nossa sociedade. É possível ver isso a partir do Atlas da Violência de 2019⁵⁶, que, apesar de apontar para o fato de que todas as mulheres são vulneráveis a sofrerem violência doméstica, as mulheres negras, que residem em periferia e/ou vivem nas regiões do Nordeste e do Norte, justamente em lugares sociais que costumam não ser escutados pela sociedade, são mais suscetíveis a esse tipo de violência, visto que a rede de apoio e as delegacias especializadas (como a delegacia da mulher) são mais difíceis de serem acessadas.

Por isso, por mais que os falantes falem a mesma língua, esse espaço de enunciação não é distribuído igualmente e é carregado de tensão, de forma que também é um espaço político (GUIMARÃES, 2018), isso porque

se o falante é agenciado em o lugar que diz, este lugar que diz só o faz na medida em que o falante se divide em lugar que diz e lugar social de dizer (chamamos este lugar

⁵⁶ Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf
. Acesso em: 05 jan. 2023.

de alocutor), um lugar oficial, no caso: o falante ao ser agenciado a enunciar é dividido pelo próprio agenciamento do falante, em Locutor e alocutor. (...) O agenciamento do falante a dizer constitui o que chamamos de cena enunciativa. (GUIMARÃES, 2018, p. 44).

Guimarães (2018) explica que o “o político é a contradição que instala o conflito no centro do dizer” (p. 51), em uma relação dinâmica entre os lugares de enunciação. Isso produz diversas formas de significar por meio do funcionamento semântico. Dessa maneira, para além de um lugar específico de enunciação, existem outros que se relacionam com ele e entre si. Desse modo,

a consideração do lugar social do dizer abre a possibilidade particular para se analisar o confronto próprio da enunciação em virtude de sua relação com os lugares de dizer, na dinâmica da cena. Observar esse confronto possibilita observar como relacionam os lugares da cena enunciativa (GUIMARÃES, 2018, p. 68).

Com isso em vista, Guimarães assim se posiciona sobre a concepção do que considera o político no espaço de enunciação:

Definiremos o político como segue: ele se caracteriza pela oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real produzida enunciativamente pelas instituições que o organizam: organizam os lugares sociais e suas relações, identificando-os (ou seja, atribuindo-lhes sentido), e recortam o mundo das coisas, significando-as. Por este conflito o real se divide e redivide, se refaz incessantemente em nome do pertencimento de todos no todos. (GUIMARÃES, 2018, p. 50).

Com efeito “em nome do pertencimento de todos no todos”, os enunciados, como os apresentados a seguir, entram em embate:

(11)

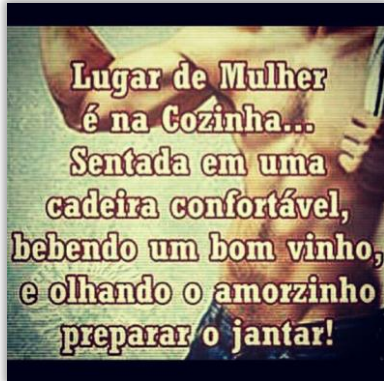
FIGURA 11 – Ditado popular brasileiro



Fonte: Extraído do site de pesquisas Google⁵⁷

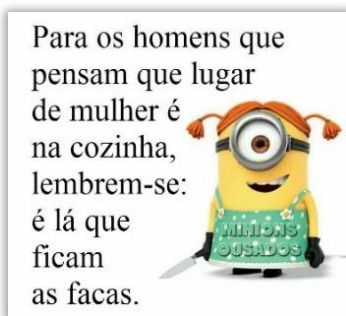
⁵⁷ <https://quemdisse.com.br/frase/lugar-de-mulher-e-na-cozinha/1756/> Acesso em: 08 fev. 2023.

(12)

FIGURA 12 – Imagem fazendo referência ao ditado brasileiro

Fonte: Extraído do site de pesquisas Google⁵⁸

(13)

FIGURA 13 – Personagem de animação fazendo referência ao ditado popular brasileiro

Fonte: Extraído do site de pesquisas Google⁵⁹

(14)

FIGURA 14 – Reelaboração do ditado popular brasileiro

Fonte: Extraído do site de pesquisas Google⁶⁰

⁵⁸ <https://www.sentimentoempoesias.com/2016/07/olhando-o-amorzinho.html>. Acesso em: 08 fev. 2023.

⁵⁹ <https://imgs.app/p/imagens-para-insta-legais-memes-engracados-sociais-vn1zxHMOvX>. Acesso em: 08 fev. 2023.

⁶⁰ <https://www.facebook.com/magianacozinha1/photos/a.119582059524662/129975128485355/?type=3>. Acesso em: 08 fev. 2023.

(15)

FIGURA 15 – Camiseta com estampa de ditado popular brasileiro reformulado

Fonte: Extraído do site de pesquisas Google⁶¹

Os cinco enunciados que compõem a rede enunciativa, construída por nós, demonstram o que Guimarães (2018) descreve como a “oposição entre a afirmação da igualdade em conflito com uma divisão desigual do real”. Não há nada na cozinha que por imanência pertença à mulher ou ao homem. Essa determinação é significada socialmente, por meio de discursos que a legitimam. Assim, na tentativa de uma nova significação, previamente orquestrada pelo efeito de sentido expresso na Figura 11 (“Lugar de mulher é na cozinha”), um arsenal de guerra é posto em cena pela palavra. Em articulação, os enunciados se organizam para um conflito de redivisão e refacção do real. Essa tensão vai desde a tentativa de inversão de papéis, conforme expresso na Figura 12 (“Lugar de mulher é na cozinha... sentada em uma cadeira confortável, bebendo um bom vinho e olhando o amorzinho preparar o jantar”), passando pela disputa de forças, como na Figura 13 (“Para os homens que pensam que lugar de mulher é na cozinha, lembrem-se: é lá que ficam as facas.”) até a relativização absoluta do efeito já regularizado, de acordo com 14 e 15 (“Lugar de mulher é na cozinha, se ela quiser” e “Lugar de mulher é onde ela quiser”). Por essa perspectiva são as palavras que “recortam o mundo das coisas, significando-as” (GUIMARÃES, 2018, p. 50). E as palavras serão aqui analisadas como formas linguísticas em articulação.

⁶¹ <https://www.elo7.com.br/camiseta-lugar-de-mulher-e-onde-ela-quiser/dp/BCFF88>. Acesso em: 08 fev. 2023.

2.1.5 A forma linguística em articulação

A significação, para a Semântica da Enunciação, é compreendida não como um dado prévio e imutável, mas em sua articulação com os referenciais históricos, sua pertinência enunciativa, com as próprias palavras enunciadas (DIAS, 2018, p.38). E as palavras enunciadas são entendidas por Dias (2018) como formas linguísticas. Para ele,

a forma linguística pode ser compreendida como fato linguístico. Na nossa perspectiva, o fato linguístico é definido a partir da tensão entre uma estabilidade da unidade formal, marcada pela linearidade, isto é, pontuada na horizontalidade da ordenação do arranjo sintático, de um lado, e a verticalidade própria do domínio de forças a ser representado (domínio de mobilidade), de outro. Dessa maneira, dizemos que a forma linguística é afetada por uma relação tensa entre o plano da organicidade e o plano do enunciável. (DIAS, 2018, p.38)

Conforme Dias (2018), a articulação da forma linguística se dá em três dimensões: as articulações subnominais, as articulações intranominais e as articulações internominais (DIAS, 2018).

As articulações subnominais estão relacionadas à formação dos nomes, não a partir da etimologia, mas o que motiva a entrada do nome em um léxico, estabilizando uma unidade temática de existência (DIAS, 2018). Como exemplo, podemos pensar no próprio substantivo “mulher” e todos os enunciados descritivos que esse substantivo condensou e ainda condensa ao longo da história, como dissertamos no Capítulo 1. Isso porque o substantivo

carreia, portanto, um histórico de enunciações socialmente pertinentes. Expõe-se ao fluxo da relação entre memória e atualidade no acontecimento enunciativo. Na medida em que é fruto de uma condensação, ele produz uma visibilidade para novos enunciados que o atingem, tornando-se fulcro nos novos acontecimentos enunciativos. Ao condensar, ele expõe as marcas dos referenciais que lhe são constitutivos, e assim abre-se para a absorção, como também para o dissenso. (DIAS, 2018, p. 127).

Em relação às articulações intranominais, elas se dão a partir da composição de palavras, que podem agregar, em geral, prefixos ou sufixos, criando, dessa maneira, derivações ou flexões⁶². É o que ocorre com a palavra “mulherão”, presente em (16), trecho de uma crônica escrita por Martha Medeiros.

⁶² Embora, para os estudos de base tradicionais, apenas a derivação ofereça a possibilidade de criação de palavras novas, optamos por incluir nesse grupo também o mecanismo de flexão, uma vez que os dois procedimentos (derivação e flexão) seguem os mesmos critérios em suas constituições, a saber: a agregação de radicais + afixos. Além disso, não consideramos adequado o entendimento de que uma palavra como “mulherão” corresponda, em relação ao sentido, a apenas um movimento de flexão de grau da palavra “mulher”.

(16)

“Peça para um homem descrever um mulherão. Ele imediatamente vai falar no tamanho dos seios, na medida da cintura, no volume dos lábios, nas pernas, bumbum e cor dos olhos. Ou vai dizer que mulherão tem que ser loira, 1,80m, siliconada, sorriso Colgate.

Mulherões, dentro desse conceito, não existem muitas: Vera Fischer, Malu Mader, Letícia Spiller, Adriane Galisteu, Lumas e Brunas.

Agora pergunte para uma mulher o que ela considera um mulherão e você vai descobrir que tem uma em cada esquina.”⁶³

Na crônica, a autora expõe sua opinião de que um mulherão é uma mulher que, entre outras coisas,

“pega dois ônibus para ir para o trabalho e mais dois para voltar, e quando chega em casa encontra um tanque lotado de roupa e uma família morta de fome. Mulherão é aquela que vai de madrugada pra fila garantir matrícula na escola e aquela aposentada que passa horas em pé na fila do banco pra buscar uma pensão de 200 reais. Mulherão é a empresária que administra dezenas de funcionários de segunda a sexta, e uma família todos os dias da semana.”

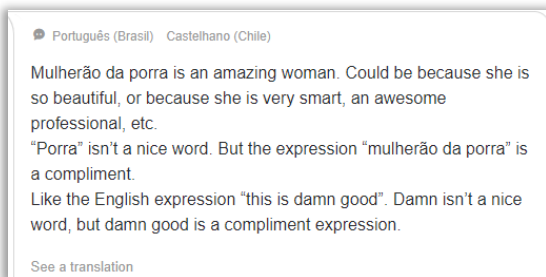
Assim, na palavra “mulherão”, o sufixo -ão significa muito além do aumentativo do substantivo “mulher”, muito além de apenas a descrição de uma “mulher grande”. Ou seja, pelo processo de articulação intranominal, são materializadas outras significações, socialmente possíveis, acerca do papel social assumido por um “mulherão”, que pode ser reescrito pelo papel assumido por uma “grande mulher”.

Por fim, temos as articulações internominais, que dizem respeito às relações entre grupos nominais. Segundo Dias (2018) “A abordagem da semântica da enunciação opera para abordar as motivações enunciativas das articulações que o nome contrai na constituição da unidade nominal complexa (grupo nominal)” (p. 118).

Nesse sentido, podemos pensar na expressão “mulherão da porra”, como um dos exemplos de articulação internominal. Esse tipo de articulação aparece em uma das descrições dadas para o fórum HiNative, site criado com o propósito de ajudar estudantes de idiomas com dúvidas em relação a gírias e ditados populares que não possuem, necessariamente, uma tradução direta:

⁶³ A crônica completa pode ser lida no blog da LP&M <https://www.lpm-blog.com.br/?tag=martha-medeiros>.

(17)

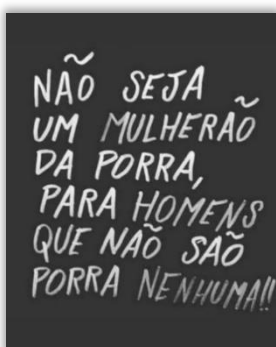
FIGURA 16 – Texto explicando o significado de “Mulherão da porra”

Fonte: Extraído do site HiNative⁶⁴

No exemplo, podemos ver a explicação de que, apesar de “porra” ser um palavrão, podendo ser compreendido como uma palavra negativa, no caso de “mulherão da porra” seu efeito de sentido é positivo, usado para descrever uma “mulher incrível”, definição que, também, extrapola o uso de apenas corresponder a mais um aumentativo de “mulher”. Aqui, a exemplo do que vimos no texto de Martha Medeiros, ‘mulher grande’ também cede lugar ao sentido de ‘grande mulher’. Trata-se agora de uma grandeza intensificada, quase pleonástica, fortalecida tanto pela articulação intranominal (mulher + ão), quanto pela relação nome-núcleo (mulherão) + convergente (da porra) materializada pelo processo articulatório internominal.

Interessante notar que, em uma articulação internominal, a posição nome-núcleo/convergente é importante para a produção do efeito de sentido em acontecimento.

(18)

FIGURA 17 – Diferenciação do sentido da forma linguística “porra”

Fonte: Extraído do site Pinterest⁶⁵

Na Figura 17, vemos que a forma linguística ‘da porra’/ ‘porra’ pode assumir outros significados em enunciações distintas. Assim, ao se configurar como elemento nuclear da forma

⁶⁴ Disponível em: <https://pt.hinative.com/questions/8381798>. Acesso em 27 de fev. 2023.

⁶⁵ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/580753314430519618/>. Acesso em: 30 maio 2023.

linguística “porra nenhuma” aciona um efeito distinto e reativo àquele produzido em “mulherão da porra”.

Com isso, podemos ver que o sentido da forma linguística não é dado previamente, mas em articulação enunciativa, que reclama seu referencial histórico e sua pertinência. Assim, “a forma linguística é afetada por uma relação tensa entre o plano da organicidade e o plano do enunciável” (DIAS, 2018, p. 38). Essa articulação produz unidades enunciativas passíveis de análise, chamadas de formação nominal (FN).

2.1.6 A formação nominal

O conceito de formação nominal vem sendo desenvolvido por Dias (2013a, 2013b, 2015a, 2015b, 2018). Para o autor,

O estudo da nominalidade numa abordagem da enunciação tem o compromisso de explicar a constituição das unidades nominais na sua estabilização como unidade de sentido na língua constituindo-se como uma unidade potencialmente temática, e no seu potencial de articulação com formantes (em processos de derivação e composição) e com outras unidades formando grupos nominais (DIAS, 2018, p. 117).

Tal abordagem enunciativa sobre a constituição da nominalidade leva o autor a considerar, para efeitos de estudo, o que denomina formação nominal. Segundo ele, a

Formação nominal não designa nem o *produto* da constituição de nomes compostos, como nos estudos morfológicos estruturalistas, e nem o *produto* de um corte sintagmático, propulsor do nome *sintagma*, mas a unidade nominal considerada a partir do *processo* de constituição dos nomes, tendo em vista as três dimensões, do ponto de vista da enunciação (DIAS, 2018, p. 122).

Portanto, para a Semântica da Enunciação, interessa menos as descrições das características fonéticas e fonológicas do enunciado, e mais as articulações de seus referenciais, que possibilitam a mobilização de sentidos produzidas pela enunciação.

Para exemplificar, analisaremos a constituição de regularidades de sentido a partir da FN “mulherão da porra”, em enunciações encontradas no site Google.

(19)

Uma maneira de nomear uma mulher quando esta está feliz consigo mesma.
*Você acha mesmo que eu vou largar uma **mulherão da porra**, dessa?*⁶⁶

⁶⁶ Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/mulher%E3o+da+porra/>. Acesso em: 08 fev. 2023.

(20)

Mulher empoderada, que sabe o que quer, que batalha por suas conquistas e é bem resolvida com suas escolhas.⁶⁷

Os exemplos (19) e (20) são de um site de significados informais para termos da língua portuguesa. Nele, podemos ver que a FN “mulherão da porra” está ancorada no referencial feminista de empoderamento, isso é, uma mulher que, independentemente do que digam, está feliz com as escolhas que toma.

Como já foi dito na Figura 16, na explicação para um estudante do português sobre o uso da palavra “porra” com sentido positivo, e não como um xingamento, há um caráter de intensidade nessa mulher – ela não é apenas uma mulher, nem um mulherão, mas um mulherão da porra, que deixa sua presença na sociedade.

No recorte a seguir, vemos a letra de uma música, cantada por um homem, que marca a diferença entre ser sexy e vulgar e sua relação com ser um “mulherão da porra”.

(21)

Gosta de se vestir e se portar / é sexy sem ser vulgar / Sabe onde quer chegar / Simplesmente ela é mulherão da porra.⁶⁸

A FN “mulherão da porra”, então, continua descrevendo uma mulher independente e empoderada, mas que sabe o lugar que a sociedade espera dela, em seu jeito de se portar frente aos outros.

Já em (22) temos a resposta da atriz Bruna Marquezine ao receber um comentário criticando seu corpo, dizendo que antes de ela emagrecer ela era um “mulherão da porra”:

(22)

"Mulherão da porra tem um corpo específico? Para mim, é alguém com valores e ideais, que sabe se colocar, que sabe se impor, busca ser a melhor versão dela diariamente, que busca o autoconhecimento, a evolução, que olha para o próximo cheia de empatia, humana, que usa sua vida e seu corpo para fazer a diferença... Não tem nada a ver com estética"⁶⁹.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/mulher%E3o+da+porra/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

⁶⁸ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/zezo/mulherao-da-porra/>. Acesso em: 27 fev. 2023.

⁶⁹ Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/bruna-marquezine-reage-as-criticas-por-corpo-magro-estou-otima_a302041/1. Acesso em: 27 fev. 2023.

Com esses exemplos, é possível compreender a afirmação de Dias sobre a FN não corresponder ao “*produto* de um corte sintagmático, propulsor do nome *sintagma*”. Não se trata, pois, de um grupo nominal que se forma de maneira composicional cujo sentido é dado pela soma de seus elementos. A FN realiza-se, antes, como um processo em que as unidades formativas se estabilizam “como unidade de sentido na língua constituindo-se como uma unidade potencialmente temática” (DIAS, 2018). O que ocorre com “mulherão da porra” não é um simples movimento de adição de sentido das formas “mulherão” e “da porra” e, sim, o investimento enunciativo de (re)configuração do papel social da mulher, por meio do processo de nominalização.

Com efeito, segundo Dias (2018)

As formações, articulatoriamente configuradas, sustentam materialmente o referencial histórico, a memória das significações dos seus termos e a pertinência enunciativa do nome nas cenas enunciativas em que contrai relação de pertencimento. (p. 143).

Desse modo, a FN “mulherão” e “mulherão da porra” ancoram-se tanto em perspectivas referenciais físicas quanto naquelas voltadas à demarcação da independência feminina, da validação dos desejos e das ações da mulher.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos norteadores do nosso trabalho. Para tanto, descrevemos os mecanismos de análise que usamos na reflexão sobre em que medida as formas linguísticas, tomadas aqui no escopo da formação nominal e/ou do enunciado, atuam como materialização do silenciamento feminino. Com efeito, aportados na Semântica da Enunciação, utilizamos a técnica de sondagem apresentada por Eduardo Guimarães (2018, 2023) e de rede enunciativa, elaborada por Dias (2018), e demonstramos como foi feita a análise de dados.

Assim, para o desenvolvimento de nossa primeira seção de análise (4.1), lançamos mão, a princípio, do procedimento de sondagem. Essa decisão encontra justificativa por considerarmos, conforme Guimarães que

Em virtude da configuração da semântica enunciativa, a análise dos enunciados não pode ser feita a partir de enunciados criados pelo analista, mas também, pela configuração teórica desta semântica, não se trata de constituir um corpus homogêneo e empiricamente, para analisá-lo. O acontecimento não se caracteriza por ser um fato no tempo, num certo lugar, mas por constituir uma temporalidade de sentidos (um passado, um presente, e um futuro). O corpus deve se constituir, assim, por textos nos quais tenhamos a condição de encontrar enunciados relevantes para os objetivos da análise. (GUIMARÃES, 2023, p. 119).

Com isso em vista, ao autor considera que a sondagem produz um *corpus* segundo o estabelecimento de relevâncias enunciativas. É preciso, pois, “Encontrar acontecimentos de enunciação específicos que apresentem uma relevância para se refletir sobre a questão da linguagem e seu modo de produzir sentido.” (GUIMARÃES, 2018, p. 18). Selecionados os acontecimentos de enunciação, que formam o corpus, “é preciso encontrar os enunciados pertinentes aos objetivos propostos para analisá-los, de modo a poder relacionar as análises feitas no conjunto dos textos.” (GUIMARÃES, 2023, p. 119). Dessa maneira,

Estas sondagens colocarão, em pauta, enunciados existentes, em textos existentes, e poderão ser relacionadas com outras sondagens que podem confirmar, infirmar, aprofundar, modificar o que se conseguiu com sondagens já realizadas (GUIMARÃES, 2018, p. 18).

A sondagem é feita a partir de perguntas norteadoras, dos objetivos traçados, que ajudam a escolher os enunciados pertinentes à pesquisa.

Após a sondagem, foi necessário observar os modos de articulações do enunciado com o próprio enunciado e com outros enunciados. Para tanto, utilizamos nesse processo a

reescrituração, que corresponde, junto com a articulação, a uma das “categorias gerais de descrição e análise” (GUIMARÃES, 2023, p. 119) posteriores ao procedimento de sondagem. Essas categorias, segundo Guimarães, “operam relativamente às duas características reconhecidas no enunciado, a consistência interna e a independência relativa aos textos” (GUIMARÃES, 2023, p. 119). Para essa pesquisa, o processo de reescrituração foi realizado por meio de paráfrases.

O recurso da paráfrase foi escolhido porque nem sempre, nos recortes de enunciado integrantes de nosso *corpus*, os nomes silêncio ou silenciamento aparecem de maneira explícita. Dessa forma, o ato parafrástico foi capaz de materializar não apenas a presença dessas perspectivas de sentido nas enunciações selecionadas, mas também os demais efeitos que esse silêncio/silenciamento produz na constituição do papel social da mulher.

Assim, para cumprir os objetivos (I e II) – I) categorizar as formas de silêncio que permeiam as enunciações da e sobre a mulher; II) demonstrar como o silêncio se manifesta linguisticamente em enunciações realizadas pela/sobre mulher –, a busca pelo *corpus* se deu a partir das definições das categorias de análise *maninterrupting*, *mansplaining*, *bropropriating* e *gaslighting*, definidas durante a escrita do Capítulo 1, acerca das construções históricas, sociais e políticas da existência da mulher. A partir disso, fizemos uma busca por esses termos nas redes sociais (*Twitter*, *Facebook* e *Instagram*), bem como no site de pesquisas *Google*.

As enunciações selecionadas foram divididas entre “enunciações sobre a mulher” e “enunciações da mulher”. A partir de então, optamos por associar o procedimento de sondagem àquele definido por Dias (2018) como redes enunciativas, uma vez que os resultados das sondagens “podem ser comparados com a análise de outros recortes e de outras sondagens em torno da mesma questão e isto vai sustentando os resultados que se procura estabelecer pela análise” (GUIMARÃES, 2018, p. 78). Isso, em nosso ponto de vista, guarda relação com o recurso de construção das redes enunciativas, cuja constituição

envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudo e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta. Essas construções outras, trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e/ou podem também ser buscadas em usos efetivos, como no *Google* e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua (DIAS, 2018, p.35).

A constituição das redes enunciativas possibilitou, assim, uma especificação complementar às análises realizadas pelo procedimento de sondagem acerca dos efeitos de sentido produzidos pelas enunciações sobre o silenciamento feminino.

Já para cumprir os objetivos III) analisar como esse silêncio se manifesta em diferentes posições político-histórico-sociais; e IV) analisar em que medida os referenciais históricos mobilizam o silenciamento dos discursos da/sobre a mulher, na seção (4.2), utilizamos apenas o procedimento de sondagem, por entendermos que ele seria suficiente para a identificação das figuras de enunciação, bem como para a observação do tensionamento de sentido estabelecido por/entre elas.

Vale enfatizar que, um aspecto importante nesta análise por sondagem, é a permissão de que tomemos uma quantidade de enunciados determinada, sem que nos detenhamos a um

corpus de tal forma grande que não permite olhar a especificidade do que se quer analisar. E isto se deve ao fato de que não é a quantidade de recortes que fará a análise avançar, mas a capacidade do analista de encontrar recortes com enunciados decisivos para a análise que se pretende. (GUIMARÃES, 2018, p. 79).

A partir desses procedimentos, serão apresentados os próximos capítulos com a análise de dados.

4 ANÁLISE

Eu não tinha absolutamente nenhum interesse em ser a musa de outra pessoa. Eu não sou uma musa. Eu sou uma pessoa. Fim da porra da história.

(Daisy Jones & The Six)

4.1 O silenciamento feminino refletido

Neste capítulo, analisaremos como o silenciamento feminino e a resistência a isso se manifesta nas enunciações, a partir de algumas categorias discutidas no Capítulo 1. Para tanto, utilizaremos postagens realizadas em redes sociais como *corpus*.

É importante ressaltar, conforme Solnit (2022), que a violência contra mulher não ocorre apenas a partir da agressão física. Diz respeito a diversos outros tipos de agressões, muitas vezes silenciosas, por meio de comportamentos que têm como objetivo fazer com que a mulher seja apagada da sociedade. Com isso em pauta, nossa análise se fundamenta na definição de violência adotada pela Organização dos Estados Americanos (OEA). Para essa Organização, a violência contra mulher é definida como “qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como privado” (Art. 1º)⁷⁰.

Assim, buscamos analisar, aqui, o silenciamento como uma dessas formas de violência, a partir das postulações metodológicas discutidas no Capítulo 2, a fim de cumprir os seguintes objetivos: I) categorizar as formas de silêncio que permeiam as enunciações da e sobre a mulher; II) demonstrar como o silêncio se manifesta linguisticamente em enunciações realizadas pela/sobre mulher.

Para isso, faremos uma análise de ocorrências produzidas pelas mulheres ou por outras pessoas acerca do silenciamento da mulher. Essas ocorrências serão distribuídas, por nós, nas categorias de *maninterrupting*, *mansplaining*, *bropropriating* e *gaslighting*. Ressaltamos que essa separação é apenas didática, visto que, em geral, esses acontecimentos se dão de maneira simultânea ou sequencial, nas enunciações que, cotidianamente, circulam na sociedade.

⁷⁰ DEFINIÇÃO de violência contra mulher. Coordenadoria da Mulher, Tribunal da Justiça de Sergipe. Disponível em: <https://www.tjse.jus.br/portaldamulher/definicao-de-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 15 jun. 2022.

4.1.1 *Maninterrupting*

Uma boa garota não impõe suas opiniões às pessoas, uma boa garota sorri, acena e diz “obrigada”. Uma boa garota não constrange as outras pessoas com suas opiniões. Eu era tão obcecada por não me meter em problemas a ponto de não querer fazer nada que as pessoas pudessem comentar.

(Taylor Swift)

Conforme apresentamos no Capítulo 1, algumas formas de silenciamento já foram categorizadas pelo movimento feminista no último século. Uma dessas formas é o *maninterrupting* (*man + interrupting*). Esse termo surgiu em um artigo publicado pelo *New York Times*, em 2015, intitulado “*Speaking while Female*”, de Jessica Bennet, em que ela discorre sobre a pesquisa de Sheryl Sandberg e Adam Grant, da Universidade de Yale, sobre as razões de mulheres falarem menos do que homens. Em seu trabalho, os pesquisadores concluíram que, enquanto homens que se posicionavam no trabalho recebiam avaliações 10% mais altas em relação à sua competência, as mulheres que emitiam suas opiniões recebiam avaliações 14% mais baixas⁷¹.

A interrupção da fala da mulher pode ocorrer em diversos lugares, públicos e privados. Um dos casos mais famosos ocorreu em 2009, durante a premiação do *Music Videos Awards* (MVA), quando Taylor Swift ganhou o prêmio de melhor vídeo em votação popular com a música “*You belong with me*”⁷². A seguir, traduzimos o momento em que ela sobe ao palco para fazer os agradecimentos e a sua interrupção, feita pelo *rapper* Kanye West⁷³:

(23)

Taylor Swift: Ah, muito obrigada! Eu estava sonhando sobre quando um momento como esse aconteceria, mas eu nunca realmente imaginei que isso aconteceria porque eu canto música *country*. Então, muito obrigada por me darem a chance de poder ganhar um *VMA Award*. Eu...

Nesse momento, Kanye West sobe ao palco e toma o microfone da mão de Swift:

⁷¹ Disponível em <https://www.americanbar.org/groups/litigation/committees/woman-advocate/practice/2015/speaking-while-female/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁷² YOU belong with me. Direção: Roman White. Estados Unidos: Big Machine Records, 2009. 1 vídeo (3min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VuNIsY6JdUw&ab_channel=TaylorSwiftVEVO. Acesso em: 27 jul. 2023.

⁷³ É possível assistir ao vídeo original do momento da premiação pelo youtube https://www.youtube.com/watch?v=RvaakT52RjQ&ab_channel=AlessandroR.C.

(23a)

Mas, Taylor, estou realmente feliz por você e eu vou te deixar terminar, mas antes disso, Beyoncé fez um dos melhores clipes de todos os tempos. Um dos melhores de todos os tempos.

Ele saiu do palco logo em seguida, deixando Taylor Swift sem reação, ouvindo a plateia vaiar. Em seu diário, a cantora escreveu sobre o acontecimento:

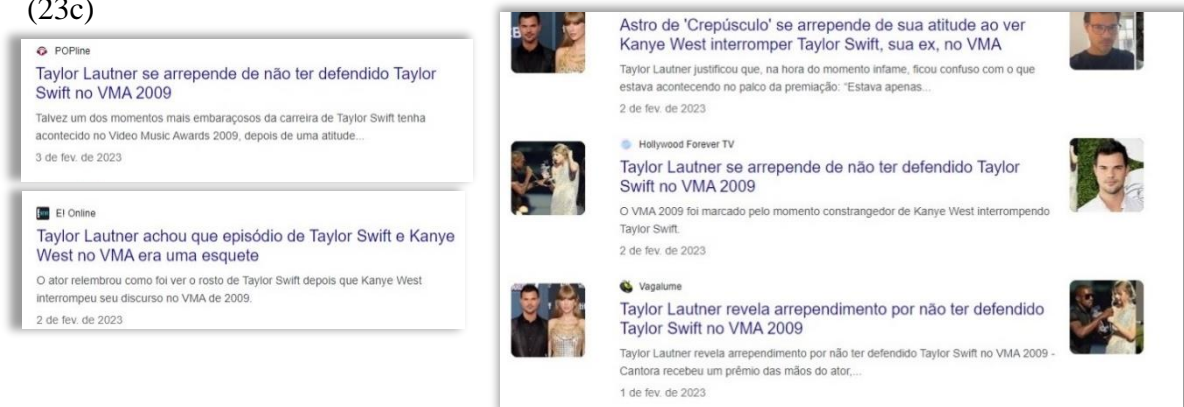
(23b)

Ahh... as coisas que podem mudar em uma semana... vamos apenas dizer, se você tivesse me dito que Kanye West teria sido o foco número um da minha semana, a mídia e minha participação nos VMAs, eu teria olhado para você vesga. E se você tivesse me dito que uma das maiores estrelas da música iria pular no palco e anunciar que achava que eu não deveria ter vencido ao vivo na televisão, eu teria dito 'Essas coisas não acontecem realmente na Vida Real'. Bem... aparentemente... Sim.

Interessante notar que, mais de uma década depois⁷⁴, ao pesquisar pelo acontecimento no site de buscas *Google*, com a entrada de busca “Taylor Swift VMA 2009”, a maior parte das ocorrências encontradas são sobre a interrupção de Kanye West, sobre como o então namorado de Taylor Swift – Taylor Lautner, que anunciou o prêmio – se sentiu assistindo à interrupção, porém há poucas informações sobre a reação da Taylor Swift, como podemos ver na Figura 18:

FIGURA 18 – Captura de tela da busca “Taylor Swift VMA 2009”

(23c)



Fonte: capturas de tela feitas das cinco primeiras ocorrências da pesquisa no *Google*

Assim, podemos ver que, embora a decisão de ter interrompido Taylor Swift tenha sido uma das “7 piores decisões da história da música”, mesmo mais de uma década depois, o foco das matérias na mídia ainda é o arrependimento de Taylor Lautner em não ter defendido a cantora e da própria opinião de Kanye West sobre a interrupção que realizou, fortalecendo,

⁷⁴ Pesquisa realizada no dia 07 de junho de 2023.

assim, o argumento de Beard (2018), quando diz que “sobre as mulheres sempre há o que se dizer”.

Aliás, é interessante notar o uso do verbo “defender”, nesse caso. Segundo Dias (2018), o dizer tem uma identidade histórica e social, isto é, os papéis sociais influenciam no processo de materialização dos enunciados. Nesse caso, perceber o relevo que a fala de dois homens sobre o silenciamento de uma mulher apresenta corresponde a notar que o silêncio é observado não pelo silêncio em si, mas pelos seus efeitos retóricos e políticos (ORLANDI, 2007). Aos 19 anos, e chegando na premiação em uma carruagem, o silêncio da cantora no palco, bem como a reação tardia de Taylor Lautner pelo arrependimento de não a ter defendido, recoloca a mulher nesse lugar de ser uma princesa que precisa ser salva, de certa forma, uma musa a ser protegida.

As manchetes apresentadas, na Figura 18, demonstram que, em grande medida, as enunciações sobre o silenciamento de uma mulher na forma do *manterrupting* produzem foco no homem que se sente ‘arrependido’ pela omissão diante do fato. Enunciar tal arrependimento corresponde a entrar na dinâmica linguística que leva em consideração os lugares sociais de dizer. Trata-se, portanto, do político operando na língua, recortando linguisticamente o mundo das coisas e significando a realidade: a mulher é fragilizada (por um homem, diga-se de passagem) e o homem é seu herói. Trata-se de um ciclo hierárquico retroalimentado pela própria linguagem.

Dessa maneira, o enunciado

(23d) Taylor Lautner se arrepende de não ter defendido Taylor Swift no VMA 2009⁷⁵.

e os demais que fazem parte desse mesmo domínio semântico podem ser reescritos por

(23e) [Taylor Swift (a mulher) deveria ter sido defendida por Taylor Lautner (o homem)].

Vale dizer que um enunciado, dos cinco que ocupavam as primeiras posições em nossa entrada de busca, no dia em que realizamos a pesquisa, não produz o mesmo efeito de sentido construído em (23e). Vejamos.

⁷⁵ MORAES, L. Taylor Lautner se arrepende de não ter defendido Taylor Swift no VMA 2009. **POPline**. [s. l.]. 03 fev. 2023. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/taylor-lautner-arrepende-taylor-swift-vma-2009/>. Acesso em: 29 jul. 2023.

(23f) Taylor Lautner achou que o episódio de Taylor Swift e Kanye West no VMA era uma esquete⁷⁶.

A manchete, expressa pelo enunciado (23f) anuncia uma fala sobre o assunto, feita pelo ator em um *podcast*. A fala de Lautner termina assim

(23g) Eu não sabia que a coisa do Kanye não era uma armação. Eu apresentei o prêmio, entreguei a ela. Dei uns cinco passos para trás e fiquei atrás dela e enquanto ela fazia o discurso de agradecimento, Kanye pulou no palco, mas eu mal podia ouvi-los. Eu não conseguia ver eles. Então, achei que tudo era um esquete ensaiado. Por que por qual outro motivo Kanye teria pulado no palco, interrompendo Taylor Swift? Não fazia nenhum sentido. E, se você reparar em mim lá atrás, eu estava até rindo muito dele. Eu estava tipo “não consigo ouvi-los, mas deve ser algo engraçado”. Ele saiu, ela acabou o discurso e quando ela virou para mim, e eu vi o rosto dela pela primeira vez, fiquei tipo “ah, isso não foi engraçado⁷⁷”.

A enunciação em (23g) traz uma explicação para a ‘inércia’ de Taylor Lautner diante do fato ocorrido. Por uma norma social implícita em eventos de premiação, os apresentadores de prêmios se afastam do ganhador enquanto o discurso de agradecimento é feito. Assim, nesse primeiro momento, o ator, por não entender o que está de fato acontecendo, pela distância, assume que a única razão para que Taylor Swift fosse interrompida durante seu discurso de agradecimento seria uma piada ensaiada nos bastidores. Já no segundo momento, esse cenário enunciativo muda quando Lautner olha para o rosto de Swift e a reação produz tensões, mudando a compreensão dele da cena e fazendo com que ele concluísse que não havia sido uma piada. Aqui, o silêncio de Swift produz um eco no silêncio de Lautner frente ao acontecimento, que o faz se arrepender de não ter dito nada para proteger a cantora da interrupção.

Para nós, há aqui um fato importante a ser analisado sobre o silenciamento feminino pelo mecanismo do *manterrupting*. É legítimo e, portanto, aceitável, interromper a fala de uma mulher por brincadeira. Afinal

(23g’) Por que por qual outro motivo Kanye teria pulado no palco, interrompendo Taylor Swift? Não fazia nenhum sentido. E, se você reparar em mim lá atrás, eu estava até rindo muito dele. Eu estava tipo “não consigo ouvi-los, mas deve ser algo engraçado.”

O que nos leva a significar que

⁷⁶ GILMORE, K. Taylor Lautner achou que o episódio de Taylor Swift e Kanye West no VMA era uma esquete. **ENEWS**. [s. l.]. 02 fev. 2023. Disponível em: <https://www.eonline.com/br/news/1363544/taylor-lautner-achou-que-episodio-de-taylor-swift-e-kanye-west-no-vma-era-uma-esquete>. Acesso em: 27 jul. 2023.

⁷⁷ A resposta de Taylor Lautner no *podcast* pode ser conferida no vídeo <https://www.tiktok.com/@podcast.nation/video/7195259044477570309>.

(23i) [Seria aceitável se o silenciamento de Taylor Swift (a mulher) tivesse ocorrido em tom de piada produzida por Kanye West (o homem)].

Nessa direção, é possível iniciar a construção da seguinte rede enunciativa:

QUADRO 01 – Rede Enunciativa 01

	Enunciações sobre a mulher	Efeito de sentido
<i>maninterrupting</i>	(23e') O silenciamento de uma mulher deve ser defendido por um homem.	Ênfase na fragilização feminina
	(23i') É aceitável o silenciamento da mulher em tom de piada produzida por um homem.	Ênfase na ironia contra a fala das mulheres

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante analisarmos que, embora as enunciações se proponham a criticar o silenciamento feminino, por meio da interrupção da fala da mulher, elas validam, em nossa perspectiva, um espaço em que homem e mulher ocupam lugares de dizer tensionados e isso coloca no centro da linguagem o político. O que queremos dizer é que, seja pela fragilização ou pela ironização, ocorre um silêncio simbólico (ORLANDI, 2007) pelo qual o homem continua significando sua supremacia social, em relação à mulher, pela forma como enuncia. Retomando Prado (2011, p.62) “o discurso é, pois, meio e fim: luta-se com o discurso pelo poder que ele representa.”

Entretanto, na contramão da explicação dada pelo namorado de Taylor Swift, encontramos em nossas buscas um exemplo em que o *maninterrupting* é apresentado em um viés humorístico, com o objetivo de significar não uma autorização, e sim uma crítica sobre a prática de silenciamento feminino. Vejamos.

(24)

“Vem aí uma novela que você já viu, uma trama em que a palavra pode ser roubada quando menos se espera.”

Essa foi uma chamada nomeada de *Mulheres Interrompidas* (em referência à novela *Mulheres apaixonadas*) feita para o programa *Tá no ar*, da Rede Globo, em 2019. Nessa enunciação, o seu efeito é de resistência, ao denunciar que

(24a) [*Maninterrupting* é] uma novela [que todos conhecem].

(24b) [*Maninterrupting* é] uma trama em que a palavra pode ser roubada quando menos se espera.

Tanto em (24) quanto em (23g) temos uma reflexão sobre o silenciamento da mulher, mas em cenas enunciativas diferentes. Isto é, em (23g), a interrupção comentada ocorreu durante uma das premiações musicais mais importantes dos Estados Unidos, em que Taylor Swift estava no meio de seu discurso de agradecimento por vencer em votação popular com o vídeo clipe de sua música. Como uma premiação oficial, era um evento com regras sociais, em que cada cantor ali presente tinha um lugar definido tanto na plateia quanto sobre o palco. Dessa forma, a invasão de Kanye West era tão fora das regras que só podia ser compreendido como uma piada ensaiada. No entanto, uma piada só é uma piada se é engraçada, portanto, a reação da cantora Taylor Swift (re)significa a percepção de Taylor Lautner sobre o acontecimento. Já em (24), a enunciação ocorre durante um programa satírico da televisão brasileira. Dessa forma, estamos, desde o início, na expectativa de significar uma piada.

Em outras palavras, o lugar de dizer que Taylor Swift, Kanye West e Taylor Lautner ocupam é um lugar de artistas em uma premiação, cuja cena enunciativa os agencia a enunciar desse lugar. O que se espera deles não é uma piada, mas discursos de agradecimento. Já o lugar de dizer do programa *Tá no ar* é um lugar de denúncia, que usa o humor para se configurar. Por isso, o efeito de sentido da enunciação é de uma piada, como forma de resistência a um fato presente no cotidiano social, a saber: o silenciamento feminino.

Isso nos leva a uma possibilidade de ampliação da rede de sentidos que estamos construindo.

QUADRO 02 – Rede Enunciativa 02

	Enunciações sobre a mulher	Efeito de sentido
<i>maninterrupting</i>	(23e') O silenciamento de uma mulher deve ser defendido por um homem.	Ênfase na fragilização feminina
	(23i') É aceitável o silenciamento da mulher em tom de piada produzida por um homem.	Ênfase na ironia contra a fala das mulheres
	(24c) O silenciamento feminino é tão comum e, ao mesmo tempo, tão absurdo, que já virou piada.	Ênfase na ironia a favor da fala das mulheres

Fonte: Elaborado pela autora.

A categoria *maninterrupting* pode ser analisada, entretanto, a partir de outro tipo de enunciação: a da própria mulher silenciada. Tomemos como exemplo a fala de Marielle Franco que, no dia da Mulher, em 2018, foi interrompida em seu último discurso⁷⁸ feito na câmara dos

⁷⁸ Marielle Franco, eleita vereadora em 2016, foi assassinada com três tiros na cabeça e um no pescoço, após voltar de um debate feito na Casa das Pretas, no dia 14 de março de 2018. Até o fim dessa pesquisa, os mandantes do

vereadores do Rio de Janeiro, por um dos cidadãos presentes que clamou pela ditadura militar. Prontamente, Marielle Franco respondeu

(25)

“Não serei interrompida. Não aturo interrupção dos vereadores dessa casa. Não aturarei de um cidadão que vem aqui e não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita.”⁷⁹

Franco marca sua posição de maneira categórica ao dizer

(25a) Não serei interrompida.

(25b) [Não serei interrompida pelos vereadores dessa casa].

(25c) [Não serei interrompida por nenhum cidadão].

(25d) [Sou uma mulher eleita].

Marielle Franco, nesse enunciado, denuncia que quem interrompe uma fala é alguém que não sabe ouvir. Além disso, sua entonação ao proferir “mulher eleita” muda, de forma que ela enuncia “e-lei-ta”, como quem soletra uma palavra, a fim de enfatizar o que está sendo dito.

QUADRO 03 – Rede Enunciativa 03

	Enunciações sobre a mulher	Enunciações da mulher	Efeito de sentido
<i>maninterrupting</i>	(23e') O silenciamento de uma mulher deve ser defendido por um homem.		Ênfase na fragilização feminina
	(23i') É aceitável o silenciamento da mulher em tom de piada produzida por um homem.		Ênfase na ironia contra a fala das mulheres
	(24c) O silenciamento feminino é tão comum e, ao mesmo tempo, tão absurdo, que já virou piada.		Ênfase na ironia a favor da fala das mulheres
		(25e) O silenciamento deve ser combatido pela mulher, em defesa de seu papel social.	Ênfase na resistência Feminina

Fonte: Elaborado pela autora.

Outra situação parecida com a descrita anteriormente ocorreu durante a CPI da COVID, que ficou mais conhecida por “CPI do Machismo”. Após não serem incluídas no comitê oficial, as senadoras conseguiram, por um acordo, fazer parte da bancada e participar durante as

assassinato não foram identificados, enquanto os executores do crime (sendo um deles, Élcio Queiroz, réu confesso e autor de uma delação premiada junto ao Ministério da Justiça) seguem presos e sob investigação.

⁷⁹ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=f18czAgJGUE&ab_channel=InstitutoMarielleFranco

perguntas. No entanto, quando começavam a falar, elas rapidamente eram interrompidas pelos outros senadores. Interrompida durante sua fala, a senadora Eliziane Gama (Cidadania-MA) retrucou

(26)

“Só não entendo porque tanto medo das vozes femininas”⁸⁰

Ou seja, na fala da senadora

(26a) [Os homens têm] medo das vozes femininas.

Minutos depois, ao ser interrompida novamente, Gama disse:

(26b) “Vossa excelência pensa que vai calar a gente? Do jeito que o senhor não admite o meu grito, eu também não admito o seu.”⁸¹

Assim....

(26b’) Vossa excelência [não] vai nos calar.

(26b’’) Não admito o seu [grito].

Dessa forma, temos

QUADRO 04 – Rede Enunciativa 04

	Enunciações sobre a mulher	Enunciações da mulher	Efeito de sentido
<i>maninterrupting</i>	(23e’) O silenciamento de uma mulher deve ser defendido por um homem.		Ênfase na fragilização feminina
	(23i’) É aceitável o silenciamento da mulher em tom de piada produzida por um homem.		Ênfase na ironia contra a fala das mulheres
	(24c) O silenciamento feminino é tão comum e, ao mesmo tempo, tão absurdo, que já virou piada.		Ênfase na ironia a favor da fala das mulheres
		(25e) (26b’’) O silenciamento deve ser combatido pela mulher, em defesa de seu papel social.	Ênfase na resistência Feminina
		(26a’) O silenciamento feminino ocorre porque os homens têm medo das vozes das mulheres.	Ênfase na denúncia sobre o silenciamento feminino

Fonte: Elaborado pela autora.

⁸⁰ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=83Sx1EkNCTE&ab_channel=UOL

⁸¹ Disponível em <https://pt.org.br/e-muito-medo-das-vozes-femininas/>

As ocorrências que acabamos de analisar representam um recorte pequeno dentro do universo que pode ser coletado em relação ao que elegemos como nossa primeira categoria de análise, o *maninterrupting*. Porém, conforme explicamos em nossos procedimentos metodológicos, nossa pretensão não é quantitativa nesta pesquisa. Para nós, os exemplares de enunciados que analisamos, por meio do procedimento de redes enunciativas, apontam para considerarmos válida a tese de que a interrupção masculina é um tipo de silenciamento da mulher, regularizado na atualidade, cuja intenção é banalizar a fala feminina. Além disso, foi possível notar que a luta para não ser interrompida produz significações tensionadas (ora em direção favorável, ora em direção contrária à própria mulher) que configuram uma disputa pelo direito de ser e de pertencer.

Na sequência, analisaremos outra categoria para o silenciamento feminino: o *bropropriating*. A interrupção cede lugar, agora, à apropriação.

4.1.2 *Bropropriating*

Desde que seja em um homem, ninguém se opõe a que a mulher pense.

Virginia Woolf

Bropropriating (do inglês *brother* + *appropriating*) é a prática do homem de se apropriar da ideia de uma mulher, apresentando-a como sua. O termo foi utilizado pela primeira vez por Jessica Bennet, no mesmo artigo sobre o acontecimento entre Taylor Swift e Kanye West no VMA 2009, publicado pelo *New York Times*. Isso porque, segundo a autora, o *bropropriating* costuma ocorrer logo após uma interrupção do homem ao que a mulher está falando, repetindo com outras palavras e se apropriando de suas ideias⁸².

Para iniciar nossas análises, observemos a Figura 19.

(27)

FIGURA 19 – Captura de tela do Twitter



Fonte: Twitter⁸³

⁸² Disponível em <https://time.com/3666135/sheryl-sandberg-talking-while-female-maninterruptions/>

⁸³

Disponível

https://twitter.com/inajara_/status/1613290321500340230?s=46&t=Ovi7UssIQce2FGJQmkxd2w

em:

Se *bropropriating* é a junção de *brother* + *appropriating*, *broignoring* seria a junção de *brother* + *ignoring*, isso é, um homem ignorando a mulher. O *tweet* corrobora o argumento de Jessica Bennet ao dizer que a apropriação das ideias femininas vem, geralmente, na sequência de um *maninterrupting* – ou, como a autora do *tweet* diz, com efeito de sentido de piada, *broignoring*.

No entanto, assim como (23g), mais uma vez um acontecimento de silenciamento de uma mulher é compreendido como uma simples piada, mesmo quando denunciado pelas mulheres. Embora de maneira diferente de (24) - “Vem aí uma novela que você já viu, uma trama em que a palavra pode ser roubada quando menos se espera.” – em que, pela presença da terceira pessoa e de um locutor-autor, sem rosto, gênero e cor, em um cenário de humor, se manifesta uma denúncia e uma resistência fortemente marcadas – é possível dizer que isso também ocorre em (27).

Aqui, a reescritura pode assumir os mesmos contornos de sentido daqueles apresentados em (24). Decorre desse fato dizermos que

QUADRO 05 – Rede Enunciativa 05

	Enunciações sobre a mulher	Efeito de sentido
<i>bropropriating</i>	(27a) O silenciamento feminino é tão comum e, ao mesmo tempo, tão absurdo, que já virou piada.	Ênfase na ironia a favor das mulheres

Fonte: Elaborado pela autora.

Embora a criação da palavra *bropropriating* para descrever esse acontecimento seja relativamente nova, a prática ocorre há séculos. Observemos o exemplo (28)

(28)

“Parece-me que numa página reconheci um fragmento de um antigo diário meu, que desapareceu misteriosamente pouco depois do meu casamento, e também fragmentos de uma carta que, consideravelmente editada, me pareceu familiar. Na verdade, o Sr. Fitzgerald – acho que é assim que ele soletra seu nome – parece acreditar que o plágio começa em casa.”

O fragmento (28) foi escrito por Zelda Fitzgerald, esposa do autor Scott Fitzgerald, para uma resenha de *Os belos e malditos*, publicado em 1922, dois anos após o casamento dos dois. Entendemos que o exemplo (28) admite as seguintes reescrituras:

(28a) [Meu diário desapareceu logo após o casamento e seu conteúdo reapareceu em uma página de um livro do meu marido].

(28b) [Uma carta escrita por mim foi editada e publicada sob o nome do meu marido].

(28c) [Meu marido] parece acreditar que o plágio começa em casa.

(28d) [Meu marido me plagiou].

O comentário de Zelda sobre o plágio de Scott foi recebido pela sociedade da época como uma piada. Segundo Cline (2012), uma das principais biografistas da artista, a “personagem Zelda” – construída em parte por muitos das protagonistas escritas pelo olhar de Scott Fitzgerald, que sempre declarou que a sua esposa era sua principal musa, mas também pelas próprias histórias da juventude de Zelda –, se apresentava como alguém sarcástica, ousada, melindrosa de várias maneiras, de forma que seus comentários críticos acerca da disparidade com que a sociedade via o homem e a mulher, não eram, de fato, levados a sério, mas interpretados como uma provocação.

QUADRO 06 – Rede Enunciativa 06

	Enunciações sobre a mulher	Enunciações da mulher	Efeito de sentido
<i>bropropriating</i>	(27a) O silenciamento feminino é tão comum e, ao mesmo tempo, tão absurdo, que já virou piada.		Ênfase na ironia a favor da fala das mulheres
		(28e) O silenciamento feminino começa em casa.	Ênfase na denúncia irônica sobre o silenciamento feminino

Fonte: Elaborado pela autora.

Embora “plágio” possa ser uma tradução possível para o *bropropriating*, isso retira o caráter denunciativo da nomenclatura, de apontar que esse plágio não é qualquer plágio, mas um que é feito pelos homens com as ideias e criatividade das mulheres.

Observemos o enunciado (29), retirado da chamada do vídeo produzido pelo Ministério Público do Trabalho em apoio à campanha mundial “16 Dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres”, publicado em rede social em 2020.

(29)

“Você sabe o que é *bropropriating*? É quando um homem reproduz a ideia de uma mulher e leva o crédito no lugar dela. Para evitar a prática, é fundamental que as empresas respeitem o espaço de fala das mulheres e que suas ideias tenham o devido crédito e valorização, na mesma proporção que o estímulo dado aos colegas homens. O Ministério Público do Trabalho (MPT) apoia a campanha mundial de 16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra as Mulheres. Combater os “ladrões de ideias” também é lutar contra os abusos que agredem as mulheres no mercado de trabalho. É construir uma sociedade menos machista, mais igual.⁸⁴”.

Assim,

⁸⁴ Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=2285843644892375>.

(29a) Bropriating é quando um homem reproduz a ideia de uma mulher e leva o crédito no lugar dela.

(29b) [Bropriating é roubar ideias de mulheres, homens que fazem isso são] “ladrões de ideias”.

No vídeo, temos as seguintes imagens

(30)

FIGURA 20 – O ladrão de ideias



Fonte: Campanha feita pelo MPT

Essas imagens também compõem o enunciado (30), de forma que

(30a) O ladrão de ideias [é] quando um homem se apropria da ideia de uma mulher ou leva o crédito por algo que ela produziu.

(30b) [Se você vir um ladrão de ideias] no trabalho, combata esse comportamento.

Isso nos mobiliza a dizer que

QUADRO 07 – Rede Enunciativa 07

	Enunciações sobre a mulher	Enunciações da mulher	Efeito de sentido
<i>bropriating</i>	(27a) O silenciamento feminino é tão comum e, ao mesmo tempo, tão absurdo, que já virou piada.		Ênfase na ironia a favor da fala das mulheres
		(28e) O silenciamento feminino começa em casa.	Ênfase na denúncia sobre o silenciamento feminino
	(29c) O silenciamento feminino corresponde a roubar as ideias de uma mulher e conseguir vantagens com isso.		Ênfase na denúncia sobre o silenciamento feminino
	(30c) O silenciamento feminino é algo que deve ser combatido.		Ênfase no combate do silenciamento feminino

Fonte: Elaborado pela autora.

⁸⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=2285843644892375>.

As ocorrências que trouxemos nesta seção sinalizam para o fato de que apropriar-se da fala de uma mulher também é silenciá-la. É roubar o direito que a mulher tem de expor suas ideias. É, mais uma vez, tirar-lhe a voz.

Na próxima seção, analisaremos a terceira categoria que, na tese aqui defendida, corresponde a um tipo de silenciamento feminino: o *mansplaining*.

4.1.3 Mansplaining

Os homens continuam explicando tudo para mim. E nenhum homem jamais se desculpou por querer me explicar, erroneamente, coisas que eu sei e ele não sabe.
(Rebecca Solnit)

O *mansplaining* (junção das palavras em inglês *man* + *explaining*) – é a prática masculina de explicar a uma mulher, de maneira didática e/ou condescendente, desqualificando ou desmerecendo o que a mulher diz, mesmo quando essa mulher é especialista no assunto. O *mansplaining*, geralmente, vem depois de um *maninterrupting*. Na maioria dos casos, essa explicação ocorre em forma de paráfrase (STOCKER & DAMASO, 2016).

Segundo Solnit (2017), o *mansplaining* “É algo que nos deixa bem treinadas em duvidar de nós mesmas e a limitar nossas próprias possibilidades – assim como treina os homens a ter essa atitude de autoconfiança total sem nenhuma base da realidade” (p. 6).

Observemos o exemplo (31) e as respostas obtidas no tweet:

(31)

FIGURA 21 – Capturas de tela de mulheres no *Twitter* falando sobre o *mansplaining*



Fonte: *Twitter*⁸⁶

⁸⁶ https://twitter.com/iglesbiteriana/status/1302616739667226627?t=WZ6KHi4NReiZiA8OQS_T_g&s=19

“Homens explicando” pode ser compreendido como uma tradução direta de *mansplaining*. No Brasil, essa forma linguística tem sido reconfigurada por meio de outros processos linguístico-articulatórios. Vejamos alguns deles.

No exemplo, a seguir, a reportagem publicada na página Ig, em 04 de julho de 2018, por ocasião da cobertura dos jogos da Copa do Mundo, afirma que Sandra Annenberg sofreu *mansplaining* por parte de Galvão Bueno, que lhe "explicou" algo que a jornalista já sabia e que ela tinha acabado de dizer.

(32)

“Sandra estava falando sobre a taça do torneio, que ‘visitava’ o estúdio da Rede Globo na Rússia. A apresentadora já havia explicado que o objeto não pode ser tocado por qualquer pessoa, apenas pelos vencedores, chefes de estado e o presidente da Fifa, mas, após a jornalista ficar realmente muito empolgada com a presença do troféu – assim como qualquer fã de futebol faria –, Galvão chamou a atenção da colega para coisas que ela mesma já sabia e havia explicado para os telespectadores. Por conta disso, internautas o acusaram do chamado **mansplaining**.

No diálogo, Galvão interrompe Sandra e diz: ‘Sandra, você já foi campeã do mundo?’. Ela responde que não, e ele prossegue: ‘Você é presidente da Fifa?’. Ela responde que não novamente, e, então, ele conclui: ‘Você só pode tocar na taça se colocar luvas, hein? É do protocolo’. Depois de toda a explicação, Sandra apenas responde: ‘Eu sei disso tudo, Galvão’.

O termo ‘mansplaining’ foi adaptado para o português como “homiexplicando” e, como o próprio nome já diz, é quando um homem sente a necessidade de explicar algo para uma mulher – que ele normalmente não sentiria a necessidade de explicar para outro homem -, que ela não perguntou e/ou que ela já sabe. No caso de Galvão e Sandra, ela já sabia que não podia tocar na taça, como vinha explicando, mas ele se sentiu no direito de explicar, mais uma vez a ela, algo que ela já sabia – como se ela não soubesse ou não tivesse entendido.”⁸⁷

(32a) “Eu sei de tudo isso, Galvão”.

(32b) [Galvão Bueno repetiu o que Sandra Annenberg disse]

(32c) [*Mansplaining* = homiexplicando]

Embora ofereça a possibilidade de um efeito de sentido característico de um enunciado (o homem está explicando), passaremos a nos referir à forma linguística ‘homiexplicando’ como uma formação nominal constituída internominalmente por um nome-núcleo (homem/substantivo) e um convergente (explicando/gerúndio).

⁸⁷ Disponível em <https://arapuanews.com.br/internautas-acusam-galvao-bueno-de-mansplaining-mas-voce-sabe-o-que-e-isso/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

Nos exemplos (33) e (34), temos outra interessante materialização, em Português, de *mansplaining*, representado, novamente, por formas que se contraem para a constituição de uma unidade nominal complexa. Estamos nos referindo à FN ‘macho palestrinha’.

(33)

FIGURA 22 – Macho palestrinha



Fonte: Twitter⁸⁹

(33a) [*Mansplaining* deve ser chamado de ‘macho palestrinha’ no Brasil]

(34)

Sim, é bizarro. Mas acontece o tempo todo (no trabalho e fora dele). Nós, mulheres, estamos acostumadas a lidar com o tal "macho palestrinha", esses homens que não nos escutam, nos interrompem quando falamos e muitas vezes repetem o que a gente acabou de falar. Isso é tão comum que algumas dessas atitudes ganharam nomes próprios em inglês: "mansplaining" (homem que explica) e "maninterrupting" (homem que interrompe). A jornalista Maria Beltrão, apresentadora da Globonews, teve que lidar com esse comportamento ao vivo, na segunda-feira (17). E rebateu dando uma aula....

Durante o programa "Estúdio I,/" Beltrão fez um comentário sobre a cúpula do Brics. Em seguida, ouviu o companheiro de bancada, Octavio Guedes, explicar o que ela havia acabado de dizer. Maria Beltrão não deixou passar. "Você não acha que colocou tecla SAP em mim?", perguntou. O colega negou, meio surpreso.⁹⁰

(34a) [Macho palestrinha são] homens que não nos escutam, nos interrompem quando falamos e muitas vezes repetem o que a gente acabou de falar.

(34b) [*Mansplaining* e *maninterrupting* = macho palestrinha]

⁸⁸ <https://twitter.com/bicmuller/status/1075174249789341701?t=K05ugk6F85na6dZI1pauHg&s=09>

⁸⁹ Disponível em:

<https://twitter.com/bicmuller/status/1075174249789341701?s=46&t=Ovi7UssIQce2FGJQmkxd2w>. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁹⁰ Disponível em <https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2020/11/19/maria-beltrao-rebate-mansplaining-ate-quando-seremos-tias-de-colegas-.htm>. Acesso em: 20 mar. 2023.

A FN ‘macho palestrinha’ faz parte do mesmo domínio de sentido não só de *mansplaining*, mas também de *maninterrupting*, já que o “macho palestrinha” é aquele que interrompe enquanto a mulher fala e repete o que a mulher acabou de falar. Além disso, “macho palestrinha” coloca em articulação duas palavras da Língua Portuguesa, que materializam internominalmente um efeito de sentido ancorado na ironia e, conseqüentemente, de valor negativo, em relação aos homens que agem dessa forma. Ou seja, o uso do diminutivo que, muitas vezes, ocorre para desmerecer sutilmente alguém ou alguma coisa, nesse caso, ironiza a ‘palestra’ não pedida. Já o uso da palavra “macho” é uma escolha recorrente no feminismo, como nas FNs “esquerdomacho” e “macho tóxico”, por exemplo, em que é usada para denunciar um homem machista. Esse uso produz efeito distinto daquele que essa forma manifesta em outras FNs, seja como convergente/perspectivador – “cabra macho” –, seja como nome-núcleo, centro da articulação temática – “macho alfa” –, para descrever o que alguns homens entendem como o que é ser um homem de verdade. Nesse sentido, entendemos que uma das razões para a circulação social da FN “macho palestrinha” é a sua relação de sentido com outras FNs já regularizadas, ou seja, as expressões individuais têm como domínio de mobilização visões historicamente configuradas, de forma que esse dizer “mantém relação com outros dizeres com os quais entramos em contato (DIAS, 2018, p. 103)”.

Outra forma de materialização linguística de *mansplaining* na Língua Portuguesa, encontrada em nossas buscas, foi o enunciado “Dr. Pica explica”, como pode ser verificado no exemplo que segue:

(35)

FIGURA 23 – Tradução da Netflix para “*mansplaining*”



Fonte: Twitter⁹¹

(35a) [A tradução de] *mansplaining* para Dr. Pica Explica é 10 de 10 [perfeita].

No canal do Youtube “Como não ser um machista babaca”, Renata Corrêa também faz uso de ‘Dr. Pica explica’ para explicar o sentido de *mansplaining*.

⁹¹ Disponível em <https://twitter.com/kakau/status/1553812415678119941>.

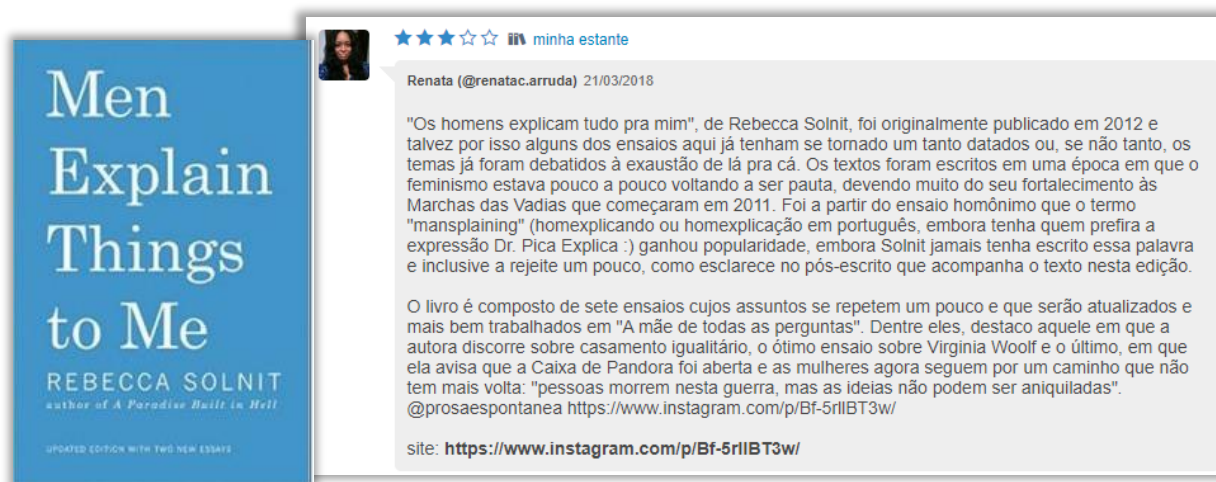
(36)

“Hoje eu resolvi explicar pra vocês uma expressãozinha no inglês que o feminismo usa muito, mas não é pra dar biscoito pra vocês, fazer tradução simultânea, porque vocês poderiam ir no Google tradutor, entendeu? É só pra me certificar que vocês estão entendendo em português porque assim vocês vão saber quando forem xingados. A expressão que a gente vai explicar hoje é o mansplaining, que aqui no “Como não ser um machista babaca” a gente chama de “Dr. Pica Explica”. A tradução não é minha, não, eu vi no Twitter e achei a coisa mais perfeita. Não tem jeito de um cara não entender e fingir que não é com ele. O Dr. Pica Explica é democrático, afinal ele pode explicar coisas que ele realmente sabe e assuntos que ele não domina e sequer abriu o wikipedia pra dar um confere”⁹²

Por fim, encontramos o resenha do livro *Os homens explicam as coisas para mim* (SOLNIT, 2017), em que é possível notar a presença, mais uma vez, do enunciado ‘Dr. Pica explica’, como forma de significar o silenciamento feminino pela voz do homem que desqualifica a fala da mulher, com explicações desnecessárias e repetitivas.

(37)

FIGURA 24 – Livro *Men Explain Things to me*



Fonte: Extraído do site de pesquisas *Google*.⁹³

(37a) [Há quem prefira utilizar Dr. Pica explica para traduzir *mansplaining*]

⁹² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=S9ngHckLkXc>. Acesso em 24 mar. 2023.

⁹³ Disponível em: <https://www.skoob.com.br/livro/resenhas/433210/mais-gostaram/>. Acesso em: 09 jun. 2023.

Com efeito, as FNs ‘homiexplicando’ e ‘macho palestrinha’, bem como o enunciado ‘Dr. Pica explica’ embora encontrem ancoragem no nome inglês ‘*mansplaining*’, passam por um processo de ‘qualificação’ e entram na dinâmica articulatória da língua portuguesa, “a partir da tensão entre uma estabilidade da unidade formal [...] pontuada na horizontalidade da ordenação do arranjo sintático” – *mans + plaining* – e na “verticalidade própria do domínio de forças a ser representado” – **tornar o debate político mais acessível**, significando a realidade linguisticamente – (DIAS, 2018, p.38). Estamos, pois, diante de uma explicação masculina que silencia a mulher, pela desqualificação parafrástica do que ela diz. Tal explicação se efetiva como desencadeadora de tensão social e produz sustentação para a dinâmica enunciativa, que joga com as regularidades linguísticas e as faz significar.

Nessa medida, podemos sistematizar nossas reflexões até aqui da seguinte maneira:

QUADRO 08 – Rede Enunciativa 08

<i>mansplaining</i>	Enunciações da/sobre a mulher	Efeito de sentido
homiexplicando macho palestrinha Dr. Pica explica	(32d) (34c) (37b) O silenciamento feminino desqualifica a fala da mulher, por meio da repetição do que ela já disse.	Ênfase na denúncia sobre a desqualificação da fala da mulher

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, falaremos da prática masculina de, além de ignorar a fala da mulher, se apropriar do que ela diz e/ou explicar o que ela já sabe, tem como principal objetivo deslegitimar os sentimentos e decisões das mulheres, considerando-os ‘loucura’.

4.1.4 Gaslighting

É um horror perder o juízo e não conseguir enxergar com clareza, tanto no sentido literal quanto no figurado – saber que não consigo pensar e que não é correta nem mesmo minha compreensão de coisas concretas tais como a idade e a aparência que tenho.

Zelda Fitzgerald

A ‘mulher louca’, ‘descontrolada’ não é uma construção apenas do último século. Como vimos, embora originalmente a palavra ‘nervoso’ tenha sido utilizada como uma característica

positiva até o século 19, à medida que os ‘nervos’ passaram a ser foco de estudos da medicina e as mulheres eram os principais pacientes observados, investigados e internados nos hospitais, essa característica foi sendo cada vez mais associada à fragilidade e à feminilidade (APPIGNANESI, 2011).

Para começar nossa análise sobre a categoria “*gaslighting*”, retomemos o Exemplo 1 de Dilma Rousseff, apresentado no primeiro capítulo.

(38)

“Os últimos dias no Planalto têm sido marcados por momentos de extrema tensão e absoluta desordem com uma presidente da República dominada por sucessivas explosões nervosas, quando, além de destempero, exhibe total desconexão com a realidade do País. Não bastassem as crises moral, política e econômica, Dilma Rousseff perdeu também as condições emocionais para conduzir o governo.”⁹⁴

O exemplo (38), oferece os seguintes efeitos de sentido

(38a) [A] presidente da República [está] dominada por sucessivas explosões nervosas.

(38b) [A presidente da República está destemperada].

(38c) [A presidente da República está desconectada] da realidade.

(38d) [A presidente da República] perdeu as condições emocionais de conduzir o país.

(38e) [A presidente da República é uma mulher louca].

Embora “mulher louca” não tenha sido utilizado no texto, todos os argumentos ali presentes apontam para o fato de que Dilma, a então presidenta do Brasil, não estava no controle de todas as suas emoções e, portanto, não deveria estar no controle do país. Esse é o principal objetivo do *gaslighting*, que ainda não tem tradução para o português, mas pode ser compreendido como uma manipulação psicológica: colocar a sanidade da mulher em dúvida para os outros e para a própria mulher, de maneira que ela duvide de si mesma, da sua memória e do seu próprio entendimento em relação ao mundo e à realidade. O termo surgiu a partir do filme *Gaslight*, de 1944⁹⁵, em que o protagonista, para ficar com o dinheiro da mulher, faz de tudo para convencê-la de que ela estava perdendo sua sanidade mental (RUÍZ, 2020).

Durante a CPI do Machismo (CPI da Covid) isso ocorreu algumas vezes. Simone Tebet foi chamada de “totalmente descontrolada” pelo ministro Wagner do Rosário. Já a senadora

⁹⁴ Disponível em https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/ Acesso em: 29 jul. de 2023.

⁹⁵ GASLIGHT. Direção: George Cuckor. Estados Unidos: Metro Goldwyn Mayer (MGM), 1944. 1 vídeo (83min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=APPjME7hOnM&ab_channel=CineAntiqua. Acesso em: 29 jul. de 2023.

Leila Barros ouviu “calma, não precisa ficar nervosa”, após tentar retomar sua fala quando foi interrompida pelo senador⁹⁶.

Estamos diante, pois, de uma nova maneira de silenciamento feminino, que articula ao nome ‘mulher’ convergentes adjetivais capazes de perspectivar a referência que esse nome aciona como algo ‘fora dos padrões da normalidade’.

QUADRO 09 – Rede Enunciativa 09

<i>gaslighting</i>	Enunciações da/sobre a mulher	Efeito de sentido
mulher louca	(38f) O silenciamento feminino coloca em jogo a capacidade mental da mulher.	Ênfase na fragilização mental da mulher

Fonte: Elaborado pela autora.

O que o texto da CPI demonstra é o cotidiano de muitas mulheres, chamadas de ‘loucas’ e/ou ‘ex loucas’ por seus atuais/antigos companheiros (de trabalho, de vida pessoal). Vale ressaltar que, mesmo quando esses homens fazem piada com a forma como nomeiam as mulheres, ainda produzem o efeito de fragilização mental para elas. É o que vemos em (39).

(39)

FIGURA 25 – Minha ex-namorada era completamente louca



Fonte: Pensador⁹⁷

Embora em um primeiro momento pareça que essa piada reforce a ideia de denúncia contidas no exemplo (38) pode-se depreender dela a seguinte paráfrase:

⁹⁶ Disponível em <https://revistamarieclaire.globo.com/Feminismo/Politica/noticia/2021/09/descontroladas-interrompidas-e-culpadas-senadoras-encaram-machismo-na-cpi.html>

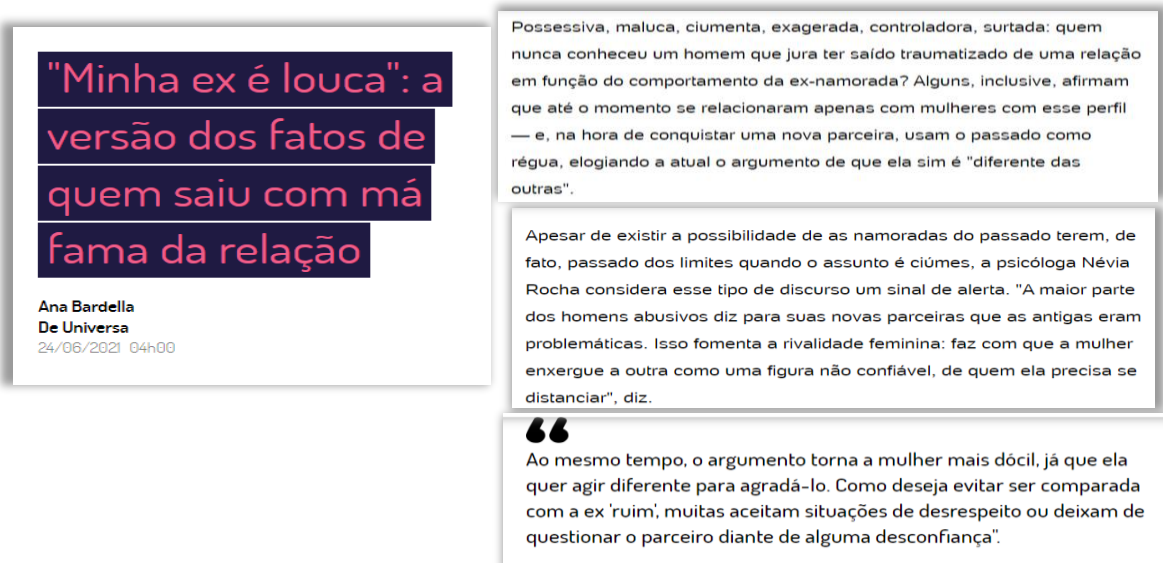
⁹⁷ Disponível em <https://www.pensador.com/frase/MzI1NTAzNA/>. Acesso em: 07 jun. 2023.

(39a) [Minha ex-namorada era louca não por causa do nosso relacionamento, mas porque ela me namorou, ou seja, ela já era louca antes de mim].

Em função disso, a denúncia sobre a problemática expressa por essa FN ocupa a internet, como podemos ver a seguir.

(40)

FIGURA 26 – Minha ex é louca



Fonte: Universa Uol⁹⁸

Ou seja

(40a) [Minha ex era] possessiva, maluca, ciumenta, exagerada, controladora, surtada...

(40b) [Você não é assim].

Mas...

(40c) [Você também será louca se não me agradar].

Com isso em pauta, as mulheres passam a fazer circular dizeres de denúncia sobre essa tentativa de fragilização mental e passam a conviver socialmente enunciados que (re)significam a 'ex louca', a 'mulher louca'. Em nossas pesquisas encontramos ocorrências, tais como:

(41) "Ele dormia com o celular no bolso, mas dizia que eu era paranoica"...⁹⁹

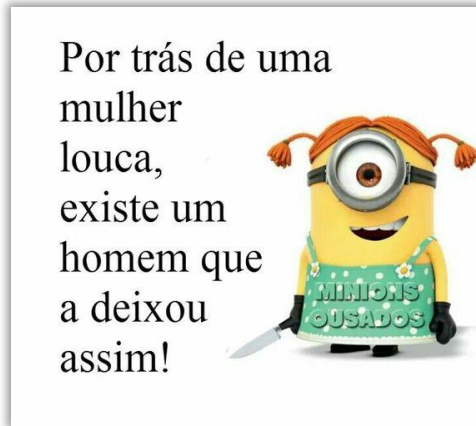
⁹⁸ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/24/minha-ex-e-louca-elas-foram-chamadas-de-malucas-por-antigos-namorados.htm>. Acesso em 07 jun. 2023.

⁹⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/24/minha-ex-e-louca-elas-foram-chamadas-de-malucas-por-antigos-namorados.htm>. Acesso em 07 jun. 2023.

(42) "Quando namorávamos, eu era 'a doida'. Depois, descobri que era traída"...¹⁰⁰

(43)

FIGURA 27 – Por trás de uma mulher louca



Fonte: Pinterest¹⁰¹

Trata-se, pois, de uma reação às enunciações que regularizam a loucura das mulheres que não atendem às expectativas masculinas. Em um movimento linguístico, as mulheres passam a construir um novo olhar sobre a realidade:

(41a) [A loucura é do homem e não da mulher.]

(42a) [O homem usa a ideia de loucura da mulher para traí-la, para abusar dela.]

(43a) [Se há uma mulher louca, foi um homem que a deixou assim.]

QUADRO 10 – Rede Enunciativa 10

	Enunciações da/sobre a mulher	Efeito de sentido
<i>gaslighting</i>	(38f) O silenciamento feminino coloca em jogo a capacidade mental da mulher.	Ênfase na fragilização mental da mulher
mulher louca	(40d), (41b), (42b) (43b) O silenciamento feminino coloca em jogo a capacidade mental da mulher.	Ênfase no combate à fragilização mental da mulher

Fonte: Elaborado pela autora.

Passemos, agora, a uma síntese do que acabamos de analisar sobre as formas de silêncio que permeiam as enunciações da e sobre a mulher.

¹⁰⁰ Idem 91.

¹⁰¹ Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/703828247993938329/>. Acesso em: 07 jun. 2023.

GRÁFICO 1 – Reflexões sobre o silenciamento feminino



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao nomearmos essa seção de nosso trabalho como “O silenciamento feminino refletido” tivemos a pretensão de realizar reflexões sobre em que categorias poderíamos situar esse silenciamento. Nos breves exemplos que trouxemos para essas análises, foi possível perceber como o silenciamento feminino se materializa enunciativamente (seja por enunciados inteiros ou formações nominais que integram esses enunciados) e, uma vez materializado, em que medida ele é denunciado e combatido. Foi possível notar, também, que o discurso silenciador, em grande parte das vezes, se produz em função do medo de que voz da mulher apareça, já que a ela sempre coube, conforme dissemos aqui, o papel da escuta, da conformação, do obediência. Isso não apenas em relação à sua voz, mas também a seus gestos, expressões e, até produções.

Dessa maneira, compreendemos, conforme Orlandi (2007), que a voz e o silêncio constituem sentido. A voz que interrompe, que se apropria, que explica o que não precisa ser explicado, marca um lugar de dizer silenciador. Esse lugar mobiliza o locutor a desqualificar a

voz feminina, a mentir sobre a capacidade dessa voz significar coerentemente a realidade. Por outro lado, em um outro lugar de dizer, o de quem é regularmente silenciada, está a mulher que tem tentado reagir e retomar o estado de palavra, de modo a resistir e a (re)construir para si mesma uma nova identidade social.

4.2 Os lugares sociais de dizer e o silenciamento feminino

Eu odeio ouvir você falar sobre todas as mulheres como se elas fossem excelentes damas e não criaturas racionais.

(Jane Austen)

Na seção anterior, analisamos como as formas de silêncio feminino se manifestam linguisticamente, a partir das categorias de *maninterrupting*, *bropropriating*, *mansplaining* e *gaslighting*. Nesse capítulo, nos propomos a cumprir os objetivos de III) analisar como esse silêncio se manifesta em diferentes posições político-histórico-sociais e IV) analisar em que medida os referenciais históricos mobilizam o silenciamento dos discursos da/sobre a mulher.

Para isso, nos embasamos nos conceitos de cena enunciativa e político na linguagem, bem como naquele que discute a concepção de referencial histórico.

Conforme apresentamos, a cena enunciativa se constitui a partir do agenciamento do falante a dizer e envolve não apenas os aspectos linguísticos, mas também o tempo em que ocorre, os papéis sociais dos participantes, as relações de poder existentes (GUIMARÃES, 2018). O sentido de uma enunciação, portanto, é afetado pelos fatores sociais, históricos e culturais, de forma que esse dizer é um dizer marcado por tensões entre o que é dito e para quem essa enunciação é dita (DIAS, 2018).

Segundo Guimarães (2018), essa contradição presente no que é dito é o político na linguagem, que demonstra a desigualdade dos falantes de uma língua, organizados em seus lugares sociais de dizer, cujo efeito é a produção de diversas formas de significar.

Para iniciar nossa análise, observemos o exemplo (44).

(44)

Durante o pronunciamento em rede nacional de Dilma Roussef nesse domingo, Dia Internacional da Mulher, centenas de brasileiros, em 12 capitais do país, foram até as janelas e sacadas dos prédios e bateram panelas para se manifestar contra a presidenta. Piscaram luzes de casa, buzinaaram nos carros e gritaram. Além do barulho da colher no teflon, foi possível ouvir xingamentos, como “vaca”, “puta” e “arrombada” direcionados à presidenta.

(...)

Jacqueline Pitanguy, coordenadora-executiva do CEPIA (Cidadania, Estudo Pesquisa, Infomação e Ação), uma ONG voltada para a execução dos direitos humanos das minorias, explica que o ódio na política faz vir à tona esse tipo de comportamento. “O que você está assistindo no Brasil hoje é uma coisa nova na nossa política, que é o ódio, diz ela. “E nesse clima de ódio, esses preconceitos que às vezes ficam maquiados, afloram”,

Essa desvalorização da mulher, paradoxalmente, não vem só dos homens. Os xingamentos deste domingo vieram também da boca de muitas mulheres, que certamente ganham menos que homens em seus trabalhos. De muitas mulheres que são constrangidas diariamente com o assédio nas ruas. De muitas mulheres que têm jornada dupla há anos. De mulheres que deveriam estar cansadas não apenas da política deste ou daquele governante, mas também de uma realidade que, de tão repetida, já se transformou em algo normal. E como, com tanta luta para ser travada ainda, é possível tornar normal xingar uma presidenta de vaca? Ou como pode ser normal uma mulher chamar outra de “puta”, para expressar a oposição à sua política? Ou o que as vacas e as putas têm a ver com isso? (...)”¹⁰².

A partir dessa reportagem, publicada em 2015, podemos perceber que como falante da língua portuguesa, Marina Rissi é agenciada a dizer a partir de um lugar social, e passa a exercer o papel de alocutora-mulher-jornalista. Ao fazer isso, instala, no centro de seu dizer marcas do político, do conflito próprio do linguístico, em uma relação dinâmica entre os lugares de enunciação. Interessante perceber que esse conflito é estabelecido por meio da reflexão sobre outros dizeres relatados pela jornalista. Dizeres que reafirmam o seu, apresentados em forma de citação direta:

(44a) Alocutora-mulher-executiva = “O que você está assistindo no Brasil hoje é uma coisa nova na nossa política, que é o ódio, diz ela. “E nesse clima de ódio, esses preconceitos que às vezes ficam maquiados, afloram”

¹⁰²Reportagem disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/09/politica/1425911342_272443.html.

E dizeres que contradizem o que ela pretende significar, postos no texto em forma de discurso relatado:

(44b) Alocutor-homem-... = “Essa desvalorização da mulher, paradoxalmente, não vem só dos homens.”

(44c) Alocutora-mulher-... = “Os xingamentos deste domingo vieram também da boca de muitas mulheres, que certamente ganham menos que homens em seus trabalhos.”

(44d) Alocutora-mulher-... = “Os xingamentos deste domingo vieram também [...]. De muitas mulheres que são constrangidas diariamente com o assédio nas ruas.”

(44e) Alocutora-mulher-... = “Os xingamentos deste domingo vieram também [...]. De muitas mulheres que têm jornada dupla há anos.”

(44f) Alocutora-mulher-... = “Os xingamentos deste domingo vieram também [...]. De mulheres que deveriam estar cansadas não apenas da política deste ou daquele governante, mas também de uma realidade que, de tão repetida, já se transformou em algo normal.”

O que chamamos atenção aqui é o fato de que a alocação destaca uma tensão entre os lugares de enunciação: alocutora-mulher/alocutor-homem e alocutora-mulher/alocutora-mulher. Embora tenhamos marcado no texto os papéis sociais de mulher-jornalista e mulher-executiva, sustentando o dizer de luta pelo não silenciamento feminino, a partir da figura da ex-presidente Dilma Roussef, ao se referir aos xingamentos proferidos durante a manifestação, Marina Rissi apaga, por meio da generalização, essa singularidade (jornalista, executiva, dona de casa, trabalhadora assalariada etc.) e instala o conflito de vozes entre mulher e homem e, mais detidamente, entre mulher e mulher. Com isso em vista, possibilita que seja observada a afirmação da desigualdade entre os iguais (GUIMARÃES, 2018).

Por que, então, embora exerçam o mesmo papel social em uma cena enunciativa (alocutora-mulher), falantes produzem significações tensionadas? Na tese que defendemos, isso ocorre em função dos referenciais históricos que são mobilizados na sustentação desses efeitos de sentido. Silenciar ou não silenciar Dilma Roussef, em falas de defesa ou de ataque, corresponde, pois, a situar-se no referencial da liberdade ou da submissão em relação à voz feminina.

Vejamos, agora, dois exemplos em que lugares sociais de dizer equivalentes – de alocutores-parlamentares – também produzem significações em conflito quando somados às posições sociais homem/mulher e sustentados por referenciais históricos distintos. Nos dois exemplos, o acontecimento enunciativo se organiza em torno da temática “08 de março – Dia Internacional da Mulher”.

(45)¹⁰³

Nesse dia de luta, de resistência, aonde uma palavra de ordem para a nossa vida em meio a essa crise é que nós possamos viver com respeito a todas, cada uma com seus corpos, cada uma a sua maneira, cada uma na sua forma de resistência diária. A todas nós, nesse dia 8 de março, ocupando apenas uma das sete cadeiras daqui do Parlamento Municipal, a gente precisa se perguntar: o que é ser mulher e o que já deixamos de fazer ou fizemos com algum nível de dificuldade pela identidade de gênero, pelo fato de ser mulher? A pergunta não é retórica, ela é objetiva e tem um cunho para que a gente reflita no dia a dia, no passo a passo de todas as mulheres e no conjunto da maioria da população como a gente fala, mas infelizmente é sub-representada. Nesse 8 de Março, o março histórico, o março que a gente fala das flores, lutas, resistências, mas o março que não começa agora, né? É muito menos apenas um mês para pautar a centralidade da luta das mulheres. A luta por vida digna, a luta pelo direito humano, a luta pelo direito à vida das mulheres precisa ser lembrada. E não é de hoje, é de séculos, e inclusive com origem em séculos passados aonde nas greves e manifestações, principalmente as russas no período pré-revolucionário, que lutaram com firmeza pelos direitos trabalhistas. (...) Na luta por demarcação das mulheres indígenas, da luta das minhas irmãs mulheres negras que vieram antes de nós, que resistiram - é absurdo que foi o período da escravidão - e a luta por toda forma, pelo fim de toda forma de opressão que se reflete no racismo, na misoginia, na luta contra o patriarcado. E assim a gente segue lutando (...). Como diria Rosa (Luxemburgo), nós mulheres lutamos por um mundo onde nós sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres na sua diversidade, mas na sua resistência.¹⁰⁴

Marielle Franco é interrompida algumas vezes durante seu discurso, em uma delas, ela diz:

(45a) Nós estamos em um processo democrático, vai ter que aturar a mulher negra, trans, a lésbica, ocupando a diversidade dos espaços.

Nesse pronunciamento, Marielle Franco, assume o papel de uma alocutora-mulher-parlamentar que fala como enunciadora coletiva porque seu dizer quer representar o dizer da mulher que há anos luta pelo direito de dizer e, conseqüentemente, pelo direito de ser. Além disso, fala do lugar de uma alocutora-mulher(negra/bissexual)-parlamentar e, assim, representa em sua fala, em certa medida, outras minorias que estão presentes no grupo significado socialmente como essa mulher. Para tanto, o domínio de mobilização que oferece pertinência

¹⁰³ Último pronunciamento de Marielle Franco, feito na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro no Dia Internacional da Mulher, em 2018.

¹⁰⁴ Disponível na íntegra <https://www.youtube.com/watch?v=fl8czAgJGUE&t=11s>

ao que ela enuncia ancora-se em um referencial de transgressão ao complexo de regulações patriarcais, racistas e misóginas que se apresentam no cotidiano social.

Na contramão do efeito produzido em (45), apresentamos o exemplo (46).

(46)¹⁰⁵

Boa tarde a todos. Hoje é o Dia Internacional das Mulheres, a esquerda disse que eu não poderia falar porque eu não estava no meu local de fala, então solucionei esse problema aqui ó.

Ele coloca uma peruca loira na cabeça antes de continuar

Hoje eu me sinto mulher, sou a deputada Nicole e eu tenho algo muito interessante aqui para poder falar. As mulheres estão perdendo seu espaço para homens que se sentem mulheres e para vocês terem ideia do perigo de tudo isso... vocês podem perguntar qual que é o perigo disso, Deputada Nicole. Eu respondo, sabe por quê? Porque eles estão querendo colocar uma imposição de uma realidade que não é a realidade. Eu, por exemplo, posso ir para a cadeia caso eu seja condenado por transfobia e porque eu xinguei, por que eu pedi para matar? Não. Porque no Dia Internacional das Mulheres há dois anos eu parabeneizei as mulheres XX. Ou seja, na verdade é uma imposição, ou você concorda com o que eles estão dizendo ou caso contrário você é homofóbico e preconceituoso. E aqui eu não estou defendendo a minha liberdade, estou aqui para poder dizer que estou defendendo a sua liberdade, a liberdade por exemplo de um pai recusar que um homem de 2 metros de altura, um marmanjo, entre no banheiro da sua filha sem você ser considerado um transfóbico. Liberdade das mulheres, por exemplo, que estão perdendo seu espaço nos esportes, estão perdendo o seu espaço até mesmo em concursos de beleza, senhores, e pensa só isso, uma pessoa que se sente simplesmente algo impõe isso pra você. A Apple por exemplo, hoje ela está homenageando no dia das mulheres um homem que se sente mulher que inclusive é um ativista da obesidade. A Rushers, por exemplo, também colocou um homem que se sente uma mulher na propaganda das mulheres. Então aqui eu vou tirar (a peruca) porque eu sou gênero fluído. E aí eu volto aqui para o Nikolas homem para poder dizer o seguinte: mulheres, vocês não devem nada ao feminismo, pelo contrário. O feminismo que exalta mulheres que nada fizeram pelas mulheres. Simone de Beauvoir que em 77 assinou uma frente pela legalização da pedofilia e a esquerda fica em silêncio e tenta ficar impondo para as mulheres que ser corajosa, ser brava, não ser uma pessoa de virtudes, isso é um monopólio da esquerda. Isso é uma mentira. Isso não é monopólio do feminismo, isso é algo humano. Ser corajoso não cabe só às feministas, pelo contrário, Maria Ruth Ester, todas essas mulheres são deixadas de lado pelo feminismo. Então, mulheres, retomem a sua feminilidade, tenham filhos, amem a maternidade, forme a sua família, porque dessa forma vocês colocarão luz no mundo e serão com certeza mulheres valorosas. Por fim, parabéns mulheres, sem vocês nós não seríamos nada. Obrigado.¹⁰⁶

¹⁰⁵ Discurso do deputado Nikolas Ferreira na Câmara, no Dia Internacional da Mulher, em 2023.

¹⁰⁶ Discurso disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZePHDgwfPMI>

Em (46), o deputado Nikolas Ferreira inicia seu pronunciamento, em tom irônico, apresentando-se, de forma caricata, não como um alocutor-homem-parlamentar, mas como uma alocutora-mulher-parlamentar, tentando produzir um jogo cênico que oferecesse força de significação ao que diria em seguida. Afinal, segundo ele, a esquerda havia dito que não poderia falar porque não estava no seu local de fala, então tentou solucionar o problema, em uma figuração de mulher.

Em nossa perspectiva isso é muito interessante porque, conforme apresentamos na análise de (44), não consideramos que apenas o papel social homem x mulher é suficiente para a produção de um ou outro efeito de sentido. O que ocorre no lugar de enunciação do deputado é um afetamento referencial, que oferece suporte institucional ao seu dizer, “tendo em vista o funcionamento histórico da sociedade” (DIAS, 2018, p.100). O parlamentar lança mão em sua fala de um referencial histórico que, ao contrário daquele que sustenta o dizer de Marielle Franco, entende que a força de uma mulher está em “retomar a feminilidade”, “ter filhos”, “amar a maternidade”, “formar família”.

É importante perceber que, em grande parte da fala, Nikolas Ferreira, põe em cena um posicionamento homofóbico, que assume o centro da discussão e desvia o foco do tema central, por ele anunciado no início de seu pronunciamento. Decorre desse fato afirmarmos que, assim como faz Marielle Franco, uma alocutora-mulher(negra/bissexual)-parlamentar, Nikolas Ferreira, um alocutor-homem(branco/heteressexual/cis)-parlamentar, produz efeitos de sentido que tentam desvalorizar outras minorias presentes no cotidiano social. Com isso em pauta, investe seu discurso de uma força referencial reprodutora de um complexo de admissões e incentivos patriarcais, racistas e misóginos.

Dessa forma, compreendemos que diferentes lugares de enunciação são determinantes na produção de efeitos sentidos, de modo a fortalecer ou enfraquecer o silenciamento feminino e que os referenciais históricos circundam esses lugares de fala, possibilitando a convergência e/ou a divergência entre aqueles que enunciam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se uma mulher tem poder, por que é que é preciso disfarçar que tem poder? Mas a triste verdade é que o nosso mundo está cheio de homens e de mulheres que não gostam de mulheres poderosas.

(Chimamanda Ngozi Adichie)

Esta pesquisa teve início a partir do questionamento **“como o silêncio se manifesta nos discursos das mulheres e sobre as mulheres?”**, pergunta que norteou todos os objetivos aqui estabelecidos, a saber: categorizar de que formas o silêncio permeia as enunciações da e sobre a mulher; demonstrar como o silêncio se manifesta linguisticamente em enunciações realizadas pela mulher; analisar como esse silêncio se manifesta em diferentes posições político-histórico-sociais; e analisar em que medida os referenciais históricos mobilizam o silenciamento dos discursos da/sobre a mulher.

Para responder a esses objetivos, estruturamos essa dissertação em cinco capítulos, além da Introdução, Conclusão e Referências Bibliográficas.

No Capítulo 1, focamos em fazer uma revisão teórica sobre os estudos já feitos acerca da construção da feminilidade e do silenciamento sofrido pela mulher, especificamente a partir do final do século 19 com as mulheres ocidentais. Esse recorte foi importante por considerarmos que a perspectiva histórica, cultural, religiosa e filosófica, que atravessa a construção da feminilidade no Ocidente e na Ásia, é diferente, de forma que as manifestações do silêncio também se dão de maneiras diferentes. Além disso, foi a partir do século 19 que feminilidade e sanidade foram aproximadas, possibilitando o entendimento de como a sociedade entende a mulher moderna e balizando, assim, nossos capítulos de análise.

No Capítulo 2, discorremos sobre os conceitos da Semântica da Enunciação, buscando relacionar o arcabouço teórico com exemplos de silenciamentos femininos. Iniciamos, portanto, apresentando uma reflexão sobre dizer na enunciação, discorrendo acerca conceitos que abrangem fundamentos importantes para uma semântica de bases enunciativas, tais como: domínio de mobilização, referencial histórico, pertinência enunciativa e espaço de enunciação. Tais fundamentos são constitutivos do acontecimento enunciativo e participam efetivamente do processo de significação. Em seguida, lidamos com os aspectos mais estruturais da teoria – as articulações subnominais, intranominais, internominais e a formação nominal (FN).

Em relação às articulações intranominais, ousamos lançar um novo olhar para os processos de flexão e derivação entendidos pelos estudos de base tradicional da gramática. Pelo

nosso entendimento, alguns tipos de flexões podem, sim, ser significados como uma derivação, já que ambos seguem os mesmos critérios formativos – a agregação de afixos.

No Capítulo 3, descrevemos o processo de seleção do *corpus* em dois procedimentos diferentes de análise, para cumprir objetivos distintos: a sondagem (GUIMARÃES, 2018, 2023) e as redes enunciativas (DIAS, 2018). Em nossa proposta, demonstrada na Seção 4.1, tais procedimentos foram associados e percebidos como complementares para a observação dos resultados da pesquisa.

Já no Capítulo 4, demos início à nossa análise dos dados selecionados, nos focando em responder primeiro dois dos objetivos específicos: I) categorizar as formas de silêncio que permeiam as enunciações da e sobre a mulher e; II) demonstrar como o silêncio se manifesta linguisticamente em enunciações realizadas pela/sobre mulher. Dessa forma, dividimos o capítulo em quatro seções, de modo a que cada uma correspondesse a uma categoria de análise. Essa divisão foi apenas didática, visto que os silenciamentos, na prática, na maioria das vezes, não ocorrem separadamente.

Percebemos, pela análise, que as enunciações sobre o silenciamento feminino apontavam ora para uma fragilização da fala feminina – e com isso uma possível justificativa para o silenciamento acontecer – ora para uma denúncia ou resistência a esse silenciamento.

Na análise da categoria *maninterrupting*, foi possível notar que a interrupção masculina é um tipo de silenciamento da mulher, que apresenta certa regularização social e configura-se como um mecanismo de banalização da fala dessa mulher. Dessa maneira, seja em enunciações da própria mulher silenciada, seja naquelas que discutem o silêncio feminino, há um conflito cujos efeitos de sentido manifestam-se tensionados pelo jogo entre a manutenção e a extinção desse silenciamento.

Ao analisar a categoria *bropropriating* notamos que o silenciamento nem sempre tem origem em uma interrupção explícita do dizer. Vimos que, às vezes, ele se configura como uma apropriação, que “rouba” o protagonismo do sentido, que deveria ser conferido à mulher. Cala essa mulher porque lhe tira a voz quando lhe tira a ideia. Mais uma vez corresponde a um apagamento social pela negação da palavra.

Quanto à categoria *mansplaining*, foi possível encontrar algumas FNs como “homie explicando”, “macho palestrinha” e “Dr. Pica Explica”, que já materializam, de maneira mais efetiva, o que essa forma linguística significa em Língua Portuguesa. *Mansplaining* tem passado por um processo de “qualificação” articulatória, a partir de sua entrada no Português, de modo a tornar o tensionamento político, próprio do linguístico, mais acessível e mais próximo da realidade enunciativa dos falantes dessa língua. “Macho palestrinha”, por exemplo,

continua sendo aquele que desqualifica parafrasticamente a fala de uma mulher, tal como *Mansplaining*, entretanto, aqui, língua(s) e falante(s) se apresentam em uma dinâmica própria constituída em seus espaços de enunciação específicos.

Sobre a última categoria, *gaslighting*, foi possível perceber que diz respeito à prática social de questionar a sanidade da mulher para invalidar sua fala, de maneira que ela duvide de si mesma, da sua memória e do entendimento que apresenta em relação ao mundo. Normalmente, ao nome “mulher” é agregado o convergente adjetival “louca”, que a perspectiva como alguém “fora dos padrões da normalidade”. O silenciamento ocorre, pois, a partir de um efeito de sentido enunciado, que passa a ser a identidade assumida por ela em sociedade. Uma vez “louca”, ela perde a credibilidade e tende a se calar.

A análise do silenciamento feminino a partir dessas categorias possibilitou perceber que o papel social da mulher se efetiva, dentre outras maneiras, pelo tensionamento entre a voz e o silêncio. Dessa forma, podemos compreender que a significação, como um elemento de organização social, não se dá apenas pela materialização do dito mas, também, pela relação estabelecida entre o dito e o não dito.

Em seguida, na Seção 4.2, nos propusemos a responder os objetivos III – analisar como esse silêncio se manifesta em diferentes posições político-histórico-sociais – e IV – analisar em que medida os referenciais históricos mobilizam o silenciamento dos discursos da/sobre a mulher. A análise feita possibilitou perceber que, embora os lugares de enunciação, em uma cena enunciativa sejam determinantes na produção dos efeitos de sentido que mobilizam ou (des)mobilizam o silenciamento feminino, é necessário que a eles sejam agregados os referenciais históricos que ancoram os dizeres ali constituídos, uma vez que é possível ocupar um mesmo lugar de dizer e, ainda assim, produzir significações divergentes sobre o silenciamento feminino.

Por fim, gostaríamos de dizer que o estudo sobre o recorte aqui apresentado nos levou a sistematizar que o papel social assumido pela mulher se funda em dois referenciais históricos bem distintos: o da submissão e o da liberdade.

O referencial da submissão seria o ideal de mulher, na visão patriarcal sustentada pelos homens e para os homens em diferentes momentos da sociedade e que ainda tem eco na sociedade contemporânea. A mulher ideal aos olhos dos homens, de certa forma, evoca o ditado popular “por trás de um grande homem, existe uma grande mulher” que fica em casa, cuida da família, cuida de si, mas não o bastante para chamar a atenção, já que, como afirma Perrot (1998), não cabe às mulheres falarem de assuntos polêmicos, mas sim proteger o lar e a família, a partir dos manuais de comportamento (elaborado por homens).

Já o referencial de liberdade, apesar de movimentar as mesmas condições sócio-históricas, apresenta-se a partir de um outro lugar social de dizer – o lugar da militância, da rebeldia das mulheres que saíram de casa e foram às ruas lutar pelos seus direitos, o lugar do feminismo. Beard (2018) aponta que a mulher, na política, precisa se vestir de uma espécie de armadura para ser respeitada – a maioria aprende a engrossar a voz e escolhe ternos ao invés de outros tipos de roupas, ou seja, de certa forma, essa mulher precisa ter características culturalmente entendidas como masculinas, como a guerreira Atena.

Aqui cabe ressaltar que não há, para o feminismo, nada de errado com a mulher que escolhe ficar em casa, ser recatada ou seguir os manuais de comportamento. A problemática posta é que essa escolha é reforçada pela sociedade patriarcal, criada pelos e para os homens, de forma que parece ser natural – como argumenta Perrot (1998), a postura feminina é a de escutar mais do que falar, submeter-se mais do que se posicionar. O que se evoca com o referencial da submissão e machista, é a noção de que o lugar da mulher é em casa – ou, como foi analisado antes nessa dissertação, na cozinha, lugar em que elas serão mulheres de valor.

Com base nas discussões de cada objetivo específico, podemos perceber que, embora o contexto sócio-histórico seja o mesmo – o patriarcado –, os discursos que se apresentam ora se colocam como reforço, ora como resistência a essa ideia. Com efeito, se esse tensionamento ocorre e se manifesta na e pela língua, esperamos, pois, que, a cada dia mais, possa ser enunciado, com força de regularização, um efeito de sentido que fortaleça o referencial da liberdade e descaracterize o da submissão. Entendemos que, só dessa forma, o lugar do silêncio como imposição será substituído pelo lugar da palavra (ou do silêncio como escolha) e a mulher assumirá, portanto, o papel de protagonista no cotidiano social.

REFERÊNCIAS

- APPIGNANESI, L. **Tristes, loucas e más: a história das mulheres e seus médicos desde 1800**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BEARD, M. **Mulheres e poder: um manifesto**. São Paulo: Planeta Brasil, 2018.
- BENVENISTE, E. Estrutura da língua e estrutura da sociedade. (1968). *In*: BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 93-104.
- BRYER, J. R.; BARKS, Cathy W. **Querido Scott, querida Zelda: as cartas de amor de Scott e Zelda Fitzgerald**. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CLINE, Sally. **Zelda Fitzgerald: the tragic, meticulously researched biography of the Jazz age's high priestess**. Nova York: Arcade, 2012.
- DALMASCHIO, L. Memória enunciativa: caminhos, movimentos, orientações de sentido. *In*: **III SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE DISCURSO E APRESENTAÇÃO (III SEDIAR)**. Anais. Ilhéus: Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, 2016.
- DAVIS, N. Z. A mulher na política. *In*: DUBY, G; PERROT, M; FARGE, A; DAVIS, M. Z. **História das mulheres no ocidente**, v. III – Do renascimento à idade moderna. Porto: Afrontamento, 1989.
- DIAS, L. F. Enunciação e forma linguística. **Revista de Estudos da Linguagem**. v. 21, 2013a, p.223-238. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5098>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- DIAS, L. F. Pertinência enunciativa e sustentação referencial: nos limites do sintático e do semântico. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 389-398, 2013b. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/3855>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- DIAS, L. F. Sentido e enunciação: a atualidade do conceito de acontecimento na Semântica. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, v.13, n.1, p. 220-248, junho de 2015a. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1291>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- DIAS, L. F. Acontecimento enunciativo e formação sintática. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, nº 35, jan-jun 2015b. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao35/artigo5.pdf>. Acesso em: 27 jul. de 2023.
- DIAS, L. F. **Enunciação e relações linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- DINI, P. Prefácio. *In*: Dini, P. TIMM, B. **Batman: Louco amor e outras histórias**. Barueri: Panini Brasil, 2017.

FARGE, A., DAVIS, N.Z. Ela, de quem tanto se falou. In: DUBY, G; PERROT, M; FARGE, A; DAVIS, M. Z. **História das mulheres no ocidente**, v. III – Do renascimento à idade moderna. Porto: Afrontamento, 1989.

FREUD, S. **Estudos sobre a histeria**. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.2.

FREUD, S. **Primeiras publicações psicanalíticas**. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1893-1899/1996, v.3.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2002.

GUIMARÃES, E. **Semântica: enunciação e sentido**. Campinas: Pontes Editores, 2018.

GUIMARÃES, E. Sobre teoria e método em semântica da enunciação. In: **Língua e Instrumentos Linguísticos**. Campinas/SP, v. 26, n. 51, jan./jul.2023. p. 116-134. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671816>. Acesso em: 18 jun. 2023.

HEMINGWAY. E. **Paris é uma festa**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GONÇALVES, E. C. (2019). Vozes femininas silenciadas: o jornalismo literário de Svetlana Aleksievitch como resistência à espiral do silêncio produzida pelo patriarcado. **Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, 6(2), 3-19. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/14704>. Acesso em: 27 de jul. de 2023.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo. 2016.

LE GOFF, J. Memória. In: LE GOFF. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução Luiza Sellera. SP: Cultrix, 2019.

MOORE, H. Prefácio à edição americana de 1968. In: FITZGERALD, Zelda. **Esta valsa é minha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

PRADO, C. H. do. Poder e resistência nas relações de gênero: o silêncio como instrumento. **Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, v. 2, n. 4, p. 55-71, 2011. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/81>. Acesso em: 27 de jul. de 2023.

PEREZ, O. C.; RICOLDI, A. M. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: **Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP)**, 2019.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 1998.

PERROT, M. Introdução. *In*: DUBY, G; PERROT, M; FARGE, A; DAVIS, M. Z. **História das mulheres no ocidente**, v. 3: Do renascimento à idade moderna. Porto: Afrontamento, 1989.

PERROT, M. Sair. *In*: In: DUBY, G; PERROT. **História das mulheres no ocidente**, v. 4: O século XIX. Porto: Afrontamento, 1991.

PIMENTA, D. Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica. **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 8, n. 1, p. 8-19, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/18900>. Acesso em: 27 jul. 2023.

RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RUÍZ, E. Cultural Gaslighting. **Hypatia**, v. 35, n. 4, p. 687-713, 2020. Disponível em: <https://philarchive.org/rec/RUZQG>. Acesso em: 27 de jul. de 2023.

SAINI, A. **Inferior é o car*lho**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2020.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.